



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

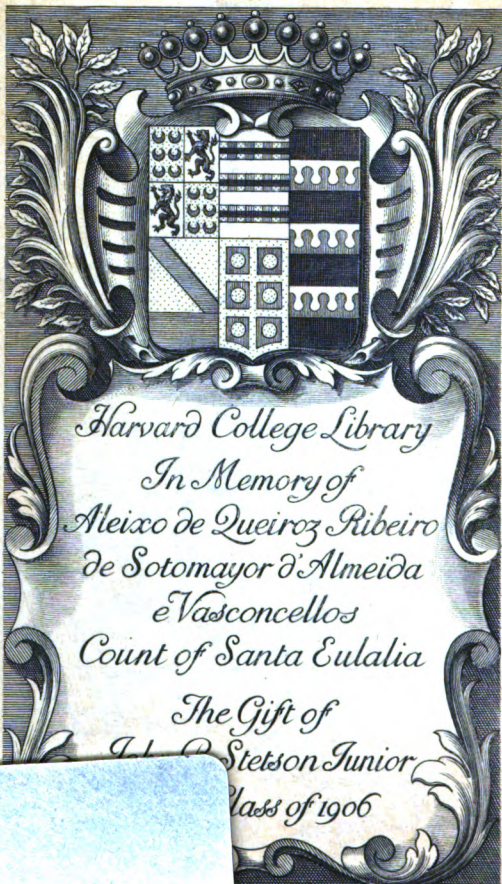
- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>



Port 5912.1



Harvard College Library

In Memory of

Aleixo de Queiroz Ribeiro

de Sotomayor d'Almeida

e Vasconcellos

Count of Santa Eulalia

The Gift of

A. P. Stetson Junior

Class of 1906

OBRAS

DO

VISCONDE DE ALMEIDA GARRETT

TOMO III

SEGUNDO DO THEATRO

OBRAS LITTERARIAS

DO

VISCONDE DE ALMEIDA GARRETT

THEATRO :

Tomo I — Catão.

- » II — Merope, Gil Vicente.
- » III — Frei Luiz de Sousa.
- » IV — D. Philippa de Vilhena.
- » V — A Sobrinha do Marquez, As prophcias do
Bandarra, Um Noivado no Dáfundo.
- » VI — O Alfageme de Santarem.

VERSOS :

Camões.

D. Branca.

Lyrical.

Fabulas, Folhas cahidas.

Flores sem fructo.

Romanceiro, 3 vol.

O retrato de Venus.

PROSA :

Viagens na minha terra, 2 vol.

O Arco de Sanct'Anna, 2 vol.

Portugal na Balança da Europa.

Da Educação.

Helena (romance).

Discursos parlamentares e Memorias biographicas.

Escriptos diversos.

Acham-se á venda na Imprensa Nacional
e principaes livrarias do Reino

THEATRO

DO

VISCONDE DE ALMEIDA GARRETT

II

MEROPE, GIL VICENTE

QUARTA EDIÇÃO



LISBOA

IMPRESA NACIONAL

1880

Post 5912.1

✓

HARVARD COLLEGE LIBRARY
COUNT OF SANTA EULALIA
COLLECTION

GIFT OF
JOHN B. STETSON, Jr.

MAR 3 1925

MEROPE

Tinha dezoito annos quando fiz ésta tragedia; foi nos meus últimos tempos de Coimbra, tempos de memoria saudosa porque eram todos de innocencia e de esperanza. Não sei se é por isso que ainda tenho amor a tam imperfeito insaio, e me não atrevo a quemá-lo, como fiz a tantos versos e a tantas prosas da minha criancice. Mas parece-me que não, e que só o conservo pela sincera vontade de mostrar como comecei a ingatilhar na carreira dramatica com as andadei-

ras classicas e aristotelicas que a ninguem se tiravam ainda então em Portugal.

Romantismo, ca o houve sempre; essa molestia se tal é, esse andaço de bexigas, como já lhe ouvi chamar, nunca sahio da nossa peninsula. Mas a vaccina, como a prepararam Goëthe e Scott, essa é que não havia; e creio que fui eu que a introduzi.

Deus me perdoe se fiz mal. Já comêço a desconfiar que sim. Vejo tanta bexiga negra e maligna, vejo morrer d'ellas tanto rapaz de esperanças!

Ora! — ninguem morre senão quem tem de morrer. — Morriam a fazer odes pindaricas e sonetos de annos, que é a molestia mais nojenta, e a morte mais semsabor que ha. Ao menos este delirio da febre romantica faz dizer, com muito desvario, muita cousa d'espírito, sublimidades ás vezes.

Sempre foi bom vacciná-los; nunca hão de morrer todos. E a molestia ja nos andava no sangue. Eu sentia-a em mim; e agora que passei pelos olhos ésta *Merope*, acho-lhe bem visiveis os symptomas.

De proposito a corrijo pouco, ja que a dou ao público, não como obra litteraria, senão como documento de historia litteraria.

Leam-n'a com indulgencia.

Digo que tinha dezoito annos quando escrevi a **MEROPE**. Mas tinha dôze quando comecei a pensar n'ella. Estava eu na ilha Terceira, e cheio de presumpções de hellenista porque um sancto velho que alli havia, o Sr. Joaquim Alves — excellente homem que usava do mais exquisito barrete e da melhor marmelada que ainda se fez — me tinha feito intender quatro versos de Homero. Tive a confiança de querer ler Euripides no original; e com o auxilio do Padre Brumoy, cheguei a conhecer soffrivelmente algumas das suas tragedias. Não cabia em mim de contentamento e de enthusiasmo. Euripides era o maior tragico do mundo: — ja se vê porquê.

—E mais falta o seu melhor drama que se perdeu — me dizia o bom do velho — a **MEROPE** isso é que era tragedia!

Que pena perder-se a **MEROPE!** scismava eu noite e dia.

Havia alli tambem n'aquella minha saudosa ilha Terceira outro velho que me ajudou a criar, e a quem devo quasi tudo o que sei: era meu tio D. Alexandre que não gostava de Euripides, — barbaro! — nem accreditava na minha sciencia hellenica, — incredulo! — e que, de mais a mais, um dia me fez perder as minhas tão caras e doces illusões, dizendo-me que no theatro inglez e no castelhano havia melhores coisas que nos classicos de Athenas.

— «Mas não ha uma Merope como aquella de Euripides que se perdeu.» — «Não; mas ha em Italiano a de Maffei, que tem toda a simplicidade, elegancia e regularidade antiga, sem aquellas declamações tam seccantes do teu Euripides.» — «Em Italiano! tomára eu lê-la.» — «Pois tambem ja tu sabes Italiano?» — «Sei, sim, senhor, li um volume inteiro de Goldoni e alguns tres de Metastasio.»

Era verdade: não me lembra como achei,

mas recordo-me que devorei logo uns tomos truncados d'aquelles theatros, e fiquei-me tendo por tam bom toscano como um academico da Crusca.

Andava ja dos oitenta por deante o honrado velho de meu tio; outras vaidades do mundo não lh'as conheci, era religioso verdadeiro, e digno successor dos apostolos; mas em se fallando em litteratura, valha-me Deus!

— «Pois em Italiano não o tenho, me disse elle, nem t'o dava se o tivesse, que o não intendias. Mas em Portuguez aqui tens: está traduzido fielmente.»

E tirou, de uma estantesinha baixa que tinha ao-pé de si, um pequeno volume manuscripto que eu me fui logo ler com toda a ância.

A traducção era d'elle; não gostei, mas não lh'o disse. Nem gostei muito da tragedia: despida d'aquelle interesse que a difficuldade de as intender e o prestigio da antiguidade me fazia achar nas peças gregas, a admiravel e primorosa composição de Maf-

fei não era para a avaliar e intender um fe-
delho como eu; não me fez impressão algu-
ma: jurei que era um assumpto estragado.
Mas o assumpto achei-o bello, e tive o atre-
vimento de imaginar que havia de aprovei-
tá-lo eu.

Outras imprezas e projectos de não me-
nos ridicula ousadia livraram por então a
pobre Merope das minhas mãos. — Vim para
a universidade: os primeiros dois annos não
fiz versos nem li poetas; tive a coragem de
pôr o meu espirito em dieta de direito ro-
mano, coisa utilissima; depois tomei uma in-
digestão de Filangieri e de todos os publi-
cistas que então eram moda em Coimbra,
coisa não só inutil, mas perniciosissima! —
E o que mais é, a ninguem disse, ninguem
soube que eu tinha a desgraçada manha de
poeta.

Deus perdoe aos meus respeitaveis mes-
tres, o sr. José Vaz que no primeiro anno,
e o sr. Trigozo que no segundo, me não de-
raram o premio que eu de certo mereci. — Ti-
nham feito um veneravel palheirão jurista

de mais, e um jan-ninguem de um poeta de menos.

Tambem teve sua culpa o sr. Honnorato quando, em meu despeito com as faculdades juridicas, me fui fazer mathematico. A algebra é bom contraveneno para os impeçonhados de poesia; mas hade ser dado com geito e tento. Quiz-me fazer ingulir dózes muito grandes, não me pôde o estomago com ellas. Zanguei-me, fiz-lhe um soneto, mostrei-o, acharam-lhe graça, — fiquei perdido.

Jacta est alea; fui declarado poeta «em plenos Geraes», e destampeí a fazer versos como um desalmado de dezaseis annos que eu era.

Mas pensam lá que o fedelho ia ao modesto soneto, ou se ficava na ode pindarica? Agora: calçou o cothurno sem mais cerimonia e poz-se a fazer tragedias que era uma lástima.

● Os «Persas» d'Eschylo ja eu tinha, havia mais de quatro annos, imbrulhado e desconjunctado em uma coisa de cinco actos

que alcunhára de tragedia com o nome de *Xerxes*. Fui-me a ella, inchei-lhe mais os versos, assoprei-lh'os á *bocageana*, e fiz um portento que alguns rapazes meus amigos representaram logo entre os applausos de toda a academia.

Perdeu-se essa obra prima em uma das muitas mãos por onde andou a copiar. (Todos queriam uma cópia d'aquelle prodigio!) E é pena, que muito me havia de divertir agora!

Fiz uma Lucrecia — e representou-se! oh que Lucrecia! — Fiz um *meio* Affonso de Albuquerque, um *quarto* de Sóphonisba, uma Atala quasi toda, e não sei quantas coisas mais; mas foram muitas, as que eu *comecei* pelo menos.

N'isto li o Alfieri e o Ducis.

O classico e severo italiano tinha sido mordido do romantismo em Inglaterra, que, sem elle o confessar nem o admittir, lhe transuda nas proprias austeras feições da sua Melpomene toda romana.

O bom velho Ducis aspirava a ser roman-

tico; poeta republicano queria abjurar o servilismo de Racine e philosophar mais que Voltaire; levantou-se com Shakspeare para revolucionar o theatro da França, e «tomar a Bastilha» de Aristoteles. Mas o throno de Luiz XIV era mais forte em litteratura que em politica; Ducis o mais que pôde fazer foi «rodeá-lo de instituições republicanas.» — A Convenção para as lettras so veiu ha poucos dias com os poetas *jeune-france*.

Mas aquelles dois tragicos transtornaram as minhas ideas dramaticas. Perdi toda a fe nas crenças velhas, e não intendia as novas nem acertava com ellas.

N'este estado compuz a **MEROPE**. Reminiscencias de Maffei e dos classicos antigos, aspirações a um outro modo de ver e de fallar que eu presentia mas não distinguia ainda bem, saudades da eschola de que fugia, esperanças n'aquella para que me chamavam, dúvidas e receios, verdadeiras incertezas de uma transição, tudo isso trabalhou na **MEROPE**. As fórmulas são classicas: eu não concebia outras; — ainda hoje me pa-

rece que são as melhores — : o resto não sei o que é, é uma coisa de criança em todo o sentido, e como tal deve ser avaliada.

Ja disse que a corriji pouco agora : esse pouco foi no stylo e na linguagem, no-pensamento nada.

Não chegou a representar-se nunca : estavam insaiados os primeiros tres actos quando veiu a revolução *de vinte* ; poeta e actores e spectadores e o nosso theatrinho, tudo absorveu a excommungada politica.

D'ahi a pouco intentei e comecei o Catão.

Dedico ésta obra de criança a minha mãe. A pobre intrevadinha no seu leito de dores está agora rezando por mim de certo. Muita lagryma e muita oração lhe tem custado este filho tam estremecido e tam mal aproveitado! Chegará ella a saber que sanctifiquei com o seu nome éstas ociosidades? Minha mãe ainda foi d'aquellas senhoras portuguezas-velhas que ja não ha. Lia, sabia, prezava as coisas de arte ; mas não fallava em livros senão comnosco ; não brilhou nunca no mundo : *domum mansit, lanam fecit*. Governava

a sua casa, cozia os filhos, ensinava-os de palavra e de exemplo: austera consigo, indulgente com os outros, a sua virtude não dava nos olhos, mas entrava pelo coração.

Não sei por que desgraça, hoje n'este peção de vícios em que andâmos sumidos, alguma rara luz de virtude que apparece, asopram-n'a tanto que fere os olhos á gente e ainda nos cega mais. — Digo-o principalmente do bello-sexo que é tanto mais bello com a virtude, — mas não hade fazer tregeitos...

Lisboa, 12 de Agosto de 1841.

A MINHA MÃE
D. ANNA AUGUSTA DE ALMEIDA LEITÃO

DEDICO

**ESTA TRAGEDIA, QUE FOI O MEU PRIMEIRO
PENSAMENTO DRAMATICO**

MEROPE

TRAGEDIA

MDCCCXX

PESSOAS

MEROPE.
EGISTHO.
POLYPHONTE.
POLYDORO.
O SUMMO SACERDOTE.
POVO.

Sacerdotes, sacrificadores, soldados,
sequito do rei

Logar da scena—Messenia.

ACTO PRIMEIRO

No fundo um peristylie de templo cujas portas devem ser espaçosas de modo que, abertas, se veja claramente o interior do templo; á direita um mausoleo; á esquerda o palacio real. — É a mesma vista em todos os actos.

SCENA I

O SACERDOTE

(Abrem-se as portas do templo: por ellas sai e desce gravemente as escadas do peristylie até meio da scena, antes de fallar)

Emfim approve ao ceo colmar de todo
Nossas desditas ja. — Prostrou-se o throno,
Succumbiram as leis, o altar vacilla,
E o crime triumphou. . . — Os deuses justos

O quizeram assim! Oh, não me atrevo
A prescrutar seus eternaes decretos...
É culpado o mortal se o ceo castiga;
Sim, mas não veda ao triste o lastunar-se;
As lagrymas do afflicto não são crime,
Nem sacrilegio do infeliz os rogos.
Tu os ouves, suprema divindade,
E permittes que ao throno omnipotente
As coxas preces do infeliz que chora
Cheguem a apiedar tua justiça.
Ah! do teu sacerdote ouve hoje o rôgo,
Deus da terra e dos ceos, deus meu, attende,
Por mim d'um povo inteiro ouve o gemido.
De Messenia infeliz escuta o brado,
Sôbre ella estende a dextra poderosa,
Volve os olhos de pae a seus flagellos.
De sobejo correu o sangue a jorros,
A milhares as victimas cahiram
De tuas íras. — Misero Cresphonte!
Elle era nosso rei; mais que monarcha,
Foi tambem nosso pae terno e piedoso.
Nada o salvou das sanguinosas garras
De ingrata rebellião. Viu moribundo,
Por entre as sombras da vizinha morte,

Punhaes traidores a rasgar-lhe os seios
Dos filhinhos sem culpa. . . Viu—e a morte
Esperou com o golpe derradeiro
Que a vista horrivel lhe ferisse os olhos! —
Viu á frente dos subditos rebeldes
Polyphonte, o traidor, o ingrato, o monstro
A quem fizera grande entre o seu povo,
A quem de honras e dadas colmára,
Lançar aos nobres pulsos da consorte
Affrontosos grilhões em vez do sceptro.
Oh rainha infeliz, misera espôsa,
Mais desgraçada mãe, Merope . . . — Ai triste,
Ei-la ahi a mesquinha em seu fadario
De gemer e chorar—sôbre esse tumulto
Do espôso, que, não sei por que milagre
Do ceo, ou por que ingano de piedade
No tyranno, inda ahi lh'o deixam, inda
Essa última memoria das virtudes
Passadas, esse extremo monumento
Da realza proscripta — o não sovertem
Na voragem que tudo o que era sancto,
Illustre, nobre ahi tem devorado
N'esta votada terra de Messenia.
Ella chega. Deixemo-la á vontade

Desaffogar suas mágoas.

(Retira-se para dentro do templo, e cerra meia porta.)

SCENA II

MEROPE

(Entra cautelosamente, e não vendo ninguém,
vai direita ao sepulchro)

Ai! ainda

Me ficou este último refúgio!
 Posso inda a furto vir aqui sósinha
 Minhas mágoas carpir, desabafá-las
 Com éstas frias lages, menos duras
 Que o duro coração do meu tyranno!
 Sulcadas estão ja por minhas lagrymas,
 Que, tres contínuos lustros, fio a fio,
 Me tem corrido o pranto d'estes olhos. . .
 Sombra adorada do infeliz consorte,
 Não te applaquei ainda. . . As tuas cinzas
 Bem as sinto volverem-se no tumulo. . .
 Ah, sim, mais do que pranto exige o espôso.
 Sangue?—Sangue terás—não de vingança:
 Vedam-me esse prazer os ceos mesquinhos;
 Mas o meu, o meu sangue n'este marmore,

Em sacrificio extremo derramado,
 Hade ir em breve saciar-te os manes,
 E unir aos teus meu fado eternamente.
 Ha muito... mas sou mãe. Oh! tu, que foste
 Tam estremo pae, tu bem me intendes.
 Sou mãe, e esta lembrança me conserva
 O debil fio que me prende á vida.
 Meu filho! minha esperança derradeira,

(Assustada e abafando a voz)

Meu filho!... Oh! se me ouvisse alguem agora...
 Se Polyphonte... oh ceos! Eu rodeada
 De espias, delatores ando sempre.
 Se me ouviriam?... vejo alli um vulto...
 Um homem... É um homem. Sanctos deuses,
 Agora sim, que a minha hora extrema
 De desgraça chegou!

(Caha debruços sobre o tumulo.)

SCENA III

MEROPE, O SACERDOTE caminhando para ella

SACERDOTE

Não, ó rainha,
 Socega, não te ouviram os espias

Do tyranno. Viuva de Cresphonte,
 Tuas lagrymas cahiram no meu peito;
 E n'este coração jazida eterna
 Teus segredos terão, em quanto os deuses
 Me não derem que possa quebrantá-los,
 Que possa a este povo de Messenia
 Liberdade bradar, mostrar-te a elles,
 Mostrar-lhes o seu rei, teu filho...

MEROPE

Filho!

Filho meu! — Ah! ouviste-me, e conheces
 O meu segredo.

SACERDOTE

Sei-o ha muito, Merope.

MEROPE

Oh! mas tu es ministro dos altares,
 Não hasde... Bem o sei, sei que não hasde
 Atraiçoar-me: oh! sei. — Tenho inda um filho,
 É verdade, é verdade; existo ainda
 N'esse último resto do meu sangue.
 Oh, quizera incubrir este mysterio
 De mim propria — de mim, que tenho medo,
 Medo de meu amor não me atraiçoae,

Não me revele n'um suspiro o filho.
 Temo que os olhos do tyranno astuto
 No pranto maternal m'o não descubram.
 Oh! quantas vezes suffoquei no peito,
 Nos olhos m'o inchugou a mesma causa
 Que o fizera nascer! É o meu filho,
 O último, ves tu?—E o espôso, e os outros
 Filhos, e tudo o que perdi. . . ai n'este,
 Tudo tórno a perder se o perco agora.

SACERDOTE

Tem bom ânimo, ó Merope, confia
 Na clemencia dos deuses: sua cholera
 Hade abrandar-se emfim; espera n'elles.

MEROPE

Ah, que posso esperar dos ceos ainda?
 Persegue-me a sua ira injusta, ha tanto,
 Sempre, sempre! Tiraram-me o espôso,
 Os filhos! . . .

SACERDOTE

Inda um filho te deixaram,
 Ainda t'o conservam.

MEROPE

E é clemencia;
Da piedade do ceo são beneficios
Os males que não fez?

SACERDOTE

Rainha, escuta,
Ouve a amizade candida e sincera
Que te falla sem vans hypocrisias.
Eu nunca fiz troar por minha bôcca
Os deuses, a quem sirvo na humildade
D'este meu coração onde não tenho
Menos o amor dos homens que o dos numes.
Mas no ceo, ó rainha, não se medem
Pela nossa medida os bens e os males.
Da eterna justiça não sabemos
Avaliar nós as razões. Soffre, geme,
Resigna-te, supplica, e tem bom ânimo:
Talvez não tarde seu favor celeste;
Porventura . . .

MEROPE

Oh! conservem-me o meu filho,
Não lhes peço mais nada,

SACERDOTE

E ja te ouviram :

Salvaram-t'ó das garras do tyranno.
Foi um prodígio seu. Nem eu concebo
Como, no denso horror d'aquella noite,
Por entre os ferros da impia soldadesca,
Como podeste subtrahi-lo á morte.

MEROPE

Ah! que ainda o coração me estalla e sangra
Co'a lembrança de horror! Tenho presentes,
Volvem-me n'alma as pavorosas scenas
Inda tinctas no sangue d'essa noite.
Vejo-o. . . E ja tres lustros são passados,
Vejo em meus braços semimorto o espôso. . .
Do peito inda a bulhões lhe salta o sangue. . .
Vejo das roxas, horridas feridas
A pouco e pouco a vida esvaecer-lhe,
Oíço-o balbuciar no último arranco:
«Espôsa, os filhos. . .» E ao dizer que os salve,
Cortou-lhe a morte a voz. — Sôbre o cadaver
Que me esfria nos braços, e entre os tristes
Os lastimados beijos com que o cubro,
Queria alli morrer. Mas dentro n'alma

Me brada que sou mãe a natureza.
Corro aos filhos... Ai triste! sinto ainda
O que não podem nem dizer palavras
Nem conceber o espirito. — Impiões ferros
Os membros infantis lh'atassalharam.
Abraço-os um e um... Ja não respiram.
Uma tinha ainda o punhal cravado
No seio. Arranco-lh'o... E ja curvo o braço
Para morrer alli... Mas inda quero
Cevar os olhos outra vez, fartar-me,
No espectaculo horrivel. Fitto-os, vejo...
Grandes deuses, que vi! Um de meus filhos
C'um gemido de dor me estende os braços:
Como aquelle gemido me entrou n'alma!
Como outra dor, tammanha mas diversa,
Me revirou o coração no peito...
Não sei; mas um apêgo tal á vida,
Um medo de morrer tammanho, nunca
O sentira jamais. Accudo ao filho;
Inda respira, fôra levê o golpe:
Penso-lhe a chaga pouco funda e tenue,
Co'elle em meus braços á ventura corro
Pelas desertas salas do palacio.
Guia-me um deus: incontro Polydoro,

Do meu Cresphonte o mais fiel amigo:
 O tempo foge... eu debruçada em pranto
 O precioso pinhor nas mãos lhe intrego;
 E: «Foge, foge (só lhe disse) longe
 «De Messenia, vai, leva-o, corre, parte,
 Guarda-o á triste mãe...» — Ia por deante,
 Mas o amigo fiel ja me não ouve;
 Voava: protegeu-o o ceo propicio,
 Os passos lhe escudou, salvou-me o filho;
 E em Élide ambos vivem. — Eu...

SACERDOTE

Silencio,

Que ahi vem o tyranno. Vejo os guardas
 E o numeroso sequito que sempre
 O rodea.

MEROPE

Não posso ja fugir-lhe.

SCENA IV

MEROPE, O SACERDOTE, POLYPHONTE,
 SEQUITO, GUARDAS

POLYPHONTE

Lá está juncto ao sepulchro. E eu que inda soffro

Essa fatal memoria do meu crime
 Ahi a recordá-lo, e a suscitar-me
 Os remorsos que affôgo em vão no peito!
 Eu tolero estes prantos de continuo,
 Este carpir de viuva inconsolavel
 Que me affronta e me péza! — Acabou hoje
 Minha longa paciencia.

(Approxima-se de Merope)

Merope, ouve
 As palavras de paz com que hoje venho
 Pela última vez. . .

(Vendo o sacerdote)

Tu que fazias
 Aqui? — Para o teu templo, sacerdote,
 E deixa-nos em paz. — Vós todos ide.

SCENA V

MEROPE, POLYPHONTE

POLYPHONTE

Pela última vez, dizia eu, Merope,
 Venho a ti. Basta em fim de inuteis prantos,
 Deixa vãos preconceitos. Foste espôsa,
 Reinaste; e eu reino agora: tal do mundo

Foi sempre a sorte. Do meu novo imperio,
 Fructo de tantas lidas tam cansadas,
 E a' que o sangue de Alcides me não dava
 Menos direitos do que ao teu Cresphonte,
 Do imperio a que me ergueu minha victória
 Bem ves que não abuso. Como outr'ora,
 Es respeitada e vives; livre o passo
 A toda a parte tens. Ja com justiça
 Me poderás chamar tyranno?

MEROPE

Chamo.

E que es tu mais? Não ves este sepulchro?
 Não ves n'elle gravado o teu delicto?
 Não te diz que es um subdito rebelde?
 Não ves n'aquellas lages esculpídos,
 Um por um, teus nefandos attentados?
 E aqui, n'este logar, aqui ousaste
 Vir, sem pejo, ante mím fazer alarde
 De teus horridos crimes! E um tyranno
 Não es tu, monstro?

POLYPHONTE

Sou teu rei, ó Merope:

Basta para punir-te um meu acêno;

Posso prostrar d'um sópro esse moimento
 Em que aos manes do espóso cada dia
 Trazes de off'renda imprecações inuteis
 Contra mim, contra o ceo que te não vinga.
 E sei-o e soffro-o. E sei que o sacerdote
 Teu consocio no crime. . .

MEROPE

Que proferes!
 Nem dos altares o ministro poupam
 Tuas negras suspeitas?

POLYPHONTE

Eu conheço
 Os ministros do altar. Mas dos seus numes
 So imito a clemencia: perdoei-lhe.
 E as tuas injúrias, e o contínuo
 Machinar de teus cegos partidarios,
 E tudo o mais que sei. . . tudo perdoou.
 Talvez minha piedade excede os termos
 Da justiça real. . . — Messenia sabe
 Quanto á sua ventura sacrificio
 Meu interêsse proprio; e quero dar-lhe
 Hoje solemne próva de clemencia.

- É necessario, pede o bem do Estado
Que n'este imperio emfim se ponha termo
Aos bandos, aos partidos. Fácil meio
Tinha na espada ou no rigor severo
Da bipenne das leis . . .

MEROPE

Em leis tu fallas!
Existem leis onde um tyranno impera?

POLYPHONTE

Socega as íras um momento; escuta:
Dêmos a paz aos povos; de nós ambos
Ella depende so. Espôso e reino,
Tudo perdeste, recupera tudo:
Consorte e sceptro te offereço.

MEROPE

O sceptro
Manchado por tuas mãos, torpe, calcado
Da plebe, a cujos pés o arremessaste
Quando eras seu escravo, e no delirio
Da popular soltura preparavas
Tua atroz tyrannia . . . guarda-o, guarda-o:

Está bem nas tuas mãos. — Ah! e em consorte
 Fallaste! — Espôso, a mim? e tu m'o off'reces!
 Espôso a mim! — E quem é?

POLYPHONTE

Sou eu mesmo.

MEROPE

Tu!

POLYPHONTE

Eu, sim, eu, teu rei.

MEROPE

Deuses, faltava

Ésta última injúria, ésta ignominia
 Derradeira á viuva de Cresphonte!
 E ousaste pensá-lo, e atreveu-se
 Tua bôcca a proferi-lo? O assassino
 De meu espôso? O monstro inda cuberto
 Do innocente sangue de meus filhos...

POLYPHONTE

Teus filhos! — N'essa noite sanguinosa,
 Em que eu tive de certo menos culpa
 Do que tu me attribues, — n'essa noite

Teus filhos todos... todos pereceram?
Um amigo fiel não pôde acaso
Salvar?..

MEROPE

Que dize tu?

POLYPHONTE

Não digo nada.

MEROPE

sabes?...

POLYPHONTE

Não...

MEROPE

Não sabes. E que havias
De saber tu? Morreram, todos, todos.
Do sangue de Cresphonte ja não resta
Quem te assombre. Que temes tu?...

POLYPHONTE

Não temo...
Nem tu deves temer. Mas ouve, ó Merope:
Se algum dos teus... dos teus fieis, precisa

Amparo e protecção, com pranto e lagrymas
 Não é que lh'o hasde dar. Offereci-te
 Metade do meu throno... Pensa, ó Merope,
 Pensa e resolve.

SCENA VI

MEROPE, depois O SACERDOTE

MEROPE

Estou, estou trahida.
 Quem foi, quem me perdeu? — Oh filho, filho!
 Oh desgraçada mãe! Por toda a parte
 Tem o barbaro espias, tem algozes.
 Ai de mim! se o descobrem... sanctos deuses!
 Resolve, o quê? morrer — só morte...

SACERDOTE, abrindo as portas do templo, diz com
 voz solemne

Vive:

É preciso viver.

MEROPE

Viver eu! como,

Para quê?

SACERDOTE

Para o filho e para a patria,

ACTO SEGUNDO

SCENA I

POLYPHONTE, SEQUITO, GUARDAS

Ja não duvido mais: Merope ainda
Tem um filho. — Um filho de Cresphonte!
Como escapou, aonde m'o occultaram?
Não sei; mas uma esp'rança nos seus olhos,
Aquelle suspirar como em segredo,
Me diz que não é so carpir de viuva
O seu carpir: não me inganei, é certo:
Vi-a ao nome de mãe esmorecer-se...
Eu sempre o suspeitei; quasi em certeza
Minhas suspeitas se volveram hoje.

Mas onde existe o desgraçado resto
D'essa proscripta, misera progenie?

(aos do sequito)

Cumpre sabê-lo, e morra.— Oh la, chamae-me
O sacerdote: é o confidente certo,
O movedor d'estas intrigas todas.
Veamos se... Dissimulado e astuto
É o sacerdote. Sim, mas não me excede;
Ja reino ha muito.— Oh, abre-se a porta,
Elle chega; finjamos.

SCENA II

O SACERDOTE, POLYPHONTE,
SEQUITO, GUARDAS

POLYPHONTE

Venerando

Ministo dos altares, como amigo,
Não como rei, a ti venho. Merecem
Tuas virtudes ésta deferencia.
Posso mandar...

SACERDOTE

E eu heide-obedecer-te:

Do podêr que te deixam sôbre a terra
Os deuses julgarão.

POLYPHONTE

Mas eu quizera,
Exijo... peço muito mais do que isso:
Quero a tua amizade.

SACERDOTE

Eu amo os deuses.

POLYPHONTE

Não prohibem os ceos que os homens se amem.

SACERDOTE

Antes o mandam.

POLYPHONTE

Bem: conheço agora
Que de teu ministerio augusto es digno:
Quero do teu amor hoje uma próva:
Merope... tem ainda um filho.

SACERDOTE, áparte

Um filho!

Oh ceos! — Filho de...

POLYPHONTE

Sim; ja de que existe

Tenho certeza.

SACERDOTE

Como! pois não foram
N'essa noite de horror extinctos todos?
Do infeliz regio sangue uma so gotta.
Ficou por derramar?

POLYPHONTE

Esse mysterio

Sabes melhor do que eu. Falla.

SACERDOTE

Incerrado

No sagrado recinto d'esse templo,
Do sanctuario á sombra veneranda
Vivo so, ignorado, e tam remoto
Do bulicio das côrtes, do tumulto
Dos homens e de seus tam vãos cuidados,
Que, indifferente a essas luctas e contendas,
Apenas ergo aos ceos supplices palmas
Rogando pelo bem da minha patria.

POLYPHONTE

Bem sei... E que fazia hoje contigo
Merope n'estes sitios?

SACERDOTE

Soluçava,
Gemia, suspirava a desgraçada.
É o seu viver: clamava pelo espôso,
E bradava piedade aos ceos.

POLYPHONTE

Com ella
Eu bem te vi fallar: que lhe dizias?

SACERDOTE

Eu na sua afflicção a consolava,
E na chaga da dor vertia o balsamo
Da sancta religião.

POLYPHONTE

Ah! ja não posso
Tanta impostura supportar. Um filho
Tem Merope; sei-o eu: onde está elle?
Falla.

SACERDOTE

Não posso.

POLYPHONTE

Teme...

SACERDOTE

Eu temo os deuses.

POLYPHONTE

Morrerás.

SACERDOTE

Não receia o justo a morte.

POLYPHONTE

Posso...

SACERDOTE

Que mais do que tirar-me a vida?

POLYPHONTE

O templo prostrarei donde me insultas,
 De donde, com teus perfidos sequazes,
 Dogmas rebeldes pelo povo espalhas...
 Teu sanctuario, fôco de discordias,
 Patentarei á irrisão das gentes;
 Cahirá sôbre ti o altar e o templo;

E hãode ficar teus numes n'esse opprobrio
Sem incensos, sem aras, sem ministros...

SACERDOTE

Templo é dos numes toda a natureza;
Nos corações virtuosos dos humanos
Teem victimas, altar, incenso e votos.
Extingue o lume da razão nos homens,
E o culto extinguirás do deus que odeas.

POLYPHONTE

Estremeço de raiva. Oh la, soldados!
Ferreos grilhões aos pulsos d'esse perfido;
Ao mais horrendo carcere se arrastre...
E nas trevas de lugubre masmorra
Apprenda a obedecer.

(Lançam-lhe os grilhões)

SACERDOTE

Eis-me, ó tyranno:
Que mais queres de mim? Olha os teus ferros,
Ve quanto podem! Sopenar-me os braços.
Quam pouco sois, ó despotas da terra!
Tens para o coração também algemas?

Tens grilhões que a razão ferrolhem n'alma?
Debil punhado de coroada cinza,
Quem es tu?

POLYPHONTE

Apartae-o de meus olhos.

SACERDOTE

Corro, ó tyranno, satisfeito á morte:
Ha muito que apprendi a não temê-la.
Tu, despota, no throno mal seguro
Treme, que um vingador dos ceos não tarda,
Treme, perverso.

SCENA III

MEROPE, O SACERDOTE, POLYPHONTE,
SEQUITO, SOLDADOS

MEROPE

Augusto sacerdote,
Que vejo! agrilhoado! — Onde te arrastram?

SACERDOTE

À morte.

MEROPE

Oh ceos ! porquê ?

SACERDOTE

Não sei.

POLYPHONTE

Não sabes ?

Porque è rebelde.

MEROPE

A quem ?

POLYPHONTE

Ao seu monarcha.

SACERDOTE

Monarcha tu ! Deliras, Polyphonte.

Rei quem te fez, quem te sentou no throno,

Quem nas malvadas mãos te pôz o sceptro ?

O sceptro ainda torpe e maculado

Do regio sangue que esparziu teu ferro . . .

Basta para ser rei o crime, a intriga,

Os direitos dos povos nada valem,

As armas são as leis que ao solio chamam,

E . . .

POLYPHONTE
Levae-o.

MEROPE a Polyphonte

Ah, senhor, ah! tem piedade
 De seus annos tam velhos, tam cansados.
 Movam-te aquellas cans, respeita ao menos
 No ministro do altar o altar e os nunes.
 N'elle venera o povo o deus que adora ;
 Excitado talvez...

POLYPHONTE

Pois, que obedeça.

SACERDOTE

Não posso.

POLYPHONTE

Parte.

MEROPE ao Sacerdote

Não: modera um pouco
 Tua severa, rigida virtude:
 Obedece; elle manda... elle governa...

SACERDOTE

Soldados, ao meu carcere.

MEROPE

E mais duro,
 Mais ferreo coração terás do que elle?
 Não ves o triste estado em que nos deixas?
 Que será d'este povo desgraçado?
 Quem na sua afflicção hade valer-lhe,
 Quem as vozes do ceo?...

SACERDOTE

O ceo e os numes
 Dentro do coração terá, se é justo.

MEROPE

Movam-te ao-menos minhas desventuras,
 De mim tem dó.

SACERDOTE

De til... — Sobejo o tenho.
 Rainha, adeus.

MEROPE

Espera... oh ceos! Quem hade
 Ao meu triste...

SACERDOTE, interrompendo-a vivamente

Que dizes, desgraçada!...
 Deixa-me.

MEROPE

Ah!... por piedade... E que motivo?

(a Polyphonte)

D'elle que exiges tu?

POLYPHONTE

Tenue serviço,

Mas importante a mim.

SACERDOTE

Tenue, malvado?

Bem importante a ti?— Assás o creio.

Ouve, ó rainha: quer esse tyranno...

POLYPHONTE

Suspende.

MEROPE

O quê?

SACERDOTE

Que lhe descubra...

MEROPE

Oh deuses!

SACERDOTE

Se um filho...

MEROPE

Um filho!

POLYPHONTE

Pára.

SACERDOTE

Teu...

MEROPE

Meu filho!

POLYPHONTE

Perfido!

MEROPE

Um filho meu! — Tu m'os deixaste?

POLYPHONTE

Sim, tens um filho: suspeitei-o ha muito,
Sei-o agora. Se es mãe, inda te resta
Um meio de o salvar.

MEROPE

Qual?

POLYPHONTE

Inda ha pouco

T'o disse.

MEROPE

A infamia!

POLYPHONTE

Oh! quem se approxima?
Entre soldados prêso um estrangeiro!
Mancebo é inda...

MEROPE

Um estrangeiro? Oh deuses!
Bate-me o coração.

POLYPHONTE, aos soldados que guardam
o sacerdote

Soldados, eia,
Esse hypocrita longe de meus olhos;
Levae-o ao carcere: ide.

SCENA IV

MEROPE, POLYPHONTE, EGISTHO
SEQUITO, SOLDADOS

POLYPHONTE

Ah! e vós outros,
Quem é este mancebo? Que delicto,

Meu prisioneiro o fez? Fallae. — Mas quero
Eu perguntá-lo. — Tu quem es?

EGISTHO

Sou filho

De humildes, pobres paes, mas não escravos.

POLYPHONTE

O teu crime qual é?
EGISTHO

Juncto dos muros

D'esta cidade, e em defeza propria,
Tive a desgraça de matar um homem.

POLYPHONTE

E quem era esse homem?

EGISTHO

Extrangeiro

Parecia, e o trajar ao modo de Élide,
Era como este meu.

MEROPE

Élide?

EGISTHO

Ao-menos

Assim se me antolhou.

POLYPHONTE, á parte

De Élide ao nome
Estremeceu... Talvez... Aprofundemos

(alto a Egistho)

Este mysterio mais. — Onde nasceste?

EGISTHO

Em Élide, te disse.

POLYPHONTE

Do teu crime
Conta mais por miudo as circumstancias.

EGISTHO

Ah tu queres, ó rei, dentro em minha alma
Renovar minha dor e os meus remorsos!
Aprez-te ouvir meu crime? Ouve-me e julga.
Verás n'esse delicto involuntario
Toda a minha innocencia. — Pelas margens
Do suave Pamiso caminhava;
E ja do longo andar quebrado as fôrças,
No templo entrei do valoroso Alcides

Que em solitaria incosta d'ermo oiteiro
 Juncto ao rio se eleva; alli prostrado
 Súpplices mãos tendia ao deus que adoro,
 Que apprendi a implorar de tenra infancia.
 «Proteje, lhe dizia, ó grande Alcides,
 «Proteje o sangue teu.» — Tal de menino
 Me insinava meu pae...

MEROPE

Teu pae! Quem era?

EGISTHO

Um venerando ancião...

MEROPE

E o seu nome?

EGISTHO

Era...

MEROPE

Como?

EGISTHO

Cephisso se chamava.

MEROPE

Mas talvez... — Continúa a tua historia.

EGISTHO

D'est'arte orava: e no fervor das preces
Eis me interrompem, subito me assaltam
Armados de punhaes dous assassinos:
«Quem és, clamaram, que tens tu, mendigo,
«Com o sangue d'Alcides?» — N'isto o ferro
Ja sôbre o peito me apontava um d'elles.
Algum deus me ajudou: de um bote rapido
Sôbre o braço traidor, lh'o quebro e talho,
Segundo o golpe, e lhe atravesso o peito.
Espavorido o companheiro foge:
Traidores são covardes. — Vi-me livre,
E attentei no infeliz que aos pés me espira.
Era a primeira vez que o sangue humano
Tingia minhas mãos: afflicto e triste
Chorou-me o coração, gemi sôbre elle.
Novo no crime, não sabía ainda
Os meios de occultá-lo: arrastro ao rio,
E em suas aguas sepulto o corpo exangue.
Fugi; nem me lembrou minha imprudencia
De apagar na mesma agua o claro indício
Do meu delicto. Incerto, horrorizado
Corro, inda em sangue esqualidos, fumando
O braço, as vestes; chego delirante

Às portas de Messenia, e os teus soldados
 Me seguram, me arrastram. — Do meu crime
 Ouviste as circumstancias e a verdade:
 Não sei outra linguagem. Tu me julga,
 Mas...

POLYPHONTE

Basta: saberás o teu destino.

(Áparte)

Grandes suspeitas em minha alma excitã
 Este mancebo; esclarecê-las cumpre.

Adrasto, oh la. (Alto)

(Falla em segredo com um do sequito; e depois
 continúa alto)

Em segurança o tende.

Tu, Merope resolve. Adeus.

SCENA V

EGISTHO, MEROPE
 SOLDADOS

EGISTHO É ésta

A rainha, ésta é Merope? Ah! senhora,
 Tem piedade de mim: sou desgraçado.
 Tu so podes valer-me; es compassiva,

Sempre o ouvi a meu pae.

MEROPE

Que te dizia
Teu pae? Conhece-me elle?

EGISTHO

De Messenia
Foi cidadão outr'ora.

MEROPE

De Messenia!
O seu nome?

EGISTHO

É Cephiso; ja t'o disse.

MEROPE

Talvez outro?...

EGISTHO

Só este lhe conheço.

MEROPE

E em Élide que faz? D'esta cidade
Porque fugiu?

EGISTHO

Ai, nunca em tal fugida
Nunca lhe ouvi fallar sem que agro pranto
Pelas rugas das faces lhe corresse.

MEROPE

Chorava elle!... Porquê?

EGISTHO

Eu nunca pude
Penetrar de suas lagrymas a causa.
De teu espôso a acerba desventura
Muitas vezes chorando me contava.
E so de ouvir ou pronunciar teu nome
Se debulhava em pranto.

MEROPE

Que suspeitas,
Que lembranças na mente me revolvem!
Dize... em Élide... nunca... em Polydoro
Fallar ouviste, ... nunca o conheceste?

EGISTHO

Eu vivia no campo em pobre alvergue,
Sosinho com meus paes velhos e enfermos;

Ninguém mais que elles conheci.

MEROPE

De Egistho...

O nome... ignoras?

EGISTHO

Nunca ouvi tal nome.

MEROPE

E nunca... em tua mãe?...

EGISTHO

Ai, desgraçada!

Se ella me visse agora!...

MEROPE

Tu... conheces

Bem tua mãe?...

EGISTHO

Não heide conhecê-la!

Ella que tantas vezes me apertava

Em seus tremulos braços, que em suspiros

Me chamava o seu filho tam querido!

Misera mãe!

MEROPE

Oh fado, ah, não me deixas

Nem a doce illusão da minha esp'rança!
Quasi as vans apparencias me enganavam.

(Áparto)

Aquelle som de voz... o mesmo gesto...
Parecia-me ver o meu Cresphonte.

(Alto)

Desgraçado, que queres, que procuras
N'estes sitios d'horror? N'esta cidade,
Aonde reina o crime e habita a morte,
A que vinhas?

EGISTHO

Sem fim; so conduzido
Do impeto juvenil, do vão desejo
De ver terras e gentes. Quantas vezes
Minha imprudencia amaldiçoei!

MEROPE

Mas dizê:

Esse... esse infeliz a quem mattaste
Era de Élide?

EGISTHO

Sim.

MEROPE

Joven?

EGISTHO Seria

Do meu talhe, como eu, da mesma idade.

MEROPE

Procurava occultar-se?

EGISTHO

Sim, parece-me

Que buscava esconder o rosto

MEROPE

E era

Nobre no porte?

EGISTHO

Nobre.

MEROPE

Altivo?

EGISTHO

Altivo.

MEROPE

Fugia?

EGISTHO

Sim, eu creio que fugia:

Vinha pallido...

MEROPE

E tu mataste-o, barbaro?

EGISTHO

Eu defendi-me.

MEROPE

E elle moribundo

Nada disse?

EGISTHO

Algum tempo juncto d'elle

Chorando estive. — Ja no arranco extremo...

MEROPE

Desgraçado!

EGISTHO

Ah sim: — lembro-me agora.

O triste nos suspiros derradeiros

Chamava por sua mãe...

MEROPE

Sua mãe! Malvado,

E tu mataste-o, tu! — E o corpo exangue

Sepultaste nas aguas! — Ceos!... Perdido,

Perdido e para sempre...

EGISTHO

Ai miserando,
 Que fiz! Em quê te offende o meu delicto?
 Oh, pune-me, sim pune-me de um crime
 Que me faz detestar a propria vida.
 A tua offensa vinga... Eu offender-te!
 Eu que te adorei sempre, que da infancia,
 Nos braços de meu pae que m'o insinava,
 Tantas vezes por ti rogava aos deuses,
 Eu offender-te ousei! — Bem desgraçado
 Sou.

MEROPE

Que fallar, que lagrymas, que accento!
 Como ao meu coração seus dittos chegam,
 Que invisivel poder tem na minha alma!
 Rege-a, mau grado meu, move-me, agita-me...
 Até me custa a separar-me d'elle.
 Que perfida illusão! — Oh não é este:
 É que por toda a parte a doce imagem
 De meu filho me segue. — Ide, levae-o.

EGISTHO

Ah, tu me desamparas! Ó senhora,
 Se não rogas por mim... Não abandones

Um desgraçado filho...

SCENA VI

MEROPE

Filho!... Ai, filho
Ia quasi a chamar-lhe! — Malfadada!
Doce e triste illusão, suave ingano,
Perseguidora imagem do consorte,
Saudades do meu filho tam querido,
Ah, que do coração, para illudir-me,
Aos olhos me vieram. — Não, não era
Para mim tal ventura. — E Polyphonte?...
Polyphonte! que horror! — Eu sua espôsa!
Mas o tyranno sabe do meu filho;
Polydoro não vem... e vai n'um anno
Sem notícias siquer... Oh, vem trazer-m'as,
Vem, Polydoro, vem trazer-me a vida,
Ou libertar-me a tempo com a morte.

ACTO TERCEIRO

SCENA I

POLYPHONTE, SEQUITO, SOLDADOS

POLYPHONTE

Tragam-me aqui o sacerdote. Ide.

(Fallando com um ministro do sequito)

Adrasto, de sua rigida constancia

Vejamos se triumpho. Aos meus intentos

É necessario este homem: meios brandos

Talvez poderão mais que as ameaças.

Careço d'elle: para o povo rudo

Sempre é bom rei o amigo dos altares...

(Fallando consigo)

Demais, este mancebo e o seu delicto,
 Não sei que pense d'elle. — Vinha de Élide;
 Merope ao nome de Élide estremece,

(Torna a dirigir-se ao ministro)

Mil perguntas lhe fez... — Deram-se as ordens
 Que mandei?

(O ministro inclina-se)

Um dos dous, ou este ou o morto,
 É o filho de Merope: só resta
 Saber qual. D'este modo o saberemos.
 Mas oh, ei-lo que chega o sacerdote.

SCENA II

O SACERDOTE, POLYPHONTE,
 SEQUITO, SOLDADOS

SACERDOTE

Que mais queres de mim, que me pretendes?
 Porque roubar-me as trevas do meu carcere,
 Porque arrastar-me ao dia e á luz que odeio,
 Que infecta a escura névoa de teus crimes?

POLYPHONTE

Ouve-me.

SACERDOTE

O quê, minha sentença? Oh, venha;
Venha a morte. Bemditto o deus que os rogos
Do seu servo escutou!

POLYPHONTE

Socega e julga.
Tirae-lhe esses grilhões.

SACERDOTE

A mim! Que dizes?
Oh ceos! e por que preço? — É novo crime
Que exiges? — Não, não quero a liberdade.
Volve-me ao carcere, os tormentos dobra;
Porém cúmplice teu nunca hasde ver-me.
Victima posso eu ser de teus furores,
Ministro não.

POLYPHONTE, *áparte*

Se-lo-has a teu despeito.

(Alto)

Ouve, e as minhas tenções verás quam puras,
Quam virtuosas são. — Do que é passado,
Como eu, te esquece: recupera tudo,
Torna ao teu sanctuario e aos teus altares.

De ti, so um serviço exijo agora;
Que a Merope...

SACERDOTE

O quê? atraioá-la,
Ser-lhe infiel?

POLYPHONTE

Não. — Cumpre ao bem do Estado
Que ao throno de Messenia outra vez suba.

SACERDOTE

Ao throno!

POLYPHONTE

Ao throno, sim; quero que reine
Ao meu lado.

SACERDOTE

Merope a teu lado,
De Cresphonte a viuva!

POLYPHONTE

Minha espôsa
Hade ser. Proveitoso a mim e a ella
Este consorcio é e a todo o imperio;
São justas as razões que o aconselham.
Necessarias me são suas virtudes,

E quero-lhe mostrar quanto as venero.
Desde hoje será lei sua vontade,
O seu menor desejo. Quero dar-lhe
Um documento ja. Por meus soldados
Foi, como viste, ha pouco aprisionado
Um mancebo estrangeiro.

SACERDOTE

Era estrangeiro?

POLYPHONTE

Sim, e ainda na ingenua flor da idade;
Homicida, mas nobre no seu crime,
Accusa-se e confessa-o. Viu-o Merope,
E tanto a commoveu sua candura,
Tanto se condeu da sorte d'elle,
Que eu, por lhe comprazer, houve piedade
Do joven, e quizera perdoar-lhe.
Mas cumpre examinar as circumstancias
Que allega por desculpa de seu crime.
No emtanto, e em obsequio da rainha,
A tua guarda intrego este mancebo.

SACERDOTE

A minha guarda! Para quê?

POLYPHONTE

Não sabes
Quanto se apraz de vê-lo e de fallar-lhe
Merope. Assim mais facil póde tê-la,
Essa consolação. Tomára eu, cré-me,
Dar maior lenitivo a seus pezares!
Mas desejo que, ao-menos n'este pouco,
Comece a ver em mim um rei benigno,
E n'estas complacencias reconheça
Um espôso... — Mas ella se approxima.
Em paz vos deixo. Adeus! ve se tyranno,
Se da patria oppressor é Polyphonte.

SCENA III

O SACERDOTE, depois MEROPE

SACERDOTE

Um criminoso á minha guarda intrega
Polyphonte... e de Merope aos desejos
Annue prazenteiro... — Oh, traições grandes,
Grande mysterio incerram de maldade
Desnaturaes bondades de um tyranno!

MEROPE, entrando

Sancto ministro, ó meu unico amigo,
Ó meu fiel amparo derradeiro,
Correndo apenas soube que eras livre,
Venho no seio teu depor meu pranto,
Desabafar contigo os meus pezares.
Ai triste! — Pois não sabes que meu filho?...

SACERDOTE

Que dizes n'estes sitios?... espiados
Somos por toda a parte...

MEROPE

O quê? escuta-nos
O tyranno? Ai de mim! que este segredo
Do meu amor ja me não cabe n'alma,
E hade matar-me, hade.

SACERDOTE

Descoberto
Ó Merope, ja foi o teu segredo.

MEROPE

Descoberto! Ora pois, chegou o termo

De tanto padecer. Eternos deuses,
Que tendes mais para me dar?

SACERDOTE

Ja sabe

Que tens um filho, mas...

MEROPE, interrompendo com ância

Mas aonde existe

Não sabe o perverso! Não, nem hade
Sabê-lo nunca. Os ceos, os ceos m'o guardam.
Não é assim? Dize: são os ceos que o guardam;
Dextra invisivel lhe protege os dias.
Oh sim, meu filho: os deuses vingadores,
Os deuses justos — são justos os deuses —
A ésta triste mãe, aos seus gemidos,
Ao pranto maternal, aos ais, ás preces

(desanimando)

Seu furor abrandaram... — Seus furores,
O meu pranto, — ai de mim! Salvou-me o espôso
Um mar de minhas lagrymas? salvou-m'o
O fervor de meus rogos, de meus votos?
Confundido não vi, — lembrança horrivel! —
C'o sangue do consorte, o dos filhinhos?

E são justos os ceos e são piedosos! . . .
Que profiro? ai de mim! — Tende piedade
De ãa mãe que fizestes desgraçada;
Conservae-me este só . . . que me deixastes,
Deuses, e bemdirei vossas bondades.

SACERDOTE

Sim, rainha infeliz, hãode guardar-t'õ,
E salvá-lo das íras do tyranno.
Incerra-se entre nós o alto segredo
De sua habitação. De mim conheces
Se poderá sabê-lo. Acautela-te,
Receia de ti so, teme as astucias
Do tyranno e suas perfidas bondades.
Tam generoso agora se nos mostra,
Que alguma traição má tem na alma negra.
Vês como os ferros me tirou dos pulsos,
E piedoso comtigo quer mostrar-se,
Intregando-me aqui esse estrangeiro
Por quem mostraste compaixão, diz elle.

MEROPE

Esse joven . . . ah, sim: muito o seu fado
Me commoveu por certo.

SACERDOTE

E nada sabes

D'elle, quem é?

MEROPE

Um joven desgraçado;

Vinha de Élide.

SACERDOTE

Como! e não disseste

Que ahi estava?...

MEROPE

Sim, disse... o meu filho...

E talvez, ai de mim... Té parecia

O gesto, o som de voz, o de Cresphonte.

SACERDOTE

Que escuto, oh ceos! Que dizes?—Ah corramos...

MEROPE

Não, não é para mim ver o meu filho:

Os invejosos ceos m'ò não consentem.

*(Fica algum tempo como afogada em dor,
e depois continúa)*

E pensavas, amigo, que eu podia,

Que podia ùa mãe com taes suspeitas

Descançar um instante, um só momento?
 Que mil indagações, que mil perguntas
 Com ânciã escrupulosa não faria?
 Que o mais tenue vislumbre de esperança
 Não fôra um raio de prazer, de gloria
 Que as nevoas do meu pranto dissipasse?
 Ah! não: esse mancebo é um desgraçado
 Que só veio avivar as minhas dores
 Com essa parecença enganadora
 Que de certo não tem, mas que lhe acharam
 Estes meus olhos cegos de saudades.

SACERDOTE

Com tudo, esse estrangeiro... Ha n'este caso
 O quer que seja de mysterio occulto
 Que é razão profundar. — Quem era o morto?

MEROPE

Outro estrangeiro.

SACERDOTE

Estrangeiro... E d'onde?
 De que parte?

MEROPE

Era de Élide.

SACERDOTE

Que dizes!

São ambos estrangeiros, ambos vinham
De Élide! — Ah! se um d'elles...

MEROPE

É verdade,

É certo; o coração bem m'o dizia.

Oh meu filho! — Ai de mim! qual será d'elles?
Corramos a indagar... Sim, sim, voemos.

SCENA IV

MEROPE, o SACERDOTE; e POLYDORO
no fundo do theatro em attitude
de grande dor

MEROPE, indo a sahir incara com Polydoro

Mas um homem, oh deus! — Somos trahidos.

SACERDOTE

Um homem! Certamente algum espia.

MEROPE

Quem es, que queres tu, a quem procuras?

Que fazias aqui! Oh? quem te invia
 É Polyphonte, dize. — Por piedade
 Não me percas, não, não...

SACERDOTE

Sonho... ou me illudo?
 É elle mesmo, é Polydoro.

MEROPE

Deuses!

Polydoro! Que ouvi? És tu? Meu filho
 Onde está, que fizeste, onde o deixaste?
 O que faz que não vem? Quem o demora?
 É vivo? — Ja do pae conhece o nome?
 Ja lhe insinaste a amar-me, a ser bom filho?
 Assemelha-se muito ao meu Cresphonte?
 Falla, dize.

POLYDORO

Oh rainha!...

MEROPE

Quê?

POLYDORO

Tu vives!

Posso ainda beijar a mão augusta
 Da espôsa do meu rei! Podem meus olhos
 Ainda ver-te, e os meus trementes labios
 Fallar-te ainda, ainda bemdizer-te!
 Posso...

MEROPE, com desabrimento

Podes fallar-me de meu filho.
 Vive?—Dize-me ao menos se ainda vive.

POLYDORO

Sim... vive.

MEROPE

Vive?—Oh jubilo, oh prazeres
 D'este meu coração!—Ai Polydoro,
 Que amarga existencia' ha sido a minha,
 Que vida cruelissima hei vivido,
 Que azedume, que fel tingiu meu sangue,
 Que aperturas, que affôgo, que saudades,
 Que dúvida cruel peor que tudo!
 Oh que agitados sustos, que temores!
 Vida?... E vive ùa mãe sem ver seu filho?
 Vida!... Se eu tinha a morte dentro n'alma?
 Mas dize-me: que é d'elle, onde o deixaste?
 Que faz, quem o demora?

POLYDORO, á parte

Oh sanctos deuses!
Como lhe heide dizer que não sei d'elle?

MEROPE

Immudeceste? — Acaso... oh!

POLYDORO

É seguro
Este logar? Ninguem aqui nos ouve?

SACERDOTE, depois de olhar por toda a parte
Ninguem: falla, mas baixo.

POLYDORO, ajoelhando

Tem piedade
D'estas cans, d'estes annos tam cançados,
Minha velhice extenuada e debil
Não pôde, não bastou a segurá-lo...
Forcejei, mas em vão.

MEROPE

O quê... que dizes?

Desgraçada de mim!... Pois quê!... meu filho!

POLYDORO

Oh malfadado velho! Oh que não pude
Expirar eu de dor!

MEROPE

Que ouvi! Que escuto!
Barbaro! que me dizes? que fizeste?
O meu filho onde está?

POLYDORO

Provera aos deuses
Que eu soubesse onde existe!

MEROPE

Quê!... Não sabes?
Mas vive?

POLYDORO

Vive... sim...

MEROPE

Ah desgraçado!
Levanta-te... Ai de mim!... Sabes ao menos
Da sua vida de certo?

POLYDORO, abraçando o tumulo de Cresphonte

Ó campá augusta,
 Ó do melhor dos reis sagradas cinzas! . . .
 O teu filho, e o meu . . . (meu também era)
 O teu filho . . . fugiu: no peito altivo
 Não lhe cabia o coração, ha muito;
 A nossa habitação era pequena
 Para a sua grande alma. O despidado
 De mim não teve dó, nem dos meus annos:
 Fugiu-me derepente.

MEROPE

Nem soubeste
 Pafa onde os passos dirigiu?

POLYDORO Gran'tempo

Ila que por toda a Grecia o ando buscando,
 Mas embalde corri.

MEROPE

Oh caro filho!
 Ai! que será de ti sosinho e fraco,
 Desgarrado no mundo, sem arrimo,
 Sem mãe que te acarinhe, que te anime;

Talvez mendigo!...

SACERDOTE

O espirito socega:

Em teu filho vigia deus piedoso;
Do alto dos ceos a dextra omnipotente
Os passos lhe dirige.

MEROPE

Ah! que aos meus rogos
Ao meu pranto contínuo, aos meus suspiros,
Se tam piedoso é o ceo, que m'o conceda.
Tantos dias passados, tantas noites
No amargor da saudade, nos tormentos;
De tudo receiando!... Olha, hoje ainda
Ao ver esse mancebo criminoso,
Ao ouvir-lhe contar da triste morte
Do infeliz estrangeiro...

POLYDORO

Um estrangeiro

Morto! aonde?

MEROPE

Vizinho da cidade.

POLYDORO

Justos deuses, que escuto! Hontem?

MEROPE

Sim, hontem.

POLYDORO

Juncto do rio?

MEROPE

Submergiu nas aguas
O assassino cruel o corpo exangue.

POLYDORO

Sanctos numes!

MEROPE

Mas quê? tu estremece!
Dize . . . talvez . . . minhas suspeitas . . . falla.
Desmaias! . . . desfalleces . . . Que presinto! . . .

POLYDORO, áparte

Mesquinho que farei, que heide dizer-lhe?

MEROPE

Que murmuras contigo? falla, dize,
Falla commigo . . . falla . . . que receias?

Em que pensas? que sabes? quero ouvi-lo.
Ah! tira-me de dúvida.

POLYDORO

Não posso...

Fallar... a voz... me falta... eu morro...

MEROPE

Tremo...

Que aperturas... que horror... Já não me atrevo
A perguntar-te... Não quero sabê-lo.
Mas quero: falla. A vida que me importa,
Se mãe eu já não sou... Que idea horrivel!
Ah! tu sabes... o morto?...

POLYDORO

Eu... não sei nada.

MEROPE

Falla, que mando eu.

POLYDORO

Conheces... misera...

Tu... este... cinto?

MEROPE

Este... oh ceos! que vejo!
Que espectaculo horrivel!... Tinto ainda
Em sangue fresco... Eu morro... eu...

POLYDORO**Desgraçado!**

Ah! quando lh'o cingi... quem me diria
Que em tal estado tornaria a vê-lo?

MEROPE

Quem me diria que eras um infame,
Indigno do depósito sagrado
Que te intreguei por minha desventura.
Dize: que é de o meu filho! dize, perfido:
Não t'o dei eu aqui? não me juraste
Guardar-m'o? — Foi aqui, foi n'este sitio.
Qu'é d'elle? Qu'é de a fe que prometteste?
E ousaste apparecer-me, e ousaste, louco,
Apparecer á mãe sem dar-lhe o filho?
O meu filho... o meu filho é morto! — E eu vivo!
Vivo, heide viver para vingá-lo.
Onde está esse perfido estrangeiro,
Esse barbaro onde é que se occulta?

Quero vingar-me, quero lacerar-lhe
As intranhas, banhar-me no seu sangue,
Quero...

SACERDOTE

Rainha, vê que...

MEROPE

Nada vejo,
Nada mais quero já, senão vingar-me,
E depois expirar sobre ésta campa.

(Partindo)

POLYDORO

Sigamo'-la.

SACERDOTE

Piedade, sanctos deuses!

ACTO QUARTO

SCENA I

POLYDORO

Que farei, desgraçado, n'estes sitios
Onde tudo o que vejo me atormenta!
Éstas mesmas columnas, este templo,
As mudas, frias pedras d'esta campá,
D'esta campá, ai de mim! onde se escondem
As preciosas, venerandas cinzas
Do melhor dos monarchas, de Cresphonte,
Tudo parece erguer-se a perguntar-me
Pela sua esperança derradeira
Que lhe eu perdi, eu malfadado, eu mísero!

(Pausa)

Era aqui. — Vinha o povo alvorotado;
 E, á frente da impia soldadesca,
 Polyphonte, vagando entre o tumulto,
 Despiedado excitava á mortandade.
 Passou alli, de sangue vai coberto...
 Ainda o vejo á negra luz dos fochos;
 Ouço o tinnir dos ferros estridentes,
 Escuto ainda, vejo-a aqui... oh vista!
 A triste mãe, nos braços o filhinho
 Todo escorrendo lagrymas e sangue,
 Trémula a voz, os passos vacillantes,
 Cortada de terror, balbuciando
 Dizer-me: «Polydoro, corre, voa,
 Leva-o longe d'aqui... salva-m'o, foge:
 Lembre-te que é meu filho e de Cresphonte.»
 E eu — amaldiçoado! — eu recebi-o,
 Fugi, pude salvá-lo, pude... oh deuses!
 Pude ser o maior dos desgraçados:
 Perdi-o; sim, perdi-o... — Foram co'elle
 As esp'ranças da mãe e as de um imperio.

(Pausa)

E vivo! — E ésta velhice deshonrada
 Não vem a morte que me livre d'ella!

(Cabe como desfallecido sobre o tumulo)

SCENA II

EGISTHO, POLYDORO

EGISTHO, sem o ver

Estará decidido o meu destino?
 Ai, que será de mim, só, desvalido,
 E culpado n'um crime—deus! n'um crime
 Por que todos me accusam, me detestam.
 Se inda uma vez ao menos eu podesse
 Ver o meu triste pae! vê-lo, abraçá-lo,
 Oh uma vez siquer!—Porém diviso
 Juncto áquelle sepulchro...

POLYDORO, sem o ver

Oh! caro filho,
 Tu morreste e eu vivo!

EGISTHO

Ceos, que escuto,
 Que som de voz!

POLYDORO, sem ver Egistho ainda

Oh morte!

EGISTHO

É elle mesmo.

POLYDORO, voltando-se

Oh velhice infeliz!

EGISTHO

É elle...

POLYDORO, vendo Egistho

Eu sonho!

*(Ficam ambos algum tempo olhando-se com espanto;
depois correm um para o outro)*

EGISTHO

Meu pae...

POLYDORO

Meu filho...

(abraçam-se)

EGISTHO

Oh pae, tu n'estes sitios?

POLYDORO

Filho, meu filho! E tu que infausto numen
Aqui te conduziu? Em que perigos,

Em que laço vieste inrevezar-te!
Tu es o 'criminoso que? . . .

EGISTHO

Sou esse,
Sou esse malfadado.

POLYDORO

Ah, foge, foge,
Foge, infeliz : não sabes, não, que horrores
Te ameaçam aqui.

EGISTHO

Ja nada temo.
Ja te abracei, meu pae, agora venham
Sobre mim os castigos, os tormentos.
O mesmo rei não temo . . .

POLYDORO

Ah não é d'elle
Que eu temo agora.

EGISTHO

Pois quê, da rainha?
Essa julguei que não me abhorrecia,
Parecia-me . . .

POLYDORO

Sim, mas foge, foge ;
Ella só, ella quer a tua morte.
Talvez não tarde aqui — oh que destino !
Se ella soubesse . . . oh deus ! . . . se tu soubesses,
Se . . . Mas o tempo corre . . . em breve . . . Ai foge,
Salva-te, filho, foge ás iras cruas
Da Rainha !

EGYSTHO

Eu fugi-la, eu que a amo tanto,
Fugir sua vingança, o seu castigo
Quando ousei offendê-la ! — Não, não quero
Ajunctar novo crime ao meus delictos.

POLYDORO

Foge, infeliz.

EGISTHO

Não fujo: venha embora,
E farte no meu sangue as suas iras,
Sacie o seu furor.

POLYDORO

Que proferiste !
Malfadado, que dizes ! tu não sabes
Que ella em ti quer vingar o filho.

EGISTHO

E era

O que eu matei o filho da rainha?
 Tam impio fui, tamanho foi meu crime!

POLYDORO

Não. . . tu es innocente.

EGISTHO

Eu innocente,
 Eu coberto do sangue d'esse filho
 Que. . .

POLYDORO

Não era seu filho o que mataste.

EGISTHO

Mas. . . Não posso intender-te.

POLYDORO, áparte

Por mais tempo

Ja não devo occultar-lhe o gran'mysterio.

(Alto e abraçando-o a soluçar)

Filho, recebe o derradeiro abraço,
 O abraço paternal d'um triste velho

Que te chamou. . . te amou como seu filho.
 Filho. . . tam doce, tam querido nome
 Pela vez derradeira inda t'o chamo.

(Ajoelhando)

Sim, e aos pés do meu rei me prostro agora.
 Minhas lagrymas vê; correm de gôsto.
 O primeiro sou eu que te appellidô
 Por tam sagrado titulo. — Tu foste
 O meu filho. . . Ah, perdoa que me esqueço. . .

EGISTHO

Levanta-te: que fazes! de joelhos
 Tu a meus pés, oh pae!

POLYDORO

Ja não sou esse,
 Sou teu vassallo, es o meu rei agora.

EGISTHO

Quê!

POLYDORO

Tu es filho do infeliz Cresphonte.

EGISTHO

E Merope?

POLYDORO

É tua mãe.

EGISTHO

E Polyphonte?

POLYDORO

Usurpador, rebelde.

EGISTHO

E eu?

POLYDORO

Es Egistho,

Es de Messenia o rei.

EGISTHO

Se sou, qual dizes,
Sangue de Alcídes. . . Mas que o sou ja creio ;
Sinto nas veias, sinto aqui no peito,
E n'este ardor que o coração me inflamma . . .
Vamos a castigar esse rebelde,
Vamos.

POLYDORO

Senhor, modera-te, ou perdido
Para sempre serás. Tua mãe...

EGISTHO

Sim vamos

Abraça-la primeiro.

POLYDORO

Oh ceos; que intentas?
Quê, descobrir-te a ella! E Polyphonte?...
Estás inerte e só...

EGISTHO

Tenho este braço,
O meu direito, e os deuses que o protegem.

POLYDORO

Não, por deus, não; fujamos d'estes sitios, ⁱ
Fujamos... —Mas aonde, por que modo?
E a rainha que não tarda aqui... é a triste
Que julga morto o suspirado filho,
E vem vingá-lo em ti! —Mas ouve: escuto
Ruido... É, é ella —Gente armada...

Que aperturas! Aonde heide esconder-te,
 Como salvar-te ás iras despiedadas
 De tua propria mãe? — Se lhe dôscubro,
 Se lhe digo. . . perdido es para sempre.
 Se lh'o não digo, a desgraçada mata-te
 Sem piedade.

EGISTHO

Vai, deixa-me com ella;
 Deixa-me: eu dobrarei sua crueza,
 Ou morrerei contente por seu braço.
 Vai. . . Mas, oh não te exponhas tu aos olhos
 Dos sagazes ministros do tyranno;
 Esconde-te.

POLYDORO

Eu? — E tu n'este perigo?
 D'aqui não vou.

EGISTHO

Esconde-te, ou eu mesmo
 A Polyphonte corro e vou dizer-lhe,
 Declarar-lhe quem sou.

POLYDORO

Não, não, socega:
 Eu me occulto de traz d'estas columnas,

E velarei por ti. Não lhe descubras
 A Merope quem es. — E se outro modo
 Não houver de abrandá-la, eu no perigo
 Te acudirei.

SCENA III

MEROPE, EGISTHO,
 SOLDADOS, SACERDOTES, SACRIFICADORES, SEQUITO

MEROPE, sem ver Egistho que está de traz
 de uma columna

Soldados, procurae-o,
 Cumpri do vosso rei as ordens; ide.
 E prepare-se o augusto sacrificio
 Que aos não vingados manes de meu filho
 Pretendo offerecer e aos do consorte.
 O meu filho de lagrymas! a última
 Esperança que os deuses me deixaram,
 O despiedado m'a cortou. — Oh, heide
 Sorver éstas delicias da vingança
 Com que me pulla o coração tam soffrego.
 Heide vê-lo tremente, de joelhos
 Supplicar-me piedade. . . — A ti piedade,
 Compaixão para ti, monstro! — E o cutello
 A brilhar-lhe nos olhos, e a agonía

A apertar-lhe no peito desalmado,
 Aquelle coração. . . Oh ja me tarda.
 Angustia-me a sêde da vingança:
 Quero saciá-la. Ide, ide buscar-m'o;
 Lançae-lhe ás mãos traidoras esses ferros.
 Quero. . .

EGISTHO, adiantando-se gravemente para Merope

Arredae esses grillhões inuteis.
 Para cumprir as ordens da rainha
 Basto eu só. Dos soldados do tyranno
 Não precisa a viuva de Cresphonte:
 De sobejo meus braços manietaram
 O seu pranto, as suas dores.

(Ajoelha)

De joelhos,
 Mas sem tremer, aqui me tens; o peito
 Descoberto aqui está. Fere; não peço,
 Não supplico piedade; satisfaze,
 Sacia n'este sangue malfadado,
 Proscripto como o teu, a longa sêde
 Da tardia vingança. Eia, fere;
 Heide contente receber o golpe.
 Como tu ninguem mais, só tu no mundo

Sôbre mim tens direitos tam sagrados.
 Sim, vinga o filho, vinga-o no meu sangue,
 Que eu heide abençoar a mão piedosa
 Da mãe que me castiga... Uma só graça
 Te imploro por mercê: é o derradeiro
 Favor que pedirei ja n'esta vida,
 E não posso morrer sem que m'ó outorgues.
 Dá que possam meus labios moribundos
 Beijar a régia mão que hade immolar-me;
 Deixa imprimir-lhe o osculo da morte,
 E que o suspiro extremo...

(Vai a inclinar-se)

MEROPE, voltando-se para que a não vejam internecer-se

Desgraçado!

A meu pezar o coração se amolga,
 Interneço-me... quasi, quasi o pranto
 Dos olhos me desliza involuntario.
 Que podêr tem seus dittos na minha alma!
 Retem-me o pejo só que o não abrace.
 Infeliz!

EGISTHO

Ah! se ao menos, ó rainha,
 Te podesse mover meu triste fado;

E que antes de expirar visse em teus olhos
O mais leve signal, um tenue indicio
De compaixão... de amor...

MEROPE

Que incanto é este!
Oh que illusão, que voz, que gesto aquelle!

EGISTHO

Se uma vez, uma só vez... — Muito espero,
Muito ouso! — se uina vez o doce nome
Te pudesse chamar de mãe...

MEROPE

Perverso!

Mãe!... Eu já não sou mãe... e por teu crime.

EGISTHO

Se tu de minha sorte condoída,
Vendo-me assim tam só, tam sem amparo,
Longe dos meus, disesses por piedade:
« Filho!... »

MEROPE

Que proferiste, desgraçado!

Filho... malvado! — Filho! eu tinha um filho;
 E tu, tu foste que m'o assassinaste,
 Tu de minha piedade agora zombas.
 Ah! esse nome a furia me renova;
 Tua sentença pronunciaste n'elle.
 Morre.

(Toma o cutello do sacrificio)

Mas que podêr me affroixa o braço,
 Qual invisivel mão suspende a minha,
 Que gélo pelas veias?...

EGISTHO

Ah que esperas?
 Livra-me d'esta vida que me pésa;
 E este sangue que é teu, que em teu serviço
 Eu quizera verter — derrama-o, espie
 O involuntario crime de meu braço.
 Mas ouvir teus queixumes de orphandade,
 Mas saber que sou eu a causa d'elles...
 Oh poupa-me, rainha, esse tormento:
 Melhor do que elle soffrerei a morte.

MEROPE

O que sinto, onde estou!

EGISTHO

Vinga o teu filho.

MEROPE, com esforço e resolução

Sim, o meu filho, sim o meu espôso
 Vingados hãode ser. — Manes queixosos,
 Innultos manes de Cresphonte e Egistho,
 Vinde, vinde, accorrei ao sacrificio,
 Vinde, sombras queridas, n'este sangue
 Beber a longos tragos a vingança.
 Este ferro guiae-o áquelle peito,
 Avigora-me o braço que fraquea,
 Que treme. . . — Ah! ja vos sinto, ja não tremo.
 Ei-los, sim: esperae. — Esposo, filho!
 Filho! . . . — Tu fostes, tu que m'o mataste:
 Morre.

SCENA IV

POLYDORO, EGISTHO, MEROPE, etc.

POLYDORO

Que fazes, misera! suspende.

MEROPE

Quem ousa interromper o sacrificio?

POLYDORO

Desgraçada, que intentas?

MEROPE

Eu, vingar-me.

POLYDORO

C'um parricidio?... oh ceos!

MEROPE

Um parricidio
Vingar meu filho! — Ah, não: morre, malvado.

POLYDORO

Vingar o filho!... o filho!... Este é o teu filho.

MEROPE

Que dizes!

POLYDORO

Não morreu: — teu filho é este.

MEROPE

Meu filho! Egistho! — Sonho?... A dor, o pranto,
O prazer me suffocam... — Filho, corre
Aos meus braços.

EGISTHO

Oh mãe! — Posso chamar-te,
Ja posso proferir tam doce nome.

MEROPE

Sim, es meu filho; n'este peito, ha muito,
Batendo o coração m'o adivinhava.
Filho, querido filho!... Ah, não me cabe
O excesso do prazer ja dentro n'alma:
Affogam mais as lagrymas de gôsto.
— Filho que tantas dores me has custado,
Filho por que hei vertido tanto pranto,
Filho, estás nos meus braços, no meu seio;
N'elles te aperto emfim... — Oh! venha a morte
Venha o tyranno, que o não temo agora...
Que disse!... Ai de mim, se elle viesse,
Se elle nos visse agora, se o malvado
Podesse descobrir que eras meu filho...
Oh que...

POLYDORO

Senhora, Polyphonte chega.

MEROPE

Onde esconder-te? que farei...

POLYDORO

Ja perto

Chega...

MEROPE

Meu filho, filho meu!...

EGISTHO

Socega:

Não temas.

MEROPE

Não temer!

POLYDORO

Finge, modera...

Talvez... — Não é ja tempo: desgraçada!

SCENA V

MEROPE, EGISTHO, POLYDORO,
POLYPHONTE, etc.

POLYPHONTE

Estás vingada emfim, satisfizeste

No sangue do malvado os teus furores?

— Que? Vivo ainda o vejo! — e n'elle os olhos

Sem rancor me parece que ja fittas.

Mudaste de tenção—ou meus soldados
 Não forão diligentes em servir-te,
 Em cumprir teus decretos?—Oh lá, prestes
 Executae as ordens da rainha.
 Segurae-o.

MEROPE

Eu... inganei-me com seu crime;
 Illudi-me, pensei... Mas elle...

POLYPHONTE

Morra:

Tua muita piedade é que te illude.

MEROPE

Suspendei... Não: sei, sei que não tem culpa.

POLYPHONTE

(Aparte)

(Alto)

Ja conheço o mysterio.—De teu filho
 O matador cruel... é innocente?

MEROPE

Não.—Meu filho não era...o morto.

POLYPHONTE

Como!

O cinto, os signaes todos, e esse velho
 Que a mensagem fatal veio trazer-te,
 Tuas lagrymas... foi tudo fingimento?
 Oh! não te creio agora. — Oh lá, soldados
 Feri.

MEROPE

Senhor!... meu filho... vive ainda.
 Este...

POLYPHONTE

É nova traição, é novo ingano:
 Morra.

MEROPE

Oh que aperturas, que agonia!
 Senhor, piedade...

POLYPHONTE

Para quem piedade?
 Um malfeitor, um perfido assassino!
 Pela vez derradeira vo'-lo ordeno,
 Soldados!

POLYDORO

Grande Deus!

POLYPHONTE

Feri.

MEROPE

Suspende.

POLYPHONTE

Não.

MEROPE

Compaixão... senhor!

POLYPHONTE

Em vão supplicas.

MEROPE

Elle é...

POLYPHONTE

Feri.

MEROPE

Malvado! elle é meu filho.

(Suspensão geral)

POLYPHONTE

Teu filho! — É vão fingir; ja te não creio.

Morrerá, e...

EGISTHO

Seu filho eu sou, tyranno:

No furor que me anima o reconheço.

Sólta-me os ferros, e verás.

POLYPHONTE

Insano,

Que ousaste proferir! — Não ves, não temes
Que...

EGISTHO

Desprezo-te; não temo.

MEROPE

Oh tem piedade

Desculpa-lhe, senhor...

EGISTHO

Não me desculpes:

Eu não quero a piedade de um tyranno.

POLYPHONTE

Não a terás. — Feri.

MEROPE, abraçando-se com Egistho

Primeiro os ferros

Haveis de atravessar por este peito.

O coração de mãe rasgae primeiro

Para chegar ao coração do filho.

Barbaros, que vos fez este innocente?

E tu, cruel, que não fartaste ainda

De nosso sangue a insaciavel sêde,

Satisfaze-te em mim, em mim te vingas.

— Mas vingar-te de quê? . . . Senhor, perdoa :

(A Joelha a Polyphonte)

Ves a teus pés prostrada uma rainha ;
 Minhas lagrymas supplices attende,
 Escuta estes soluços lastimados,
 Ouve os meus rogos ; movam-te a piedade
 De ãa mizera mãe as desventuras ;
 Oh leva tudo o mais, deixa-me o filho,
 Deixa-me o filho, deixa-m'o ; e eu te juro
 Que, sem mais pretender ao solio avito,
 Iremos ambos longe de Messenia
 Ignorados viver ; iremos ambos
 Ainda abençoar tua clemencia.
 Vive seguro tu sôbre o teu throno,
 Vive e reina,

EGISTHO

Levanta-te, rainha.

Tu prostrada a seus pés ! Com essa infamia
 Queres comprar a vida de teu filho !
 Oh minha mãe !

POLYPHONTE

Pois bem, se elle é teu filho,
 Em tuas mãos está salvá-lo ainda.

Se o não é, se fingidos são teus prantos,
 Ja por tuas acções vou conhecê-lo.
 Adrasto!

(Adianta-se um da comitiva a quem falla em segredo;
 depois dirigindo-se aos guardas)

Vós levae-o em segurança.

MEROPE

Barbaro, e d'esta sorte é que?...

POLYPHONTE

Socega.

A minha fé te dou que está segura
 A sua vida, e de ti só pende agora.

MEROPE

Mas como?

POLYPHONTE

Sabê-lo-has em breve tempo.

SCENA VI

MEROPE, EGISTHO, POLYDORO, SOLDADOS

MEROPE

Justos deuses, que intenta este malvado?

Que será?—Oh meu filho!

EGISTHO

Oh mãe!

MEROPE

Oh filho!

EGISTHO

Consola-te.

MEROPE

Eu! eu consolar-me, filho,

Sem ti!

EGISTHO

Adeus!

MEROPE

Adeus filho!... meu filho!

ACTO QUINTO

SCENA I

PÓLYDORO, SACERDOTE, SACRIFICADORES, etc.

(Polydoro está ajoelhado e supplicante juncto ao tumulo. O Sacerdote sai, acompanhado dos sacrificadores, pela porta principal do templo: pára no peristylio, e parece meditar profundamente. Polydoro, vendo-o, ergue-se e vai para elle. Ambos se adiantam para o proscenio tristes e silenciosos.)

POLYDORO

Aqui n'este logar, aqui á face
D'aquelle monumento!

SACERDOTE

Aqui:

POLYDORO

Sem pejo
Dos homens, sem temor dos deuses, hade
Consummar-se o espantoso sacrificio!
E tu hasde erguer ao ceo as mãos piedosas
Para o abençoar?

SACERDOTE

Heide.

POLYDORO

E não temes
Que surja d'esta campa a formidavel,
A despeitada sombra de Cresphonte;
Que a ti, ao filho, á espôsa, que a nós todos
De horriveis maldições cubra e fulmine?

SACERDOTE

Não.

POLYDORO

Que dizes!

SACERDOTE

Que o filho de Cresphonte
É preciso salvar, que hade ser salvo,
E que é pequeno todo o sacrificio,

Que por tal se fizer.

POLYDORO

Supremos deuses!

Tu, que o conheces, ousas confiar-te
Nas dolosas promessas do tyranno!
Crês que n'aquella mão torpe de sangue
Cabe a mão virtuosa da rainha,
Que hade impedi-lo que não trave logo
Do punhal traiçoeiro e despiedado
Para matar o filho? — Pura, e honrada
Do respeito dos povos, não a acata;
Pensas que hade temê-la ou respeitá-la
Quando, cheia de opprobrio e vilipêndio,
A indigna viuva de Cresphonte
Se prostituir de seu algoz no leito?
— Co'a ignominia da mãe promette agora
Remir a vida do innocente filho.
Porquê? Porque ainda teme que esse povo,
Cançado de o soffrer, erga o terrivel,
O formidavel brado de cem vozes,
Que sempre anda no ouvido dos tyrannos
Inda nas horas de mais paz, — o grito
Que se ergue derepente e soa ao longe,

E faz tremer o justo, o rei piedoso,
 O que fará o despota! — Não ousa,
 Na presença do povo de Messenia,
 Matar o filho de seus reis; não pôde.
 Mas o enteado vil de Polyphonte,
 A esse hade impunemente assassiná-lo.
 Sabe que pôde, e hade fazê-lo.

SACERDOTE

É certo.

POLYDORO

É certo! E então?...

SACERDOTE

E então, como éstas minhas;
 Não te dizem as raras cans da fronte
 Que a prudencia e o conselho socegado
 São o valor dos velhos, Polydoro?
 Que queres, co'esse fogo de mancebo
 No cerebro, — e o gêlo da velhice
 Nas mãos caducas, fazer tu agora?

POLYDORO

Quero cahir na cova sem opprobrio.
 A vida sim, a honra não caduca.

Os teus conselhos de prudencia, guarda-os
 Para ti. Bom conselho deste a Merope;
 Que tu só a acceitar a resolveste
 O infame consorcio do tyranno!
 Pasma...

SACERDOTE

Não pases ja, que não é tempo
 Ainda. Vés aquelles que acompanham
 Armados a rainha?

POLYDORO

São soldados
 De Polyphonte que, em fingida pompa
 De cortejo, arrastada veem trazendo
 A victima infeliz ao sacrificio.

SACERDOTE

Mas veem armados?

POLYDORO

Certo, veem.

SACERDOTE

E sabes
 Se aquellas armas não veem promptas hoje
 A erguer-se contra quem as pôs na dextra

Dos que suppós escravos, e são homens?
 Que ordenou e regrou essas phalanges
 De tantos mil para uma só vontade,
 Sem se lembrar que outra vontade pôde
 Mudar-lhe a direcção...

POLYDORO

Pois tu!... Perdoa
 Ao meu zêlo indiscreto — E sabe Merope,
 Sabe o principe acaso que?...

SACERDOTE

Não sabem.
 Não o hãode saber senão no instante
 Em que estoirar o brado da vingança,
 Que eu ha tanto concentro n'este peito.
 Silencio: chega Merope: um só gesto
 Póde perder-nos.

SCENA II

MEROPE, SACERDOTE, POLYDORO,
 SEQUITO, SOLDADOS, etc.

MEROPE

Eis-me resignada;

Cumpra-se em mim segundo for vontade
Dos soberanos deuses. — Sacerdote,
A victima aqui está, — e adornada

(Dá com os olhos no tumulo, e volta-se
para o outro lado)

D'estas galas fataes. . . Oh incobri-me,
Escondei-me esse marmore implacavel
Em que a minha vergonha se reflecte.
Ai! prometti — para salvar o filho,
Prometti — consenti n'esta vileza,
No infame sacrificio : mas ja sinto,
Sinto de todo que me falta o ânimo ;
Não posso. . .

SACERDOTE

Poderás, que a derradeira
Esperança da patria é em ti agora,
E em teu ânimo, o ânimo do povo.
Tem valôr, ó rainha, e salva o filho ;
Salva o teu filho, deixa o resto aos deuses.

MEROPE

E elle onde está? Meu filho! Quero vê-lo.

SCENA III

POLYPHONTE, MEROPE, SACERDOTE,
POLYDORO, EGISTHO, etc.

POLYPHONTE

Aqui o tens, ó Merope, o teu filho.
E aqui, ó povos de Messenia, vêde
Que intrego á viuva de Cresphonte,
Com este dote, a minha mão—e a parte
Do meu imperio a chamo. Assim confundo
Os inimigos de meu throno, e apago
Os sanguentos vestigios das passadas
Dissenções, o pretexto derradeiro
De futuras discordias. Eia, o fogo
No altar accendei, e o sacrificio
Celebrae de concordia e paz.

(O Sacerdote sobe ao peristylio; deante d'elle collocam
o altar. Merope a um lado, Polyphonte ao outro,
Egistho ao pé d'elle.)

SACERDOTE

Ouvi-me,
Supremos deuses; e, n'esta hora grande
E tremenda, acceitae o juramento

Que ante vossos altares venerandos,
 E invocando o terrível testemunho
 Da vossa fé, o povo de Messenia
 Aqui faz. Ser fieis jurámos todos
 Ao nosso rei,

POVO

Jurámos!

SACERDOTE

E o castigo

Do parricida, do perjuro caia
 Sobre quem não guardar seu juramento.

POLYPHONTE

Assim seja. — A tua mão, rainha, e firmem
 Esta alliança as benções. . .

EGISTHO, tomando de repente o cutello que está sobre
 o altar, e collocando-se entre Merope e Polyphonte.

Não tem benções

O altar para o perjuro, o parricida.

POLYPHONTE

A mim, soldados, eia!

EGISTHO

A mim, soldados,
 Que sou o vosso rei, e vos liberto,
 E vos vingo... — e no sangue do tyranno
 (Fere a Polyphonte, que logo cai)
 Lavo a affronta da patria, a minha e a vossa.

SACERDOTE

É o vosso rei, sauda-o!

MEROPE

Defendei-o:
 É o meu filho, o filho de Cresphonte.

TODOS

Salve!

MEROPE

Meu filho!

EGISTHO

Minha mãe!

POLYDORO

Oh dia
 De triumpho! A teus pés, senhor, agora
 Posso morrer em paz e satisfeito,

Porque viram meus olhos ésta gloria.

EGISTHO

Vem a meus braços, pae: vem, tu que foste
Meu guia, meu amparo na desgraça,
Não me abandones; em maior perigo
Estou agora: sou feliz—e reino.
Vem recordar-me—e vós lembrae-m'o todos
A todo o instante—que subi ao throno
Precipitando d'elle a tyrannia.
Maior obrigação, dobrado encargo
Tenho de ser bom rei, maior castigo
Mereço, e mais atroz, se for tyranno.

UM AUTO DE GIL-VICENTE

INTRODUCCÃO¹

Em Portugal nunca chegou a haver theatro ; o que se chama theatro nacional, nunca : até n'isso se parece a nossa litteratura com a latina, que tambem o não teve. A scena romana viveu sempre de imprestimos gregos, nunca houve renda propria ; a nossa andou fazendo «operações mixtas» com a Italia e Castella, até que, fatigada de uma existencia difficil, toda de privações e sem glória, arreou a bandeira nacional, que nunca içára com ver-

¹ Do auctor.

dadeiro e bom direito, e intregou-se á invasão franceza.

Napoleão mandou á conquista de Portugal um dos seus generaes mais brilhantes. Mas a gente que, bons trinta annos antes d'isso, tinha vindo, em nome das perfeições francezes, apoderar-se do nosso theatro, era bicha réles — algum troço de guarda-barreiras de provincia.

O que se traduziu, o que se traduziu, e como?

E todavia Gil-Vicente tinha lançado os fundamentos de uma eschola nacional. Mas foi como se a pintura moderna acabasse no Perugino. Os alicerces da eschola eram solidos como os do «erario novo» á Cotovia; mas não houve quem edificasse para cima, e entraram a fazer barracas de madeira no meio, e casinhas de taipa, que iam apodrecendo e cahindo, até que vieram os reformadores como é moda agora, destruíram tudo, alicerces e tudo, fizeram muitos planos, e não construíram nada, — nem sequer deixaram o terreno limpo.

A causa d'esta esterilidade dramatica, d'esta como negação para o theatro em um povo de tanto ingenho, em que outros ramos de litteratura se teem cultivado tanto... não se pôde explicar, dizem todos, e eu tambem o tenho ditto. Mas é que nada se acha sem procurar. Ora vamos a ver.

O theatro é um grande meio de civilização, mas não prospéra onde a não ha. Não teem procura os seus productos em quanto o gôsto não fórma os habitos e com elles a necessidade. Para principiar pois é mister crear um mercado facticio. É o que fez Richelieu em Paris, e a côrte de Hespanha em Madrid; o que já tinham feito os certames e concursos publicos em Athenas, e o que em Lisboa tinham começado a fazer D. Manuel e D. João III.

Depois de creado o gôsto público, o gôsto público sustenta o theatro; é o que succedeu em França e em Hispanha; é o que teria succedido em Portugal, se o mysticismo bellicoso d'el-rei D. Sebastião, que não trattava senão de brigar e rezar, — e logo a domi-

nação estrangeira que nos absorveu, não tivessem cortado á nascença a planta que ainda precisava muito abrigo e muito amparo.

A restauração veio melancolica e asctica. O Senhor D. João IV era musico excellente, mas de egreja. Seus dous filhos, nem eu sei se elles tinham gôsto por alguma coisa: acho que não. Cada qual por seu modo, mas ambos foram bem tristes e infelizes reis.

O Senhor D. João V, esse teve paz e fortuna, e era magnífico e grande amigo das artes e dos livros — mas livros em folio, muito grandes, muito pesados, com muita nota marginal, como se faziam n'aquella sua sancta academia de Historia, que deitava cada volume em papel imperial — e tam bellas edições!

Dizem que queria imitar Luiz XIV de França: que pena que o não imitasse em proteger e animar o theatro! Talvez foram escrupulos de consciencia, ou beaterio estúpido de alguma Maintenon bastarda. . .

Mas com o gosto que então dominava a litteratura quasi que foi fortuna abandonada

rem o theatro. Havia de ter que ver um drama laureado pela academia dos *Singulares*—ou pela dos *Humildes e Ignorantes!*¹

O marquez de Pombal, sôbretudo depois que travou lucta de morte com os Jesuitas, com a côrte velha—e com toda a sociedade velha—quiz servir-se do theatro; mas o estado de guerra social era ja muito violento de mais, andava no ar muito furacão de philosophias abstractas que não deixavam medrar o que se plantava, e a terra não se revolvêra ainda bastante para lhe dar substancia nova.

N'este primeiro começar das transições sociaes não se cria nada.

Como se hade então crear hoje? Hoje o estado é outro; ja se revolveu a terra, ja mudou todo o modo de ser antigo; não está completa a transição, mas ja leva um seculo de começada—que a principiou o marquez de Pombal.

Drogas que se não fazem na terra que

¹ Duas mais notaveis das infindas academias d'aquelle tempo, cujo gôsto era o mais refinado e insupportavel gongorismo.

remedio ha senão mandá-las vir de fóra! O marquez de Pombal mandou vir uma ópera italiana para el-rei.

O povo compôs-se a exemplo do rei: traduziam em portuguez as óperas de Metastasio, mettiam-lhes graciosos, — chamava-se a isto *accommodar ao gósto portuguez*; — e meio rezado meio cantarolado, lá se ia representando. Vinha o entremez da *Castanheira* no fim, ou outro que tal: e que mais queriam?

O povo antes queria as óperas do Judeu. — Tinha razão; mas queimaram-lh'o e o povo deixou queimar.

Coitado do pobre povo!

Com o dinheiro que elle suava para as óperas italianas, para castrados, para maestro e maestrinos, podia ter quatro theatros nacionaes: e o Garção que lhe fizesse comedias que haviam de ser portuguezas de véras, porque o Garção era portuguez ás di-reitas.

Tinham-lhe queimado o Antonio José porque diz que não comia toucinho; mattaram-

lhe o Garção n'uma enxovia por escrever uma carta em inglez¹.

E o povo deixou mattar. Por isso ficou sem theatro. Não seja tolo.

E eram duas calúmnias atrozes, ambas ellas: o Antonio José comia um prato de torresmos como qualquer christão velho, e o Garção nunca escreveu tal carta em inglez. Com o primeiro foi vingança ignobil de algum frade fanatico; com o segundo foi mais ignobil vingança ainda, a de um ministro que blasonava de philosopho!

No reinado seguinte era peccado subirem mulheres á scena. Façam lá Zairas ou Iphigenias para representarem barbatolas!

De mais a mais, a invasão litteraria franceza, de que fallei, veio por este tempo.

Completa ella, já não era possivel haver theatro: a litteratura dramatica é, de todas, a mais ciosa da independencia nacional.

Estas poucas e deslavadas tragedias que se fizeram, — classicas puritanas da gemma, —

¹ Veja nota no fim do volume.

eram francezas na mesma alma, não tinham de portuguez senão as palavras... algumas — uma ou duas, apenas o titulo e os nomes das pessoas.

E a academia das Sciencias a offerecer premios aos dramas originaes ! E escriptores de bom talento a traduzir Racine, Voltaire e Crebillon e Arnaud ! Nada ; não renascia ; ou propriamente, não nascia o theatro nacional.

Nem elle tinha onde nascer, o pobre : que só a humildade da Eterna Grandeza escolheu para nascer um presepe. Havia ahi duas arribanas, uma no Salitre, outra na rua dos Condes, onde alternada e lentamente agonizava um velho decrepito que alguns tafues de botequim alcunhavam de theatro portuguez ; e iam lá de vez em quando ouvir o terrivel estertor do moribundo : — que atroz divertimento !

O povo não ; esse não ia lá. Conhecia o estrangeiro, não lhe tinha amor nem odio, mas deixava-o morrer e berrar com dores e com fome. Não ia lá.

O povo tinha razão.

E mais razão teria se fôsse pôr d'alli fóra o velho e os tafues, e queimasse as arribanas que eram um insulto e uma deshonra para elle povo que não tinha culpa.

Tinha ; mas em soffrer.

Fizeram-se revoluções ; as primeiras sem o povo saber : eram desavenças entre frades, fidalgos, desembargadores e soldados, sôbre quaes haviam de governar. E o povo a ver.

Cahiram uns, levantaram-se outros ; disputaram muito dos direitos do homem, depois do throno e do altar ; cada um puchava para a sua banda pela velha máchina social, até que ella desabou toda, e quebrou a cabeça á maior parte dos disputantes.

O povo começou a levantar a sua.

«Vamos ver o que isto é :» disse porfim a Nação. Aquellas conclusões magnas que as suas oligarchias tinham estado defendendo e arguindo durante bons vinte annos, não as intendia bem o povo : mas começavam-lhe a agradar algumas palavras.

D'ahi, quiz as coisas que essas palavras significavam.

Aqui é que são ellas. Os utopistas, os theoristas eram liberaes de palavras. Coisas nem as queriam muito fazer, nem sabiam fazê-las.

Glosavam o mote de Junot; «estradas, canaes, commercio, indústria, artes—um Camões para o Algarve:» é a summa de todas as proclamações de ha quarenta annos a ésta parte — que as assignem reis ou demagogos, principes ou tribunos.

O povo riu-se das proclamações. Mas tanto teimaram com ellas, que principiou a murmurar.

— Vamos a fazer alguma coisa, não ha remedio: disseram os poetas,

— O quê?

— O que sahir: deitar a baixo, destruir por ahi essas coisas, que é o que tem menos que saber e que fazer.

Porfim, foram-se embora os frades, poze-ram-lhe os deputados em San'Bento. Foram-se os fidalgos, entraram os agiotas; acabaram-se as procissões, vieram as logeas dos pedreiros.

E o Camões e as estradas ? Estavam a fazer em Londres, creio eu, e a contrahir-se um imprestimo *muito favoravel* para os trazer — quando veio a revolução de Setembro que desarranjou tudo.

Coitada da pobre revolução, como se ella se fizesse a si, e não fôsse a tal gente das estradas e do Camões os que a fizeram ! — os taes poetas que em perenne outeiro teem estado sempre a glosar o inexaurivel mote de Junot.

E tudo isso que tem com o theatro ? — Tem; que houve ahi tres mezes, ou coisa que o valha, um govêrno que era nacional, embora fôsse extra-legal — que errou em muita coisa sem dúvida, mas que desejava acertar, e que, sôbretudo, *não mentia*.

Glosou o mote... oh isso é de rigor; não se dispensa a ninguem n'esta terra. Glosou o mote tambem; mas quiz, mas começou a pôr muito verso em prosa, muita palavra em obra.

Fizeram-se escholas e academias, decretou-se o Pantheon...

Foi poesia; mas não da glosa sedição dos taes poetas de outeiro que nos trepanam a cabeça ha tantos annos. — Mofaram d'elle os semsaborões: pois deviam-se invergonhar, que era um pensamento nobre, nacional, util, exequível, necessario, que podia salvar tanto monumento para a historia, resuscitar tantas memorias que se apagam, levantar tanto ânimo baixo que decai, fazer renascer talvez o antigo enthusiasmo portuguez pela glória, que morreu affogado nas theorias utilitarias. — Ca n'esta pobre terra nem siquer de theorias passaram!

Decretou-se tambem o Theatro Nacional e o Conservatorio Dramatico. — «Foi o irmão gêmeo do Pantheon:» disse ainda o outro dia um dos taes. — Seria, foi, e fizeram-lhe a mesma chacota a mesma gente, — os poetas do outeiro perpétuo, que nunca fizeram, nem podem, nem sabem, nem hãode fazer nada, — mas não querem que ninguem o faça.

Elles ahi estão outra vez a glosar o seu mote, a fazer promessas e proclamações. Vejam as estradasque macademizam, os canaes

por que navegam — e os Camões que os cantam!

Ora eu, que sou um pobre homem, gostei do Pantheon e do Theatro Nacional e do Conservatorio; mas não cria muito n'elles—não por elles em si que são muito possiveis e factiveis — mas porque sei onde vivo e com quem.

Acanharam-se, recuaram com o Pantheon; fizeram mal. É preciso ter ânimo para affronter até com o ridiculo: — é o peor inimigo que ha, mas é necessario encarar com elle de olhos direitos, e não lhe ter medo, quem quer fazer qualquer coisa util e boa, em terras pequenas sôbretudo, e onde ha tanta gente pequena.

É o que eu fiz com o Conservatorio e o theatro. Fui por deante, não fiz caso dos sem-saborões, e levava-os de vencida.

Mas teem maus figados a tal gatinha. Quebrou-se-lhes a arma do ridiculo, tomaram sem escrupulo a da calúnnia. Veiu a religião, veiu a economia, chamou-se tudo para anathematizar um pobre instituto inno-

cênte cuja despeza é insignificante, cujo proveito é tammanho.

—Que proveito?

—O de crear um theatro nacional que não temos.

—Como?

—Dirigindo a censura theatral, como faz; incaminhando os jovens auctores na carreira dramatica, como fez a tantos: formando actores, como está fazendo—devagar, que isso é o mais difficil de tudo—edificando uma casa digna da capital de uma nação culta, como tambem já principiava a fazer.

Se ha defeitos na instituição, emendem-n'os, mas não destruam, que é de barbaros; não callumniem, que é de villões.

Ora, quando me encarregaram d'este que, em meu conceito, era mui grande impenho nacional, disse eu a Sua Magestade a Rainha que se dignára mandar-me consultar¹:

«Entre as joias que da corôa portugueza nos levou a usurpação de Castella, não foi

¹ Por portaria de 28 de Setembro, a que satisfiz em 12 de Novembro de 1836.

a menos bella ésta do nosso theatro. Como o senhor rei D. Manuel deixou pouco vividura descendencia, tambem o seu poeta Gil-Vicente deixou morredoiros successores. Outros pendões foram fazer a *conquista, navegação e commercio* dos altos máres que nós abandonámos; outras musas occuparam o theatro que nós deixámos. E d'esta última glória perdida, nem siquer memoria ficou nos titulos de nossos reis.

Mas tudo nos tem sempre assim ido em Portugal, cujo fado é começar as grandes coisas do mundo, vê-las acabar por outros— acordarmos depois á luz — distante ja — do facho que accendêramos, olhar á roda de nós, — e não ver senão trevas!

Comeffeito desde aquella epocha, nunca mais houve theatro portuguez. Todos os povos modernos foram, um de-pós o outro, pelo caminho que nós incetáramos, ádiatando-se na carreira dramatica; nós voltámos para traz, e perdemos o tino da estrada, que nunca mais acertámos com ella.

Alguns esforços, algumas tentativas se tem

feito, assim por individuos como pelo govêrno; todos infructuosos, porque se não deu impulso simultaneo aos tres elementos, que é preciso crear porque nenhum d'elles existe.

Nem temos um theatro material, nem um drama, nem um actor. Os autos de Gil-Vicente e as óperas do infeliz Antonio José foram nossas unicas producções dramaticas verdadeiramente nacionaes. Umas e outros, inda que por motivos differentes, são obsoletos e incapazes da scena.

Mas em Portugal ha talentos para tudo; ha mais talento e menos cultivacão que em nenhum paiz da Europa!

Basta que Vossa Magestade se digne evocar do cahos os elementos que ahi luctam, e uma creação bella e grande surgirá á sua voz; tal que Vossa Magestade se comprazerá na sua obra, e alcançará na opinião do mundo um dos mais illustres titulos com que a historia honra os principes—o de protector das boas artes.»

Mas para fazer a casa era preciso muito dinheiro, e eu sou pobre; para formar actores,

muito tempo, e eu tenho pouco; para fazer um repertorio, a isso posso eu ajudar (em terra de cegos), e apenas tive um instante de descanso puz-me a fazer um drama.

Foi em Junho de 1838.

O que eu tinha no coração e na cabeça — a restauração do nosso theatro — seu fundador Gil-Vicente — seu primeiro protector el-rei D. Manuel — aquella grande epocha, aquella grande glória — de tudo isto se fez o drama.

Não foi somente o theatro, a poesia portugueza nasceu toda n'aquelle tempo; crearam-n'a Gil-Vicente e Bernardim-Ribeiro, ingenhos de natureza tão parecida, mas que tam diversamente se moldaram.

Gil-Vicente, homem do povo, cubiçoso de fama e de glória, todo na sua arte, querendo tudo por ella e persuadido que ella merecia tudo, viveu independente no meio da dependencia, livre na escravidão da côrte; e fiado na protecção dos reis, seus amos e seus amigos, fustigava de epigrammas e *chacotas*¹.

¹ Especie de cantigas satyricas e jocosas — talvez o que em sua origem foi o *vaudeville* francez.

quanto fidalgo se atrevia a desprezá-lo, quanto frade ou desembargador — e não lhes faltaria vontade — vinha com intrigas e hypocrisias para o mortificar.

Original e atrevido em suas composições, sublime por vezes, o seu stylo era todavia de poeta cortezão: conhece-se. Os cynismos que hoje lhe achámos, ou não soavam taes nos ouvidos d'aquelle tempo, ou permittia a singeleza dos costumes mais liberdade no rir e folgar, porque havia mais estreiteza e pudor nas coisas sérias e devéras.

Bernardim-Ribeiro, ao contrário, nobre e cavalheiro, cultivava as lettras por passatempo, e a côrte por officio. Mas a poesia, que em casa lhe entrára como hospeda e convidada, fez-se dona d'ella e tomou posse de tudo. Foi poeta não só quando escrevia, mas pensou, viveu, amou — e amar n'elle foi viver — amou como poeta.

Taes são os dois characteres que eu quiz pôr defronte um do outro.

D'esta comparação fiz nâscer todo o interêsse do meu drama; foi o pensamento d'elle;

fixei-o n'um facto notavel, cujas circumstan-
cias exteriores minuciosamente nos deixou
descriptas¹ uma testemunha respeitavel, e de
cujos particulares mysteriosos apenas se adi-
vinha alguma coisa confusamente por um livro
de enigmas e allegorias² que não intendia
talvez nem quem o escreveu. Ja se vê que
fallo da partida da infante D. Beatriz para Sa-
boya—facto á volta do qual se passa o drama.

Para a parte íntima d'elle as *Saudades de
Bernardim-Ribeiro*; a memoria de Garcia
de Rezende para a parte material e de fór-
ma; o Gil-Vicente todo, mas especialmente
a tragicomedia³ que n'aquella occasião com-
pôs e foi representada na côrte, para o stylo,
costumes e sabor da epocha. — Taes foram
as fontes d'onde procurei derivar a verdade
dramatica para ésta que ia ser a primeira
composição nacional do genero.

Digo *verdade dramatica*, porque a histo-
rica propriamente, e a chronologica, essas as

¹ Garcia de Rezende. — Veja notas no fim.

² Veja o livro: — *Saudades de Bernardim-Ribeiro*.

³ Cujo titulo é: — *As côrtes de Jupiter*. Veja notas no fim.

não quiz eu, nem quer ninguem que saiba o que é theatro.

O drama de Gil-Vicente que tomei para titulo d'este não é um episodio, é o assumpto mesmo do meu drama; é o ponto em que se enlaça e do qual se desinlaça depois a acção; por consequencia a minha fábula, o meu inrêdo ficou, até certo ponto, obrigado. Mas eu não quiz só fazer um drama, sim um drama de outro drama, e resuscitar Gil-Vicente a ver se resuscitava o theatro.

Os characteres de Gil-Vicente e da infante estão apenas delineados; não podia ser mais: tive medo do desimpenho.

E o desimpenho todavia foi muito além de minhas esperanças. Os actores fizeram gosto de cooperar n'este primeiro impulso para a libertação do theatro, e obraram maravilhas.

O público entrou no espirito da obra e applaudiu com enthusiasmo, não o auctor, mas certa e visivelmente, a idéa nacional do auctor.

Aqui tem o que é o *Auto de Gil-Vicente*; e nunca pretendeu ser mais.

Foi uma pedra lançada no edificio do nosso theatre, que ja chamou outras muitas.

Tenho fe que ha de ir crescendo o monte e se hade vir a rematar o edificio.

Parou tudo com a perseguição do *Salvaterio*: a casa com o terreno e parte do material ja comprado — e boa somma de contos de réis ja assignada — o repertorio com um bom par de dramas, em que ha alguns com muito merito, tudo parou.

Consummará ésta gente comeffeito a sua obra de vandalismo brutal e estupido?

Creio que sim. O povo que lh'o agradeça.

É a quinta crise do theatrô portuguez.

A primeira trouxe-lh'a o fanatismo d'el-rei D. Sebastião e a perda da independencia nacional.

Na segunda queimaram-lhe o pobre Antonio José.

A terceira veiu com a ópera italiana e a perseguição do Garção.

A quarta foi a invasão das macaquices francezas.

Ésta quinta é a do Salvaterio.

E toda a gloria pertence a...

— Não quero ainda dizer a quem pelos seus nomes. Por pouco que vivam estes meus livrinhos, sempre hão de viver mais alguma coisa do que elles: não lhes quero dar mais esses dias de vida.

E talvez ainda se invergonhem. — Dúvido. —¹

Pois viva o Salvaterio!

Bemfica, 24 d'Agosto de 1841.

¹ Veja nota no fim.

PREFACIO DOS EDITORES

A apparição d'este drama fez uma epocha na historia litteraria de Portugal. D'então verdadeiramente é que se começou a pensar que podia haver theatro portuguez. Toda Lisboa foi á Rua-dos-Condes applaudir Gil-Vicente; todos os jovens escriptores quizeram imitar o Gil-Vicente. Toda a imprensa periodica celebrou este acontecimento nacional com enthusiasmo. Se ladrou algum zoilo, foi de modo que se não ouviu; latido que se perdeu entre as acclamações geraes. Dois escriptos, entre tantos que este drama fez apparecer, sobresahiram avantajadamente pela

superioridade do stylo e dos pensamentos, e formam, para assim dizer, o relatorio do seu processo, são documentos que devem conservar-se, e que julgámos indispensavel collocar aqui ao pé do drama. O primeiro appareceu no Diario do Govêrno, o segundo na *Chronica Litteraria* de Coimbra.

I

A restauração das artes é impossivel sem o auxilio do genio; e o genio não é a imitação. Felizmente um drama original portuguez, ingenhosa producção de um talento que assás avultavá ja na nossa litteratura, veio trazer-nos a aurora da verdadeira restauração do theatro portuguez, e marcar uma epocha em nossa historia dramatica.

O pensamento d'este bello drama do Sr. Garrett é o mesmo do seu poema *Camões*; celebrar a nossa glória litteraria, reanimar a memoria dos patriarchas e fundadores da nossa litteratura, recordar o nosso antigo splendor.

Gil-Vicente, o pae do nosso theatro — e do hespanhol todo, — o Plauto nacional, o que obrigou Erasmo a aprender portuguez só para gostar o sal de suas comedias, o poeta da côrte e da sociedade, apparece em scena formando gracioso contraste com Bernardim-Ribeiro, o trovador, o poeta ideal, o cantor da solidão, e tambem o primeiro que ao alaúde romantico dos menestreis juntou uma chorda da lyra grega, uniu as duas poesias, e imprimiu na litteratura nacional este cunho de melancholia e *abandóno* que ainda hoje a caracteriza.

Éstas são as duas grandes figuras do drama. Paula-Vicente, a filha do poeta comico, de quem sabemos quanto o ajudava em suas composições, e que grande genio tinha, fica entre os dois ligando a acção das duas figuras, e formando o capital grupo do quadro, aquelle em que bate a principal luz. Tudo o mais é accessorio.

Bernardim-Ribeiro, collocado em uma posição social mui superior, tinha cortejado le-vianamente a Paula (suppôs o auctor do dra-

ma) por mero capricho e sem afeição verdadeira. Paula honesta e orgulhosa o repelliu. Cessou o galanteio, mas Paula ama secretamente o poeta.

Todavia criada e valida no paço, a filha de Gil-Vicente tem sincera devoção pela infante D. Beatriz, princeza de grande talento, como sabemos, e de grande virtude, segundo nos diz o auctor da peça, que, captivada dos versos e do ingenho de Bernardim, tem por elle uma occulta, e tanto mais violenta paixão, quanto é uma paixão honesta e virtuosa, que as conveniencias sociaes, o seu proprio character e nobres sentimentos lhe não deixam nem a esperança de satisfazer jamais. Paula-Vicente protege ésta paixão com sacrificio de seus mais charos sentimentos. Situação muito dramatica, e de que o auctor tirou grande partido.

O auctor escolheu a véspera da ida da infante para Saboya, para levantar o panno do seu drama. Ha uma grande funcção na côrte, de que Garcia de Rezende nos conservou os mais minuciosos detalhes. Existe ainda o pro-

prio auto que Gil-Vicente compôs para as dittas festas, e que foi representado no paço em plena cõrte. Este auto velho faz realmente todo o intrecho da peça moderna. Uma figura que falta, e que Bernardim-Ribeiro, de concêrto com Paula, se offerece a fazer para ter occasião de fallar á princeza, precipita a catastrophe. O namorado poeta, em vez de dizer o seu papel, improvisa uns versos que só Paula e a infante intendem, mas que sobresaltam e espantam a todos. O terror comico de Gil-Vicente n'esta occasião é do melhor effeito.

Uma figura secundaria, e que, por fallar no stylo de Victor-Hugo, fôrma antes a moldura do quadro, do que parte d'elle, é a d'el-rei D. Manuel. Comtudo parece-nos excellente. Como pintura historica elle é realmente o que no'-lo descrevem seus biographos; e como character do drama, habilmente desenhado e com finura. El-rei sabe da inclinação da infante, sabe que são amores de criança, innocentes e faceis de desvanecer, se imprudentemente lhe não derem impor-

tancia com procedimentos que só podem motivar escandalo. Como rei e como pae, o seu procedimento é perfeitamente regulado. Dissimula sem fechar os olhos — reprehende e admoesta sem dar escandalo — e salva talvez do opprobrio, não merecido por um crime (pois que a princeza apparece sempre em toda a rigidez de virtude e em toda a pureza da innocencia), mas até certo ponto incorrido por levezas de pouca idade — a fama de sua filha e o decôro de sua familia e casa.

Apezar comtudo da grande e finissima politica d'el-rei, da virtude e resplandecente innocencia da princeza, da vigilante, zelosa e *interessada* guarda de Paula, D. Beatriz, sem um atomo de crime em sua consciencia, ficaria comtudo diffamada se não fosse a generosa devoção de sua criada particular, e a heroica resolução do homem que ousou amá-la.

Ja a bordo do navio que vai levantar ferro, Bernardim-Ribeiro tinha conseguido ir fazer suas ultimas despedidas á infante. Esquecidas as horas em um terno e honestissimo, mas ex-

tremamente apaixonado adeus,—el-rei chega que vem dar o derradeiro abraço a sua filha. Tudo está perdido, não ha remedio. Duas mulheres innocentes, victimas da irreflexão e leviandade propria do seu sexo, vão ficar cobertas de infamia, como se fossem rés do mais detestavel crime.—Que fará Bernardim-Ribeiro, o poeta meio doudo, e agora tresvariado de todo?—Fugir, não pôde; esconder-se, aonde que, mais tarde ou mais cedo, o não achem?—Apunhalar-se?—Ahi fica o seu cadaver para denunciar a apparente culpa d'aquella que ama com tanto excesso como respeito.—N'este extremo de perigo sua razão lhe volta toda:—«Não tenhaes receio» diz elle; e beijando pela última vez a mão da princeza—salva de um pulo as varandas da nau e se arremessa ao Tejo.—A infante desmaia, Paula fica extatica—el-rei entra, e attribue a outra causa o desmaio da filha: e o drama termina com esta situação bella e original.

Não nos diz nem podia dizer o auctor se Bernardim-Ribeiro morre, ou não, affogado

nas aguas do Tejo. O que elle queria era tirá-lo d'alli, e tirá-lo bem. — Conseguiu-o, e não se importou com mais nada.

Pela tradição, mais que pela historia, sabemos, ou supponmos, que o auctor da *Menina e moça* sobrevivera á partida da infante para Saboya, e até dizem, que lá fôra ter com ella, esperando outro acolhimento que não teve, e que, voltando offendido e desincantado a Portugal, morrêra nas brenhas de Cintra. Outras conjecturas o dão esquecido dos seus extremos e casado pouco depois.

O livro das *Saudades*, em que debaixo do disfarce de cavallarias, contou a historia de seus amores, de certo appareceu depois. — O auctor do drama com todo o tacto faz bem intender que a cópia do ditto livro que pôs nas mãos da princeza é *manuscripta*, e que ainda não foi multiplicada por essa *nova arte que veio d'Allemanha*, a imprensa, nova ainda na Europa e novissima em Portugal.

Em summa o drama tem suas partes extra-historicas, mas nenhum anachronismo.

E ainda extra-historico é elle muito menos que nenhum outro d'este seculo.

Achámos feliz o desenho do character de Gil-Vicente; mas notámos que só no-lo mostrou do lado comico: convinha que vissemos alguma cousa tambem do reverso triste e melancholico que estes characteres têm sempre, como tinha Molière, e como sabemos, até por suas obras, que o tinha Gil-Vicente.—É boa, mas talvez imperfeita ésta figura, perdoe-nos o nosso illustre litterato ¹.

Bernardim-Ribeiro, D. Beatriz, D. Manuel são completos cada qual no seu genero. O secretario da embaixada de Saboya, excellente. Sentimos porém o pouco, antes nenhum, desinvolvimento, que o auctor deu a dous interessantes characteres que pôs em scena e em presença. — Garcia de Rezende, o chronista, — e o conde de Villa Nova de Portimão: a côrte nova e a côrte velha. Estão tanto no fundo do quadro éstas duas figuras importantes, chega-lhes tam pouca luz, que

¹ Veja nota no fim.

faz pena não os ver quasi. Admirámos que tendo posto na scena o eminente litterato e profundo archeologista Rezende¹, lhe fizesse a *desfeita* de o collocar entre as pessoas mudas.—N'êstas *córtes litterarias* que celebrou no palacio de nossos reis, seu antigo berço e tambem seu capitolio, apparecem os representantes de todo o saber e gôsto da feliz era de quinhentos. Porque havia o nosso auctor de *dar* sómente a *palavra* ao poeta erotico e romantico, e ao poeta dramatico? O historiador apenas falla, o antiquario e moralista nem abre a bôcca; o navegador diz duas phrases, e os mathematicos só indirectamente ouvem citar o nome de Pedro Nunes!

Ainda que lhe custasse um anachronismo, o auctor de uma composição tam nacional, tam quinhentista, tam calculada para celebrar e reviver aquella grande epocha, parece que devia pôr-nos alli na scena, vivos, animados e fallando, os *deputados* de todas as

¹ Veja nota no fim.

artes e sciencias que se reuniram em tórno do grande rei D. Manuel para fazer de seu reinado o mais brilhante da história portugueza¹.

Perdoe-nos o auctor ésta censura que lhe não fazemos por desmerecer em sua bella, util e portugueza obra, mas porque desejavamos que fôsse ainda melhor, que fôsse perfeita.

O stylo é correcto e classico, e sómente antiquado quando a verdade e fidelidade dos characteres o demandam. Haverá talvez duas ou tres phrases que nos deixaram alguma dúvida de sua legitimidade assim ouvidas no theatro. Temos muita confiança no auctor de *Camões* e *Adozinha* e do severo *Catão*, e de muito pêso julgámos o seu testemunho quanto á linguagem. Mas, a não ser que os actores as estropiassem, repetimos que nos ficam escrupulos das taes phrases, e que o auctor deve a seu estabelecido credito de purista da lingua o fazê-las justificar².

¹ Veja nota no fim.

² Veja nota no fim.

Tal é o nosso candido e imparcial juizo d'esta peça, que é a primeira verdadeira nacional toda, no assumpto, nos ornatos, no stylo, em tudo inteira e plenamente portugueza. O genero pertence ao que talvez se possa chamar *classico-romantico*, ou romantico moderado; é um meio termo entre a *absoluta* e *republicana* independencia poetica de Shakspeare — e os servis regulamentos do *pautado* Racine e de seus imitadores. — Está nos principios da moderna escolâ anglo-alleman; mas seguramente se não parece com as tam ingenhosas quanto depravadas producções da novissima e exagerada escola franceza. — Comtudo algumas scenas alegres são affinadas pelo tom das do D. João de Austria de Delavigne que, assim como o nosso compatriota, tem desprezado os asquerosos, ainda que fortes, effeitos da orgia tragica e das bacchanaes de cothurno. Por isto, sôbretudo e mais que tudo, devemos sinceros elogios ao auctor do *Auto de Gil-Vicente*, em nos mostrar que era possivel crear e sustentar um grande e vivo interêsse no delirio

das paixões mais cegas, sem nos dar crimes e horrores; que pôde haver amor, amor apaixonado, delirante, infeliz e que excite profundamente a alma, sem os incestos, adulterios, invenenamentos, parricidios, infanticidios que a moderna eschola nos quer fazer acreditar como elementos indispensaveis da tregedia e do grande drama.

Ésta é d'aquellas obras de que se pôde dizer com razão:

La mère en permettra la lecture à sa fille.

Seja-lhe muito louvor ao nosso distincto litterato por haver entrado na grande reacção moral a que se prepara a litteratura moderna para expurgar de seu seio os seductores e meretricios infeites da devassidão em que ia cahindo por outra reacção inevitavel — a que tinha feito a natureza sôbre a affectada e falsa litteratura hypocrita dos dous ultimos seculos.

Não será a litteratura portugueza a última a entrar n'esta grande confederação moral,

em que Walter-Scott, Crabbe, Chateaubriand e Lamartine tam nobremente levantaram seus nobres escudos, e estão combatendo contra os Victor-Hugos, os Byrons e outros ingenhos não inferiores áquelles certamente, e portanto do mais damnoso exemplo.

Por isso, repetimos, lhe votâmos os louvores que tanto merece, e não menos também por nos dar o exemplo—tam raro entre nós, quanto é commum em nações civilizadas—de um homem intregue a graves cuidados, e utilmente occupado de serios negocios, dando suas horas de descanço ao tratto ameno das bellas-lettras, e não se invergonhando de vir ao theatro instruir e deleitar aos seus concidadãos. Criticá-lo-ha o orgulho estúpido e a vaidade brutal dos ignorantes, suberbos da sua elevação social, que dévem ao acaso ou á intriga. Os que prezam o merito real dir-lhe-hão sempre que prosiga pela estrada que lhe apontam os Addisons, os Cannings, os Chateaubriands e os Martinez de la Rosa; que já la vai — até entre nós! — o tempo da bruta e presumpçosa ignorancia de

que dizia um dos hossos bellos ingenhos:

*Almotacé que queiras ser d'um bairro,
Excluido serás, sendo poeta.*

Hoje os poetas *sobem* á tribuna para a illustrar, *descem* á administração para a honrar, e servem a patria sem abandonar as musas.

Se a eminente capacidade do illustre auctor o habilita para servir utilmente o seu paiz n'esses graves e difficeis incargos, nem por isso deve elle deixar de seguir a vocação dos seus brilhantes talentos; e pela nossa parte muito desejámos que affaste de si toda a idéa que o embarace de continuar a nova e *regenerada* carreira que o *Gil-Vicente* nos promette d'elle.

Se o censurarem e calumniarem, que se ria e zombe de seus detractores, que a nação tomará a sua causa: — no actual estado da civilisação, a posteridade começa ainda na vida dos sabios. Desgraçados os Camões que morreram de fome n'um hospital sem a ver

nem em esperança!—os Tassos, que expiraram de desgosto na véspera de seu triumpho!—os Cheniers em quem a guilhotina republicana puniu o crime atroz do talento, a *escandalosa aristocracia do genio!*¹

II

N'esta epocha de transição, em que até a sciencia e a litteratura soffreram tammanho abalo, não era possivel que sómente a arte dramatica permanecesse estacionaria, que resistisse ao desejo de mudança e melhoria, espirito do seculo presente. A revolução e progresso universal tambem devia tocar-nos, fôrça era que seguíssemos o exemplo que nos fôra dado, e que da luz do nosso aperfeiçoamento social reflectisse algum clarão sôbre o theatro portuguez. E na verdade, se no resto da Europa a arte dramatica sempre acompanhou o andamento da civilização, sendo talvez difficil de determinar qual d'ellas abriu

¹ Do *Diario do Governo* n.º 214, de 10 de Setembro de 1838.

caminho á outra, não é certamente em Portugal que a experiencia fallecê.

Emquanto jaziamos na ignorancia e barbaridade, nenhuns passatempos conheciam nossos avós; se pouco a pouco se foram introduzindo alguns recreios, n'estes se espe lhava ao vivo o espirito d'aquelles tempos cavalheirescos; e as justas e torneios não eram mais do que uma similhaça dos combates e das batalhas, tam frequentes no décimo terceiro e décimo quarto seculo. Com os progressos da civilização tiveram bom acolhimento novos divertimentos que nos trouxeram os mouros e os judeus; e com a dança e canto, com momos, intremezes, touras e guinolâs, D. Affonso V e D. João II abri lantaram os saraus da sua côrte. Por este tempo começaram-se a compor algumas comedias; o espirito religioso havia succedido ao genio guerreiro, e as Escripturas deram o assumpto aos primeiros auctores: farças ridiculas, em que não duvidavam pôr em scena os mysterios mais sagrados da religião, foram os primeiros passos da arte ainda sem força.

Foi Gil-Vicente nosso primeiro poeta dramatico, e afóra o conhecimento do latim, hespanhol, francez e italiano, era-lhe extranha a litteratura; nem rastos apparecem nos seus dramas das obras dos antigos dramaticos, e d'aqui vem a falta d'actos e d'unidade com que deparámos em seus autos; a Biblia era o seu livro, os entes mais sagrados os seus actores. E se acaso declamassem hoje em algum theatro esses dramas, poucos haveria que intendessem a linguagem, mistura de castelhano e portuguez, ou estimassem em muito as scenas sôltas e sem nexo que tanto promoveram o riso de nossos avós. Mudámos, e talvez para peor; pois que eu não sei qual seja preferivel, se aquelles antigos autos extravagantes no inrêdo, mas rricos de ádmiraveis lances comicos e cuja linguagem era verdadeiramente nacional, se estes modernos intremezes-escritos em phrase incorrecta e chula, recheados de chocarrices que não podem agradar a ouvidos delicados. E com acêrto diz o Sr. Trigoso n'uma memoria sôbre o theatro portuguez, fallando

das obras de Gil-Vicente: « Quando julgámos
« os antigos dramaticos, apesar das lições dos
« sabios e do fructo da experiencia de muitas
« edades, não somos talvez de todo isemptos
« de prevenções; conhecemos mais a invero-
« similhança d'aquelles dramas que eram des-
« tituidos das tres unidades, do que conhe-
« cemos o que quasi sempre se segue da es-
« crupulosa observação das mesmas unida-
« des, e sabemos melhor vestir os nossos
« actores com os trajes proprios de seu paiz
« e do seu seculo, do que representá-los com
« os seus verdadeiros costumes e com a sua
« propria maneira de vida.» Parece que o
illustre academico antevia a necessidade da
nova eschola dramatica.

Na arte dramatica nunca Portugal pôde
hombrear com os mais paizes; tal sempre
tem sido seu triste fado! Se enumerámos in-
signes poetas nos outros ramos de poesia,
n'este é-nos preciso abater bandeiras. Assim
como descobrimos nova derrota para ganhar
aquelles paizes da Asia, e d'este achado só-
mente se aproveitaram os estrangeiros, as-

sim em tempos remotos appareceu um Ferreira que fez surgir na Europa civilizada o genio da tragedia; e nós satisfeitos com abrimos novo caminho aos poetas das mais nações, parámos no que devêra de ser o incentivo da cultura e aperfeiçoamento da nossa litteratura dramatica. Se um Gomes, um Xavier ainda inriqueceram nosso theatro, são quaes scintillantes estrêllas em ceu nebuloso; não temos uma serie de auctores dramaticos, como possui a França, a Allemanha e a Inglaterra. Ficámos por muito tempo sepultados em noite escura, saciando nosso mau gôsto com intremezes ridiculos e comedias em que eram desprezados todos os preceitos do gôsto.

Onde as armas imperam as lettras não dão saborosos fructos; e esta talvez seja a causa da principal decadencia do nosso theatro de 1820 até agora. Intregues todos aos negocios publicos, não havia quem cultivasse as artes; tudo quanto não tinha relação com a politica era votado ao esquecimento, e d'est'arte foi-se impobrecendo o nosso theatro, ao

passo que os estranhos se aperfeiçoavam. Não havia bons actores, porque ninguem queria seguir uma profissão invilecida pelas prevenções d'aquella epocha; a muito custo ainda pisavam o palco scenico homens que passavam o dia trabalhando com o martello ou sentados na tripeça. E quem haveria que compozesse dramas para taes actores? quem se sujeitaria a ver recitada por elles alguma obra filha de muitas noites de trabalho e de estudo? Ninguem. Algumas traducções toscas e mal feitas eram as unicas composições de que vivia o nosso theatro, e cujas funestas consequencias foram a introducção de uma linguagem bastarda e mesclada de portuguez e francez.

E n'este misero estado jazia o nosso theatro quando teve logar a restauração; n'estes poucos annos que a seguiram, várias foram as tentativas para restitui-lo a seu antigo splendor, mas foram baldados todos os esforços; foi contiñuando a incorrecção no fallar e a má escolha dos dramas. Os poucos que eram originaes portuguezes melhor fôra

que nunca os tirassem a público, pois que não eram mais do que um triste reflexo dos medonhos successos da nossa guerra civil. O theatro do Salitre era o unico regular de Lisboa, e este mesmo, que mais se assimilhava a uma baiuca do que a um lugar de recreio público, só era frequentado pela classe infima da sociedade; alli as graças mais obscenas eram unicamente applaudidas, os dittos mais deshonestos os que melhor soavam áquella platea. No bello theatro de San' João da cidade do Porto não era mais feliz a arte dramatica. A selecção dos dramas estava a cargo de homens indoutos, a execução d'essas mesmas peças era confiada a uma companhia que mais do que uma vez appresentou em scena actores embriagados. Parecia que o nosso theatro ja estava arquejando nos ultimos arrancos, e que para finar-se o miserero só esperava pela morte d'aquelle que ainda o presenteára com uma obra-prima, qual último canto do cysne. Mas a este nosso grande poeta tambem estava reservada a glória de resuscita-lo, e levantar aquelle antigo

e ja arruinado edificio das nossas glórias litterarias.

Entre a alluvião de leis que desde o começo da nossa revolução inundou Portugal, uma passou desapercibida, talvez taxada ainda d'injusta e despotica, e todavia ella salvou a arte dramatica da sua completa ruina; fallo da lei que estabeleceu a Inspeccão dos theatros. Este cargo só podia ser commettido ao auctor de *Catão*; e grandes louvores devemos dar nós os amadores d'esta arte, a quem fez tam acertada escolha.

O Sr. Garrett intendeu o mandado com vistas mais largas; só lhe haviam encarregado inspeccionar os theatros, elle resolveu dar-lhes vida; havia sido nomeado para conservar restos que ainda existiam, elle determinou formar com estes mesquinhos cabedaes um novo edificio, começar nova era theatral. E não foi sómente com preceitos que trabalhou para tal reforma; mas sim deitou mãos á obra, abrindo caminho que ha muito ninguem se atrevia a trilhar, pois que ao genio maduro e confiado em suas fôrças cumpre

sacudir o jugo inveterado das preocupações. Lançou mão de alguns actores ainda mal insaiados, que um estrangeiro havia amestrado a recitar máls pessimas traducções, e lhes intregou, como victima para o sacrificio, um drama composto por elle. A impaciencia e genio do poeta dobrou o cantor de Camões a ensaiar pessoalmente a linda comedia, *Um Auto de Gil-Vicente*; a delicadeza do homem cortez forçou elle a soffrer submissa as intrigas de bastidores, que só avalia quem de perto as conhece. Mas tantos trabalhos teve por bem empregados quando universaes applausos amostraram ao auctor de *Catão* o aprêço em que todos tinham aquella nova obra, e os cuidados que lhe devêra a sua execução.

Seja-me perdoado querer eu, mesquinho ingenho, juntar mais uma folha aos louros que ha muito cingem a fronte d'este nosso poeta; mas estes ainda são poucos para quem foi de tanta valia á scena portugueza. Da representação do *Auto de Gil-Vicente* data uma nova epocha theatral; é a méta que se-

pará o nosso theatro antigo do comêço dá sua restauração. As palmas dadas a ésta comedia, repercutidas em muitos corações, foram uma faisca que despertou no peito da juventude portugueza o estro dramatico; muitos exclamaram:

Anch'io son pittore

e levantando a luva, que lhes fôra lançada acceitaram o desafio, e quizeram ter seu quinhão na gloriosa justa que lhes abrira o cantor de *D. Branca*.

Quem escrupulosamente analysasse o *Auto de Gil-Vicente*, talvez encontraria alguns defeitos, depararia com algumas scenas menos dramaticas, com falta de nexo e ligação entre éstas; mas quanto acima d'estes pequenos descuidos transluz a pureza do stylo e a linguagem tão limada e portugueza; melodiosa musica soando a nossos ouvidos quasi esquecidos d'ella! Quanto não são para admirar os pensamentos finos e delicados, os dittos jocosos que esmaltam ésta comedia!

Não tem a força dos conceitos, o splendor das ideas de Victor-Hugo; carece talvez do inrêdo forte e arrebatador de Alexandre Dumas, porém inxergâmos n'este drama a perfeição e interêsse de Casimir Delavigne a agudesa e engenhosa critica de Molière. Não é raio lançando um clarão que cega e desaparece, mas sim mimoso brilho, placida luz em que os olhos descansam gostosos.

A. B.¹

¹ Da *Chronica Litteraria* de Coimbra n.º 2, de 1840 — Este artigo é da elegante e esperançosa penna do Sr. Anselmo Braamcamp junior.

UM AUTO DE GIL-VICENTE

DRAMA

Representado pela primeira vez em Lisboa, no theatro
da Rua dos Condes, em 15 de agosto de

MDCCCXXXVIII

PESSOAS

EL-REI DOM MANUEL.
INFANTE DONA BEATRIZ.
BERNARDIM-RIBEIRO.
GIL-VICENTE.
PAULA-VICENTE.
PERO-ÇAFIÓ.
CONDE DE VILLA-NOVA.
GARCIA DE REZENDE.

BARÃO DE S^a-GERMAIN.
DR. JOFRE-PASSERIO.
CHATEL.
BISPO DE TARGA.
MORDOMO-MOR D'EL-REI.
UM PAGEM D'EL-REI.
DONA IGNEZ DE MELLO.
JOANNA DO TACO.

Quatro actores e duas actrizes
de Gil-Vicente, damas, cavalleiros, escudeiros,
falcoeiros, moços-fidalgos, moços-do-monte,
reis-d'armas, arautos, passavantes,
menestreis, archeiros, remeiros, marinheiros
pagens, escravos indios, pretos e chins

Logar da scena—Lisboa e Cintra.

ACTO PRIMEIRO

O pátio ou largo dos paços de Cintra com a antiga escadaria descoberta e praticavel, fontes e tanque. Á esquerda o palacio real, á direita e no fundo montes e arvoredos. Começa o crepusculo da madrugada. Pelo meio da terceira scena terá amanhecido.

SCENA I

PERO-ÇAFÍO

Traz um papel de solfa meio inrolado, na mão e passeando lentamente como quem decora, canta por entre dentes

Ninã la casó su padre,
Muy hermosa a maravilla,
Con el duque de Saboya
Que bien le pertenecia . . .

Pertenecia!... — Pertenecia diz cá o castelhano

do romance: em portuguez tem mais que se lhe diga... — Pschiu! que as paredes teem ouvidos e paredes de palacio ouvidos e bôccas. (*Deita os olhos á roda de si como quem se acautela; e torna a cantar.*)

Ninã la casó su padre...

Ora onde foi este mal-aventurado de Gil-Vicente buscar solfa tam incatarrhoadá como ésta para uma função de vodas — e vodas reaes! — Pois as coplas? sensabores. — Se lettra e musica as não animar cá a brilhante e donosa garganta de uma certa pessoa... (*affagando o pescoço*) d'esta feita perdes tua fama e nome, Gil-Vicente meu amigo e mestre, compositor mor de momos e chacotas, comedias, tragicomedias e autos por el-rei meu senhor que Deus guarde. (*Canta.*)

Ya se parte la Ifanta,
 La Ifanta se partia
 De la mui leal ciudad
 Que Lisbona se decia;
 La riqueza que llevaba
 Vale toda Alejandria...

SCENA II

PERO-ÇAFÍO, BERNARDIM-RIBEIRO,
PAULA-VICENTE

Em quanto Pero-Çafio canta os ultimos versos, Bernardim-Ribeiro imbuçado na capa, o chapeo sôbre os olhos, apparece com Paula-Vicente no patim da escadaria á esquerda. Paula faz signal a Bernardim de que alli está Pero-Çafio.

PAULA

Olhae quem alli está.

BERNARDIM

Pero-Çafio vosso devoto. Receaes que tenha ciumes?— Não me conhecerá.

PAULA

Receio que . . . Não quizera que elle soubesse tanto como sabe.

BERNARDIM

Antes elle que outro. — E deixae-o commigo.
(Desce as escadas pé-ante-pé, que o não sinta Pero-Çafio. Paula fica immovel contemplando Bernardim com ternura e anxiedade até lhe parecer que está fóra de risco de ser visto.)

SCENA III

PERO-ÇAÍO, BERNARDIM-RIBEIRO

Bernardim vai-se retirando cautelosamente, mas no momento de passar por de traz de Pero, este se volta e dão face a face um com outro

PERO

Oh não se esconda senhor imbuçado, que ja o desimbuçou a minha perspicacia.

BERNARDIM, tirando a espada

Arreda, que heide passar.

PERO

Passareis, passareis, senhor das saudades; passareis como quizerdes, mas não sem vos eu conhecer. Que por éstas madrugadas, por aqui, e tam recatado... só um homem que eu conheço — um louco de atrevidos pensamentos e desmesurada confiança... só elle e ninguem mais — Ide, ide, que este último capitolo de *Menina e Moça* não está para durar muito... e Deus queira que não acabe mal!

BERNARDIM, desimbuçando-se e imbainhando

Amigo, pois que me conheceste,—que me não posso incobrir de ti—amigo, tem compaixão, não me percas. Confio da tua lealdade que m'a guardarás a mim desgraçado e desvalido, a mim o mais infeliz. . . (*Dá com os olhos n'um anel que traz no dedo, beija-o repetidas vezes e prosegue em tom diferente:*) antes o mais afortunado homem que hoje vê nascer aquelle sol radioso, destoucarem-se de nevoeiros aquellas serras, vicarem esses arvoredos tam bellos—tam bellos e tam verdes como as minhas esperanças! . . . —

Pero, meu amigo, eu sempre em ti descobri, com toda essa tua galhofa e zombaria, uma alma elevada, um pensamento grande, capaz de comprehender as coisas altas.—Conhecem-te por cantares nos autos de Gil-Vicente e em semelhantes momos, não sabem de ti mais que os tregeitos e ledices com que tanto ri essa côrte sem alma, essas damas sem espirito, esses fidalgos sem coração. Mas o teu é para muito, Pero: tu és capaz de me entender. Para mais é a poesia da tua alma que para a do teu mestre Gil-Vicen-

te. . . que o tenho em muito, e muito vale; mas pèza-me que se avalie elle em tam pouco.— Pero, tu sabes que ninguem é por mim, que me não posso fiar de ninguem; que só, isolado no mundo. . . vivo com minha saudade, e para ella e por ella. . . Pero, eu preciso de um amigo: queres sê-lo tu?

PERO

Precisas de um amigo, de um amigo que te entenda, com uma alma grande, capaz. . . não sei de quê—de subir, de trepar até á tua, aos teus pensamentos, á alteza de tuas sublimes inspirações— e não sei que mais coisas de versos e de trovadores, que ahi imbrulhaste em prosa, mas que soam como cascaveis de coplas!— Assim costumaes sempre.— Ora traduzamos isto em romance, *id est*, em lingua vulgar, e vem a dizer:—Bernardim-Ribeiro, homem de prol e cavalleiro de ousadas imprezas, metteu-se em camisa de onze varas por certos amores que l'ho diabo metteu na cabeça; andou a sonhar—ou a trovar que é o mesmo—por essas serras de Cintra, fallou com as mouras incantadas do castello, incommendou-se á Senhora da Pena, es-

conjurou a lua em verso, as estrêllas em prosa. . .
 Ninguém lhe acudiu. E vendo-se extraordinaria-
 mente intallado, em vez de tomar a unica reso-
 lução prudente e de siso que em tal caso podia
 tomar . . .

BERNARDIM

Qual era?

PERO

Ir de passeio por Collares fóra, esperar maré
 propicia, — e atirar comsigo da *Pedra d'alvidrar*
 abaixo — unico termo verdadeiro de seus phan-
 tasticos e desvairados amores.

BERNARDIM, com impaciencia

Ah!

PERO

Sim, senhor. O deus do amor, e todas aquel-
 las nymphas e deusas que nos mostra cá, em seus
 autos e comedias famosas, o amigo Gil-Vicente,
 viriam recebê-lo; e passaria vida alegre e ditosa
 em terra. . . terra não, que a coisa era no mar —
 mas entre gente da sua egualha, coisas do ou-
 tro mundo; que trovadores e poetas não são na-
 turaes d'este nem andam correntes por cá.

BERNARDIM

E bem certo o dizes, amigo. Um mundo de vaidades e fingimentos, um mundo arido e falso, em que a fortuna cega, os sordidos interêsses, as imaginarias distincções corrompem, quebram o coração: — cujas leis iniquas fazem violencia á liberdade natural das almas; — em que a amizade é um trafico — e o proprio amor, o mais nobre, o mais sublime affecto humano, é mercadoria que se vende e troca pelas vis e mesquinhas conveniencias da terra... Oh!...

PERO, arremedando-o com emphase ridicula

Oh! este mundo está inhabitavel desde que as donzellas nobres deixaram de fugir com os escudeiros de seus paes, — e que os reis entraram a usar da tyrannia de casar as infantas suas filhas com principes de sua liança, sem esperar que algum Amadis de Gaula ou de Grecia, ou... — Como se chama aquelle vosso, aquelle famoso cavalleiro do vosso livro das *Saudades*? Bimnardel — Narbimdel? coisa assim parecida — ou qualquer outro, lh'as safe pelas setteiras do castello, e vão fazer vida sancta para uma choupa-

na á borda de um ribeiro, já que fortuna injusta não deu ao guapo cavalleiro

Nem tôrre em que hastee sua nobre bandeira,
Nem porta de villa que lhe encha a caldeira.

(Muda para tom serio) Senhor Bernardim-Ribeiro, tomae conselho de um fraca figura, — Pero do Porto ou Pero-Çafio, segundo mais vos praza, que ambos os nomes tenho, — vosso servidor, moço da capella d’el-rei, e uma das principaes figuras dos autos e comedias do poeta Gil-Vicente — espôso que espera ser da senhora Paula-Vicente, sua filha e minha dama, môça de espantoso saber e aviso, mas ingrata se as ha, e desdenhosa como às que o são. I-vos em paz, que só eu, por ora, vos vi sahir d’aquella azia-ga porta. Paula guardará segredo, e eu tambem. Assim i-vos com Deus para vosso escondrijo da serra conversar com as fadas e duendes do castello velho — em que, tam louco sois que estais vivendo como um anachoreta. — Olhae: a côrte vai amanhan para Lisboa. Depois d’amanhan se recebe a infante com Messer de Balaison barão de Saint-Germain em nome do duque seu amo.

À noite sarau, e o nosso auto, (ou tragicomedia, segundo se diz agora por moda)—no qual eu Pero de Porto—ou Pero-Çafio, como me chama o excommungado de Gil-Vicente. . . —E pegou a alcunha que até el-rei meu senhor—e as Senhoras, ja não ha senão: «anda cá, Pero-Çafio—canta lá, Pero-Çafio—vai-te d’ahi, Pero-Çafio. . . »—Só nunca tal me chamou Paula-Vicente, minha dama! . . . Ora’ ainda heide averiguar a razão d’esta cortezia. . . Será que me não queira dar confiança?—Cachopa é ella para tanto, que a não vi nunca mais sôbre si.—Veremos.—O caso é que depois d’amanhan sarau, dança e auto. E ao outro dia. . . acabou-se tudo.—Intendeis-me?—Acabou-se tudo: porque a muito illustre e muito excellente senhora infante D. Beatriz, filha do muito alto e poderoso rei e senhor, o senhor D. Manoel, rei de Portugal e Algarves d’aquem e d’alem mar, etc., e, agora depois que voltou Vasco da Gama—da conquista e navegação da Ethiopia, Arabia, Persia, India. . . Ah! não ouvis o que vos digo! (*Vai atraz d’elle repetindo com muita pausa*) A senhora infante Dona Beatriz—Dona Be-a-triz

parte no alteroso e soberbo galeão de teca, Sancta Catharina do Monte Sinay, obra-prima da ribeira das naus de Goa, feita por calafates nayers, carpinteiros çamorins e mestres-velas çabaios. — Que Deus nosso senhor a leve a porto e salvamento. — E acabou-se tudo. Intendeis-me, senhor D. Bernardim ou D. Bimnardel...; como quereis que vos chame? (*Bernardim, que tem estado distrahido quasi todo o tempo que fallou Pero Çasto, repara apenas em uma ou outra palavra que o faz estremecer, inquieto e passeando á toa, e Pero-Çasto atraz d'elle fallando sempre: agora estaca de repente.*)

BERNARDIM

Mofino de mim! que farei em tanta desaventura! Quem se viu ja tam feliz e tam desgraçado! (*Repara no annel que traz no dedo e torna a beijá-lo muitas vezes.*) Doce pinhor de uma esperança que mal eu via em sonhos — que me começa a parecer realidade, oh se é verdade o que promettes... Mas quê! Não foi este o signal da despedida — última, derradeira! Que ventura pôde haver para mim se não tórno a vê-la! Que

me fazem as memórias do prazer onde me não ficam senão mágoas! Fez-se-me o prazer mágoa maior; e ja me pêza mais do bem que tive que do mal que me aguarda. Oh pensamento de minha alma, porque tam alto subiste! E se tanto ousaste, porque não morres ahi, que te não torne a ver a terra!

PERO

Essa é minha opinião e voto em côrtes. Que morra, ja que para viver não é.

BERNARDIM

Amigo Pero, tu sabes o meu segredo, o segredo da minha vida, o mysterio ineffavel de minhas divinas tenções. . . Ha segredos que matam: sabes? Que trazê-los na memoria, é trazer a morte comsigo — que deixá-los vir aos beijos é como sorver peçonha com elles. Intendes-me? Ver-nos-hemos em Lisboa ámanhan.

PERO

Sempre ao vosso dispor. (*Áparte*) Malditto seja elle e o seu segredo! (*Alto*) De manhan Pero-Ça-fio vosso captivo; á noite, Marte, deus da guer-

ra, que vou ás *Córtes de Jupiter* no auto assim intitulado de meu digno mestre Gil. . .

BERNARDIM

Basta com esse bobo de Gil-Vicente e seus autos, que ja me infadam elle, tu, e vossas comedias, que assim trazem imbellecada ésta côrte de comediantes, que de mais não cuidam. — Oh sublime inspiração dos anjos, ardente linguagem de cherubins — vida, fogo, amor, luz — cantico de seraphins que amam e adoram, divina poesia! e por villancetes de saloios, por coplas de jograes saltimbancos te trazem prostituida! E assim, só assim te conhecem e te intendem, — que em tua singella e severa belleza não é para taes comprehender-te! — Bem me chamam louco: devo de o parecer; não ha dúvida. E até eu me tenho já por tal. Que importa? — Uma só vez tornar a vê-la; uma só vez ainda o ceu cá na terra: e para que quero eu mais a vida!

PERO

Oiço vozes. — Hãode ser os Italianos que costumam madrugar aqui em Cintra para andarem

imbasbacados por essas devezas. — Deve de não haver pedras nem despenhadeiros em Italia, para fazerem tanto espanto d'estes quebra-costas de Cintra. Bom será que o não vejam no páteo a esta hora. — (*Aparte*) Aqui estou eu, sem querer, feito confidente e protegedor da mais perigosa aventura... que me póde custar... (*Affagando a garganta*) uma affinação de gorgomillo que nunca mais desentoe. — E que lhe heide eu fazer? — (*Alto*) Senhor Bernardim, vem gente: creio que são os Italianos, os embaixadores de Saboya. Vá-se, por Deus, se não quer ser causador de grandes desgraças, se é que tem em alguma conta a fama, a vida, a honra de quem... de quem...

BERNARDIM

De quem não é para teus labios nomear— para os de nenhum homem que queira viver um minuto mais. (*Lança mão ao punhal que traz no seio: Pero estremece, e elle continúa*) Eu vou-me, Pero. — A que horas é o auto?

PERO

As oito horas começará

BERNARDIM, como quem lhe acode de repente
uma lembrança

Levam máscara as figuras?

PERO

Máscara?... Só se for a moura — a moura encantada que vem no fim. É verdade, sim, de máscara hade ir a moura Taes, a que intrega o anel á infante duqueza.

BERNARDIM

Como disseste? um anel?

PERO

Pois não sabeis o inredo do auto, das *Côrtes de Jupiter*, composto para este casamento e festas reaes? As côrtes de Jupiter, coisa magnifica, são os deuses todos principaes que se junctam em côrtes no ceu para avisarem e concertarem no melhor modo e mais grandioso de ir ao bota-fóra do galeão, e acompanhar a infante duqueza por esses máres abaixo; fazer-lhe léda e próspera a viagem, e a levar san e salva a terras de Saboya. (*Bernardim suspira, Pero continúa*) Sus-

piraes? Tambem eu ; mas é porque ainda não sei de cór todo o malditto papel de Marte que me arrumaram. E Paula que faz a Lua! E eu ao pé d'ella! Temos eclipse, e perco-me ; estou vendo.

BERNARDIM

Aviaie ja, e concluamos.

PERO

Agora, agora, mano da minha alma. Hoje por vós, ámanhan por nós: chegou-me a minha vez de ternura. — Mas isto commigo passa depressa. — Ja lá vai. — Veem então os deuses a córtes por ordem de Jupiter. Gil-Vicente é o Jupiter d'esta feita ; eu Marte, como ja vos disse ; Garci-Peres o Sol ; Paula tambem ja vos contei . . .

BERNARDIM

A Lua, bem sei, bem sei. Por vida tua acaba, homem. Junctam-se as córtes ; fallam muito, não fazem nada. Esse é o costume ; sabemos. — Não me infades mais.

PERO

Pois fazem alguma coisa d'esta vez as córtes

(e não fique de mau exemplo): distribuem os lugares para o cortejo da partida — e por fim desincantam a famosa moura Taes, filha do antigo rei do Algarve, magica afamada; a qual moura tem um anel de condão que adivinha tudo; e o anel é obrigada a moura por Jupiter, creio eu, a entregá-lo á infante minha senhora. Com o qué acaba o auto; e nós todos cantando e dançando co'a linda chacota

Por el rio me llevad,

bailando e folgando, nos vamos cadaum a seu poiso. Senhores e damas ficam dançando no sa-
rau. E eis-aqui como ámanhan á noite se diverte e passa o tempo o muito alto e poderoso rei D. Manuel de Portugal, e toda a sua côrte.

BERNARDIM, impaciente

Bem, bem. Quem fáz a moura?

PERO

A moura! Oh isso é a mal introuxada de Joanna do Taco. Aquelle demonio, Deus me perdoe e eira má a tome — que é tal como a Maria Par-

da das trovas de mestre Gil. Nunca tal papel fará em termos: se ella está sempre de profundis!

BERNARDIM

Folgaria bem o meu amigo Gil-Vicente que outrem lhe apparecesse para a figura da moura?

PERO

Se folgaria!

BERNARDIM

Bem: não lhe digas nada.

PERO

Que lhe heide eu dizer se vos não intendo?

BERNARDIM

Não digas que fallámos n'isto. Calla-te, que é o maior serviço que me podes fazer.

PERO

E acha que é pouco!

BERNARDIM

Não acho, não. Bem sei quanto te hade cus-

tar. E mais será se fallares, que a vida te custará. É grande o papel da moura? -

PERO

Nada. Trez ou quatro coplas *pronunxiadas á moirixca* com muitos *axxes* e *exxes*. É o mais soez e ranço que ainda compoz Mestre Gil.

BERNARDIM

Embora. — Canta a moura?

PERO

Não.

BERNARDIM

Optimo. — Feliz, feliz lembrança!

PERO

Alegre estais! Tam pezado e triste ainda agora! — Dar-vos-hia no miollo ser comediante? Olhae que acertaveis: escoreito de tristezas vos prometto eu que ficarieis. É a mais bella, mais ditosa profissão.

BERNARDIM

Tens razão amigo: e a melhor, a mais util que ha. Oh minha vida, que ainda uma vez te

viverei. Uma só e derradeira! Mas que importa!

PERO

I-vos ja, que realmente oiço vozes, e devem de ser os Italianos. (*Vae ver*) — Elles são. Por vida vossa que não fiqueis mais aqui.

BERNARDIM

Até ámanhan, meu Pero. (*Abraça-o.*)

SCENA IV

PERO-ÇAFIO

Até ámanhan! E dia de juizo seja esse ámanhan para ti, mofino poeta namorado, que tam dolorido e saudoso es. E mais, saudades me não deixas: assim eu viva e com minha senhora Paula me case. — O peor é que elle tem razão. Eu sei, — inda mal! — o terrivel segredo que o atormenta. Maçan de sciencia que se me atravessou no gorgomillo como a nosso pae Adão Serpente que entraste no paraizo, que tentaste Eva, quem me mandou a mim ver-te a fallar-te? Se houve maçan que comer, não tive eu qui-

nhão n'ella, que Pero sou, e não é de peros roer maçans. Mas cá a tenho ingasgada todavia. Tomára-me eu ver fóra d'isto — ou fóra d'aqui, e para bem longe quem causa tudo isto. — Vamos, vamos: casarás, amansarás. Seu marido de Saboya que se avenha lá com esses dibuxos. Que tenho eu com isso? O negocio é de Sua Alteza Ducal, não meu. — Oh! ahí vem Monseor Chatel. Refinado sonso de Italiano, vem, que em boa hora vens. Não hasde ser tu, com toda a tua italianisse ou saboiysse, que me hasde apanhar. — Sentido na lingua, Pero-Çafio, meu amigo, que é o teu fraco, e o forte d'estes meninos embaixadores e de seus secretarios. O tal Monseor Chatel cuida que os Portuguezinhos são umas creanças. Em quanto lá os embaixadores do duque — o senhor barão de Saint-Germain todo galante e cortezão, o senhor doutor Passerio todo grave como um Bartholo, andam intrigando com os condes e marquezes e desimbargadores do paço — vem o senhor secretario espreitar cá por baixo, e tirar lingua pela sala da Tocha. Cuida que é a sala das Pêgas ali dentro! Pois esta não hade ser palreira, que capaz sou eu de me co-

mer a lingua se me ella comer muito — com a sua comixão costumada.

(Faz cortezia a Chatel que se vem chegando)

SCENA V

PERO-ÇAPIO, CHATEL

CHATEL

Bello dia, bella madrugada, senhor Pero! — E ja a aproveitaste bem. Tendes gosado a frescura da manhan n'este delicioso sitio, creio eu. São de uma formosura sem igual as manhans em Cintra. Na nossã Italia tam bella não ha coisa que rivalize com ésta oasis, este jardim de delicias. — Tendes ahi um papel que vos dá muito que fazer.

PERO, que tem estado a fingir muita attenção
ao seu papel

É o meu papel de Marte para o auto de amanhã. Estudo a solfa.

CHATEL

Ah! tambem admitte o canto o theatro portu-

guez! Verdadeiramente não se imagina em Italia, nem em França, como os Portuguezes estão adiantados nas artes. O vosso Gil-Vicente é um prodigio: prodigio natural—e tambem pouco cultivado. Se elle conhecesse os classicos; se, como o nosso Ariosto, soubesse imitar Terencio e Aristophanes; se apprendesse as regras d'arte!...

PERO

Havia de ser um semsaborão insulso e insipido segundo a arte; havia de marear seu ingenho natural, e...

CHATEL

Póde ser, póde ser. O Dante tambem desprezou as regras,—ou fe-las novas... — Comquê, vamos ámanhan até Lisboa. Vai toda a córte; não é assim? E o sarau hade ser splendido. Elrei, a rainha, os senhores todos costumam dançar n'estas occasiões; ouvi eu. Mas é impossivel que não haja — hade haver um certo resguardo, escolha nas pessoas... Nós somos amigos cá sem cerimonia: (*Pero-Çafio parece infadar-se*) e entre amigos é que a gente falla n'estas coisas... — Dizei-me. Estas damas que vão com a duqueza

minha ama... são da primeira fidalguia, sem dúvida; e gentis são, bem vejo;—galantes e avisadas... Muito cortejadas haviam de ser por tanto mancebo illustre, tanto guapo cavalleiro que anda na côrte. Não é verdade?

PERO

Peguntae-me por autos e comedias, senhor secretario; que eu criado sou d'el-rei, mas não curo senão d'este meu mister de musico que Sua Alteza tanto estima.

CHATEL

E com razão, amigo Pero, com razão. El-rei D. Manoel é um Augusto, um Leão Décimo: bons exemplos segue.

PERO

El-rei de Portugal não é para tomar, senão para dar exemplos. E ainda nenhum principe lhe tomou a elle o de mandar descobrir máres e terras ao cabo do mundo.

CHATEL

Bem dizeis, amigo, bem dizeis. Nenhum prin-

cipe fez tantos serviços á Christandade! Assim elle não recusasse admittir o sancto tribunal da Inquisição, que tam preciso lhe é. Mas tempo virá...

PERO

É o tribunal que queima a gente?

CHATEL

Os herejes, e os Judeus, meu amigo; não é a gente.

PERO

Boa vai ella! — E então el-rei não o quer?

CHATEL

Não se resolve. — Oh, se fosse o principe D. João! Sancto principe!

PERO

Abençoado seja el-rei nosso senhor! Deus o conserve!

CHATEL

É uma excellente e exemplar familia a Real Casa de Portugal. — Que formosa e avisada não é a senhora infante D. Beatriz, que ámanhan

será duqueza de Saboya e minha ama! — O duque meu senhor hade amá-la e respeitá-la como nunca o foi princeza alguma. É a joia mais preciosa que vai ter a coroa ducal de Saboya.

PERO, áparte

E para ingaste da joia não leva mau oiro no dote. — Que nos levem estrangeiros, a trôco de palavrinhas doces, o que tanto custa a ir desinterrar na Mina—a lavar ás espadeiradas na India!

CHATEL

Dizeis? . . .

PERO

Nada. — Repetia o meu papel de Marte.

CHATEL

É muito môça a infante; e tem comtudo um cabedal de instrucção que admira. Lê muito—folga com livros de . . . cavallerias e cançoneiros . . . protege muito os homens de lettras . . . — A proposito, que é feito do seu mestre de litteratura e poesia? Homem de gôsto; não era? E raro talento. Um tanto entusiasta, cuido eu.—

E poeta? Não? Conheceis-lo? — creio que ainda o não vi na côrte. Não vem ja ao paço. — Era moço, ouvi dizer, e gentil homem, mas deixou-se do mundo, e foi viver como ermitão para a serra. — Dizei-me, Pero amigo, conheceis este tal Bernardim-Ribeiro, de cujos versos e prosas tanto se falla?

PERO

Conheço-o de o ver com Gil-Vicente, a quem muito conversava.

CHATEL, com vivacidade

Ah! eram amigos?

PERO, áparte

Querem ver que disse alguma! O diaxo te açai-me a lingua, Pero de uma figa. — (*Alto*) Hum! amigos . . . amigos . . . como homens de letras — ja se sabe — officiaes do mesmo officio.

CHATEL

Mas Bernardim é pessoa de nascimento, cavalleiro . . .

PERO

Sim é, mas dado e lhano; e nunca se correu de ser nosso amigo, e de nos tractar como seus eguaes. — As lettras . . . (*Aparte*) Cala-te, malditto.

CHATEL

As lettras, dizeis bem, são uma republica em que não ha distincções. — Mas, senhor Pero, este nosso litterato ou poeta Bernardim, dizem que é homem de altivos pensamentos, orgulhoso . . .

PERO

De seu merito, devia sê-lo; mas não é.

CHATEL

Bem, bem: tanto melhor . . . (*Ouvem-se as charamellas e sacabucas dos menestreis d'el-rei*) Que musica é esta?

PERO

El-rei que sai. — Ja por ahi senti os falcoeiros; mas não me parece dia para caçar. É passeio talvez.

SCENA VI

EL-REI DOM MANUEL, INFANTE DONA BEATRIZ,
BISPO DE TARGA, GIL-VICENTE, BARÃO DE
SAINT-GERMAIN, DOUTOR JOFRE-PASSERIO,
PAULA-VICENTE, GARCIA DE REZENDE, CHA-
TEL, PERO-ÇAÍO, CONDE DE VILLA-NOVA,
DAMAS, FIDALGOS, ESCUDEIROS, MOÇOS DO MONTE, FALCOEI-
ROS, ETC.

DOM MANUEL

Não tornarás a ver tam cedo— talvez nunca
mais— estes bellos montes, esta verdura tam vi-
çosa, estas aguas tam frescas, Beatriz. Dize-lhes
adeus, que bem t'o merecem, filha.

DONA BEATRIZ

E que saudades levo d'ellas, meu pae! Oh!
ninguem é capaz de as sentir como eu.

DOM MANUEL

As saudades queremos nós para nós, eu e teus
irmãos, e a rainha que tanto te quer.— Oh! e
por saudades— (*Com intenção, e observando os em-
baixadores de Saboya*) o nosso Bernardim-Ribei-
ro, o homem das Saudades, que é feito d'elle?—
Não te vem beijar a mão, Beatriz; despedir-se

de sua ama, que deixa partir tam despedadamente . . . Ora creiam em affeições de poetas! Bellamente escreve de saudades e amores. Ninguem o fez melhor em nossa lingua. — Não é assim, Garcia de Rezende, (*Garcia de Rezende, inclina-se*) que depois que a elle tractou, parece outra? Mas estes escriptores costumam-se a sentir e pensar com o papel e a penna; tirados d'ahi, não são ja os mesmos. — Se elle quizesse ir para a India, far-lhe-hia mercê. Carecemos de quem faça chronica de tantas gentilezas que por lá se obram. — Serás contente, Beatriz, que desinterremos o teu apaixonado, d'essas brenhas por onde anda, e o tornemos aó mundo?

DONA BEATRIZ, que suspira e estremece por vezes durante a falla d'el-rei

Meu senhor e meu pae, ja que de mim dispozes, e pois que Vossa Alteza me dá a outrem, não devo ter, nem tenho, pensamento ou impegno senão para minhas novas obrigações.

DOM MANUEL

Obrigações, vamos, e prazeres tambem: que

hasde ser uma ditosa e festejada noiva; espôsa de um galante príncipe, senhora de grande estado, e feliz como merece a minha adorada Beatriz. — Não é assim, barão? (*A Saint-Germain que se inclina*) — Doutor Passerio, (*O doutor inclina-se*) a duqueza, vossa ama que hade ser amanhã, é grande devota de letras e lettrados: na vossa Italia, onde estão em tanta honra, hade achar-se como em terra sua.

PASSERIO

Todos receberão das inspirações de tam excelsa musa o incentivo para serem dignos d'ella.

CHATEL, baixo a Saint-Germain

El-rei que falla assim . . .

SAINT-GERMAIN, baixo a Chatel

Não ha nada do que se pensava. A infante é virtuosa e sisuda.

CHATEL, áparte

Será; mas aquelles olhos são de namorada — ou eu não sou Genovez.

DONA BEATRIZ, baixo a Paula-Vicente

Paula, eu sinto morrer-me. Se me não deixam, se continuó n'este passeio, com este tormento — aqui ficarei de vez em Cintra — morro. Oh! se o permittisse Deus!

PAULA, baixo a D. Beatriz

Animo, senhora! vêde el-rei que parece conversar com Garcia de Rezende — e que não tira os olhos de nós.

DOM MANUEL

Doutor Jofre-Passerio, respondido como digno poeta italiano — sempre brilhante! tambem fazeis traição a Bartholo — ca me disse Garcia de Rezende. — Heide-vos denunciar ao reverendo Bispo de Targa que presente se acha, e a quem tambem ás vezes succede trocar-se-lhe o breviarrio pelo Virgilio. Não é Virgilio, meu digno prelado?

BISPO DE TARGA

O exemplo de Santo Augustinho . . .

DOM MANUEL

Bem sei — e que era bispo africano como vós —

mas cançava-se um tanto mais com as suas ovelhas getulas e numidas. — Não é assim, Garcia de Rezende? (*Garcia de Rezende inclina-se*) — Lá ides para Italia, senhor bispo; e o sancto padre que componha essas coisas. Sua Santidade folga com versos latinos. Se lh'os não quereis fazer, ahí tendes André de Rezende que vo-los fará como qualquer poeta pontificio. — E André que os faz em todas as linguas, cuido eu. — Mas perdoem-me todos, que para mim ninguem compõe trovas que tam bem me saibam como o nosso Gil-Vicente nos seus autos — que são meu unico refrigerio e distracção de tantos cuidados e trabalhos — Gil-Vicente, vñde ca, homem, não vos escondaes, que sois homem para se mostrar em qualquer parte. Todos aqui são vossos amigos. Receaes que o auto das *Barcas* vos pozesse em mau cheiro para além dos Alpes? Estes cavalheiros são de Saboya, e não mandam dizer nada para Roma.

GIL-VICENTE

Vossa Alteza bem sabe que não sou medroso.
Quando eu fiz o *Clerigo da Beira* . . .

DOM MANUEL

Essa é a melhor farça que nunca fizestes.


GIL-VICENTE

Nunca me escondi de priores nem de conegos,
e mais . . .

DOM MANUEL

E mais não lhes faltaria vontade de te ensinar.

GIL-VICENTE



E no dia depois do *Juiz da Beira* jantei com
dous desimbargadores dos aggravos. Tudo póde
o exemplo de tolerancia e liberdade com que
Vossa Alteza nos insina a todos.

DOM MANUEL

Barão, podeis dizer em Italia que nem só de
marfim e especiarias se tracta na côrte de Lis-
boa. Trazemos guerra, e mandâmos nossos ga-
leões a pelejar e traficar, nas quatro partes de que
hoje—graças aos nossos pilotos!—se compõe o
mundo; mas em casa cultivâmos as artes da paz.

PASSERIO

Os soberanos de Portugal são a admiração do universo. Mas Vossa Alteza não se digna permittir que os nossos pilotos genovezes reclamem alguma parte na glória maritima de suas descobertas?

DOM MANUEL

Por Deus! que bem pouca lhes poderemos conceder, Micer Jofre. Aqui esteve Christovam Colon; e a fallar a verdade, grande navegador era, e homem de altos pensamentos e ânimo grande. Mas os nossos cosmographos não intendiam (e tinham razão) que fossemos commetter tamma-nhos riscos para ir incontrar terras do Tartaro. Que a essas ia, e essas cuidou descobrir o vosso Colon, que suppunha o nosso globo mais pequeno do que lhe elle sahiu. — E assim mesmo, se não fossem os papeis de Perestrello que levou para Castella, não seriam hoje tam augmentados os Estados do imperador meu cunhado. — Nós não fomos perguntar a Genova ou a Veneza como se dobrava o cabo das tormentas, — nem Pedralves descobriu a terra de Sancta-Cruz pelos roteiros de Colon e Vespucio. — Mas isto é tarde.

A manhan não está para gaviões. Daremos uma volta passeiando. — Amanhan em Lisboa não falarão negocios. Monteiro-mor, mandae embora os falcoeirõs.

(Dona Beatriz senta-se em um poial de pedra como quem está angustiada. Todos a rodeiam)

DOM MANUEL

Que é isso, Beatriz? Cançámos-te com tanta conversa aqui paradós. Não é assim?

DONA BEATRIZ

Nono estou boa ; passei muito mal a noite. Se Vossa Alteza me permite, ficarei em casa. Não é nada: estou fraca, e custa-me ir passeiar.

DOM MANUEL

Fica embora. Deixar-te-hei o conde de Villanova . . . ou o bispo para te fazerem companhia.

DONA BEATRIZ

Nono, meu pae, não preciso de tanta gente. Paula ficará commigo, e é quanto basta.

DOM MANUEL

Senhor bispo capellão-mor, ficae com vossa ama. Adeus, filha ; não tardaremos.

SCENA VII

DONA BEATRIZ, PAULA-VICENTE,
BISPO DE TARGA

DONA BEATRIZ, levantando-se

Senhor bispo capellão-mor, é nossa real vontade ficarmos aqui sos com Paula-Vicente, nossa criada. Vossa Reverencia hade ter provavelmente as suas devoções...

BISPO DE TARGA

Tenho, minha senhora; e obrigações também: agora principalmente a de obedecer a Vossa Alteza. (*Beija-lhe a mão, e parte*).

SCENA VIII

DONA BEATRIZ, PAULA-VICENTE

DONA BEATRIZ

Eu abafo, Paula, estallo!—Sinto que se me esmaga o peito debaixo d'este pêso.—Ai meu Deus!—Tu ouviste o que aquelle homem me

disse esta noite? Ouviste tudo? — Que homem, que louco; mas que amor! Mas que alma, mas que coração aquelle! — Sabes que mais, Paula? eu amo-o como elle me ama.

PAULA

Ja o sabía.

DONA BEATRIZ

Quem t'o disse? Não eu.

PAULA

Não.

DONA BEATRIZ

Nem elle, que o não sabe. — Espera, adivinha... E eu que lh'o incubro, Paula!

PAULA

Muito bem, dando-lhe um anel em signal de fidelidade e...

DONA BEATRIZ

E amizade, Paula: pois não ha fidelidade entre amigos tambem? Tomára-lhe eu dar a minha vida, o meu sangue, e tudo quanto sou e valho. — E mais ainda lhe ficava devedora. Oh como aquelle infeliz me ama!

PAULA

Mas casaes-vos ámanhan.

DONA BEATRIZ

Meu Deus, meu Deus, Paula, que lhe heide eu fazer? — Que farias tu no meu caso?

PAULA

Oh! ca eu é muito differente. Quem não é princeza...

DONA BEATRIZ

Que faz, Paula?

PAULA

Morre.

DONA BEATRIZ

Morrer! tomára eu. Mas meu pae...

PAULA

Aquelle homem era digno de melhor fortuna.

DONA BEATRIZ

Fortuna, fortuna! Que me importa a mim com a fortuna, ou a elle? Amor, amor é que nós precisâmos... Paula, minha querida amiga, se eu pudesse vê-lo outra vez. Se tu quizesse...

PAULA

Eu!

DONA BEATRIZ

Tu; que não temos outro ninguém que nos valha; tu que juraste proteger-nos, tu que ...

PAULA

Eu que sou ...

DONA BEATRIZ

A minha amiga, a minha verdadeira amiga. Paula, quero vê-lo. Aquella despedida de hontem não me basta. Amanhan serei italiana; hoje sou portugueza ainda, pertença-me a mim. Que me pôde succeder? Morrer, mattarem-me?

PAULA

Diffamar-se, perder a honra!

DONA BEATRIZ

Isso nunca. Sou filha d'el-rei Dom Manuel, sou uma infante de Portugal, sei o que devo a mim e aos meus.

PAULA

A maledicencia não poupa os principes.

DONA BEATRIZ

Porquê? Já o vi, já lhe fallei alguma vez que não estivesses tu ao pé de mim? Não ouves quanto me diz, não lês quanto me escreve?

PAULA, áparte

Inda mal!

DONA BEATRIZ

Ha maledicencia, ha calúmnia que possa manchar amores tam innocentes?

PAULA

Innocentes! Vossa Alteza é desposada, e elle é...

DONA BEATRIZ

Não digas, Paula, não digas, que me mattas. Tem dó de mim. Vamos, minha amiga, vamos ao meu quarto, e concertaremos... Oh meu Deus, que eu não resisto; morro, morro d'esta angústia!

ACTO SEGUNDO

Os paços da Ribeira. Grande Salão no stylo de Belem:
é gothico florido inclinando fortemente á renascença.
Tochas e placas com luzes

SCENA I

PAULA-VICENTE só, **GIL-VICENTE** *de dentro*,
depois um PAGEM MOURISCO

Paula vestida de tunica e manto roçagante está sentada ao pé
de um bufete e como absorvida em profunda meditação.
Sobre o bufete coroa e sceptro, — alguns papeis

PAULA

**E aqui está a minha vida! O que eu sou, o
que eu valho, o para que me querem — uma co-
mediante! . . . É o meu destino, vivo para isto,**

n'isto se gasta uma existencia. — E deu-me Deus alma para comprehender a vida! Sente-me o coração, concebe-me o espirito quanto podia, quanto devia ser alta e sublime a minha missão na terra — e pobre e sujeita e humilde, e mulher sôbretudo. . . até éstas aspirações me são vedadas, heide affogá-las; heide affogal-as, heide interrá-las no peito antes que ninguem saiba que nasceram, e cobri-lo de leviandades e abjecções para não ser criminosa ou ridicula!

GIL-VICENTE, dentro

Paula!

PAULA

Meu pae!

GIL-VICENTE, dentro

Ouve ca, filha.

PAULA, levantando-se

Eu vou, meu pae.—Mais algum abhorrecimento com ésta malditta comedia! — Comedia, comedia! Tudo é representar e fingir n'esta vida de côrte. Que fosse para os grandes em quem é natureza, não lhes custa. Mas para os pequenos

tambem. . . é supplicio. — Aqui está a minha coroa, o meu sceptro: vou ser rainha meia hora; vou ser grande, vou ser admirada, applaudida, festejada meia hora. (*Pegando na coroa*) É de ouripel o meu diadema: os outros de que são? — Acabada a comedia valem mais do que este? — Oh vida, vida!

GIL-VICENTE, dentro

Paula, que é tempo de começar o insaio.

PAULA

Estou estudando a minha parte.

GIL-VICENTE, dentro

Pois avia.

PAULA

Quem tivera aquella paixão d'arte que o domina, aquelle enthusiasmo pela belleza ideal d'esse mundo de ficções que se creou e em que vive; aquella cegueira ditosa que lhe não deixa ver a miseravel realidade que o cerca! Meu pobre pae, como elle vive inganado! Inda bem. — Cuida que o avaliam, que o intendem. As subli-

mes creações do seu ingenho, as graciosas pinturas de seu stylo, applaudem-n'as, como, porquê?—Porque é moda, porque os fazem rir ás vezes. Sem o salvo-conducto de bobo e chocarreiro, morria de fome o grande poeta. — Não o conhecerá elle? Ás vezes desconfio que sim: quer-me parecer que de proposito busca illudir-se, e foge da realidade porque a teme. — Assim fizera ess'outro infeliz, ess'outro espirito elevado que de suas imaginações tam altas abi se despenhou agora. — Que duas almas tam similhantes e tam diversas!

(Entra um pagemzito mourisco, e intrega-lhe um bilhete)

Um bilhete! De quem? (*O pagem faz signal de não saber*)— Agora verei. (*Abre e lê*) Ah! sim.— Ja me admirava, desde ésta manhan que chegámos de Cintra, não ter novas d'elle.— Veiu, está aqui.— Isso esperava.— Está bom (*Ao pagem que logo se retira*) podes-te ir.— Que me quererá elle? A mim deseja fallar por caso de vida e de morte... e a meu pae tambem! E não se esconde de Pero; antes parece... (*Afirma-se na carta*) que d'elle faz confidencia.

Grande estranheza! — (*Torna a olhar para a carta*) Não assignou o prudente cavalleiro. Nem era preciso; bem sabe como lhe conheço a letra. — Oh! e quem se havia de inganar com este teor de escrever! Mas que viesse de outra mão, só Bernardim-Ribeiro podia escrever assim. (*Lê*) « Se me não desamaes ja tanto, que
 « me queiraes ver morto de paixão e angustia,
 « fazei com que vos possa fallar ja, n'esta ho-
 « ra, e a sos com vosso pae. — Não é segredo
 « para o nosso bom Pero. — Sabeis que vos
 « amo . . . quanto quereis, e que vos mereço com-
 « paixão. » (*Falla*) Que vos amo quanto que-
 reis! — Porque ingeitei seu galanteio atrevido,
 porque eu, Paula-Vicente, a filha do comediant-
 te, do jogral, do chocarreiro — como lhe elles
 chamam ao maior poeta que ainda teve ésta na-
 ção de barbaros — porque eu, eu filha do poeta
 pobre, não quiz acceitar o cortejo do poeta se-
 nhor e cavalleiro . . . — cuida que o não amo, o
 louco! — Que mal intendem o coração da mulher
 estes homens dos livros — e elles todos! — Que
 o não amo, que não quero o seu amor, que me
 contento d'esta amizade que fingimos entre nós,

elle para cobrir sua indiferença, eu para inganar minha paixão! — Eu, eu que daria a vida para ser amada (mas *amada* — requestada, não) por um homem como Bernardim! — Que o não amo! Eu que me sinto rallar de ciumes cada vez que penso . . . — É bella, é grande dama. Não representa nas comedias de seu pae — n'outras o fará — não diverte o público — é senhora, ricca e poderosa . . . Mas quem lhe deu alma para entender aquella alma? Ah! — Ahi vem meu pae e toda a caterva do auto. Dissimulemos.

SCENA II

PAULA-VICENTE, GIL-VICENTE, PERO-CAFÍO, JOANNA DO TACO, ACTORES e ACTRIZES, *uns já vestidos para o auto, outros acabando de se preparar.*

GIL-VICENTE

Se t'o digo, Joanna, desastrada Joanna, que em má hora me metti a fazer-te moura.

JOANNA DO TACO

Tam boa christan sou eu?

GIL-VICENTE

Não, era-má, não. Judia serás tu por mal-peccados, que assim judias commigo. Mas o que tu não hasde nunca ser, é uma moura capaz que se mostre, moura que falle mourisco, que saiba o seu papel, que possa apparecer n'um auto, que possa dizer com graça e chiste:

Exte annel de condon
 Perguntalde box a el,
 Y el dará a box razon
 De quantos xacretos xon.

Ora anda lá, malamanhada, repette isto.

JOANNA DO TACO, repette muito semsabormente

Exte annel de condon
 Perguntalde box a el...

Não sei, não me lembra. Dae-me outro papel, que me não avenho com este.

GIL-VICENTE

Oh excommungada mulher, negregada Joanna do Taco, (que um taco de Belzebuth te carambolle n'alma!) pois a ésta hora, nós ja vestidos, a côrte ahi juncta toda, el-rei que não

tarda a apparecer— a ésta hora te daria eu outro papel!— Que vos parece, mana, que estou tonto?— E como, e que papel te havia de eu dar, mal-introuxada?

JOANNA DO TACO

O de *Providencia*, que é para que eu tenho geito. Coisa heroica e grande. Isto de fazer rir não sei. Alli está Paula que fazia a *Lua* e que não descansou em quanto não apanhou a *Providencia*.— Paula que faça este papel. Eu não quero; tenho ditto.

GIL-VICENTE

Mofino de mim! Em que dia! n'estas vodas Reaes!— E os italianos, que é o que me dá mais cuidado, queria-lhes mostrar que coisa é um auto portuguez— que vissem quem é Gil-Vicente. Castigo de Deus!— Paula?

PAULA

Ja vou, meu pae.— Estou aqui... (*Torna a ler a carta.*)

PERO

Oh, bilheteinho! que curiosidade tammanha!
*(Anda á roda de Paula a ver se percebe o que é,
 e rosnando a cantiga)*

A minha dama lhe escrevem
 Os galantes cada dia;
 Ella, que a mim só queria,
 A mim só me respondia.
 Tra le, la re.

PAULA

E mais a este tambem. — E sois vos, Pero,
 que lhe ireis levar a resposta.

PERO

Beijo-vos as mãos pela mercê. — Assim me in-
 cartaes em officio de boa lotação!

PAULA

E não menos honra: — correio-mór de minhas
 cartas e alviçareiro de meus favores. — Olhae,
 dizei a meu pae que venha ca, que deixe essa
 pasmaceira. Temos que fallar todos tres aqui
 em segredo. Ide ja.

(Pero Çaffio vai para Gil-Vicente e lhe falla ao ouvido)

GIL-VICENTE, meio infadado

Então que queres, filha? que quer este homem com os seus segredos? — Ha uma hora que quero começar o insaio geral; e é sempre isto, Uma vez faltas tu, depois é este, logo aquelle. . — Agora temos negocios particulares. — Que é, que é? É o vosso casamento? Ja disse que sim: não me apouquentem mais; não estou agora para casamentos.

PAULA

É isso, é!

GIL-VICENTE

Queres este semsabor, tu? — Dou-t'o; lá te avem, e acabemos com isto. (*Olha para Pero-Çaffio com complacencia.*) Representou como um homem o papel de Ayres Rosado. Intendeu-me o magano. Desde esse dia fez de mim quanto quiz. — Mas agora, aqui, a éstas horas . . .

PAULA

Bem cuidâmos d'essas frioleiras agora. — Meu pae, está alli fóra no caes Bernardim-Ribeiro

que me escreve este bilhete. (*Dá-lh'o*) Mandae retirar essa gente: e Pero o irá buscar, que venha ja.

GIL-VICENTE

Filha da minha alma, mas tu não sabes que este homem está doudo? varrido, perdido! E não o vês n'esta carta?—Queres que nos ponhamos agora a palestrar com doudos a éstas horas?—Todos ahi fóra á espera do auto. El-rei que não tarda a mandar-me recado. A infante—quero dizer, a senhora duqueza que hoje é, e que não está nada boa—que se quer accommodar cedo e que o sarau não deite a muito tarde. E eu perdido, perdido sem uma moura! Joanna do Taco não sabe o papel—e parece-me que está borracha, Deus me perdoe!

PAULA

Deixae; que em peiores nos temos visto, e sempre nos sahimos bem.

GIL-VICENTE

Não hoje, Paula, não hoje: tenho ca uma coisa que me diz, uma coisa que me agoura mal

d'este auto da infante. Desde Cintra que ando co' esta freima. Gil-Vicente, hoje ficas mal, meu amigo.

PAULA

Então, meu pae?

GIL-VICENTE

Que eira-má tolhesse os doudos, mais quem ...

PAULA

Mandae agora buscar esse homem, que á fé de quem sou, não farei eu de *Providencia* se lhe não fallo, e ja.

PERO

A peito o tomaes, senhora Paula!

PAULA

Tómo-o como quero e é minha vontade.— Ide vós ja ao caes, ahi achareis um homem de capa cahida e chapéu de romeiro; trazei-m'o aqui afforrado, que o não conheçam os moços do monte e escudeiros que ahi estão fóra. Ouvís?—É uma figura que vem para o auto, se perguntarem.

(Pero Çaffo parte de mã vontade)

GIL-VICENTE

Assim o quer a senhora minha filha, assim o manda: seja feito. — Vão-se, vão-se embora.

(Retiram-se os actores todos)

SCENA III

GIL-VICENTE, PAULA-VICENTE

GIL-VICENTE

El-rei que fique sem auto.

PAULA, passeiando com infado

Tem auto de mais.

GIL-VICENTE

A senhora infante-duqueza que se amofine.

PAULA

Amofinada seja ella! — Pelo bem que lhe eu quero...

GIL-VICENTE

Paula, Paula, a ingratidão é a coisa mais feia que ha. — Heide fazer um auto da ingratidão . . . (*Pensando*) em que hade figurar . . . o Diabo pae da Mentira . . . com sua neta D. Ingratidão . . . Dona, sim, com dom, — que é vicio mais azado de andar pelos grandes. — Mas tu bem pequena es, Paula, e por essa parte tinhas serviços decretados para condessa — pelo menos.

PAULA

Condessa, condessa — duqueza . . . — Que são ellas mais que eu?

GIL-VICENTE

Boa vai ella! — Estás nos teus dias, Paula. — Ora vem ca: pois aquelle anjo da infante que te tracta como sua igual, que não póde viver sem ti — que tu es a sua maior amiga? . . .

PAULA

Amiga!

GIL-VICENTE

A confidente de seus segredos . . .

PAULA

E quem lh'os pede os seus segredos? Quem lh'os quer saber os seus Reaes segredos, os seus segredos de princeza?—Que os diga ás da sua egualha . . .

GIL-VICENTE

Que todavia não são mais que tu . . .

PAULA

Não por certo;—nem tanto:—que eu sinto, penso, intendo—sei—vivo!—E ellas existem para ahi.

GIL-VICENTE, com enthusiasmo

Oh! tu es a minha Paula, o meu braço direito, a minha musa. Sem ti que fôra da reputação de Gil-Vicente que ja assombrou João da Enciña, que ja não tem a quem temer para ca dos Pyreneus, e depressa irá desafiar esses poderosos de Roma e de Florença. —De ti me vem quanta inspiração grande tenho tido, por ti tem brilhado na scena. Ó minha Paula!—Assim te quero eu . . .

PAULA

Como á vossa melhor comedia.—Não falle-

mos hoje de amizades ou de amores, que não estou em veia de amar.

GIL-VICENTE

Oh Paula, Paula, como me dirás tu aquelles versos da *Providencia*! . . .

PAULA, seccamente

Que eu fiz.

GIL-VICENTE, resentido

Que fizeste, não ha dúvida, foste tu; quem t'o nega? — Fizeste-los — para glória de teu pae — Que te criou (*com as lagrimas nos olhos*) — que te trouxe ao collo — que te serviu de pae e de mãe... — Levou-no-la Deus, tua mãe — eu fiquei para velar as noites ao pé do teu berço, roendo nas unhas muita noite de hynverno, e fazendo trovas em quanto dormias, acalentando-te quando rabujavas. — Fizeste, Paula, são teus os versos: é eu que em tí puz minhas esperanças, insinei-te quanto soube, dei-te mestres de tudo. Poucos letrados sabem tanto em Portugal: d'isso presumes e tens razão: mas eu é que te fiz o que es, minha filha; cuidei que te lembravas mais d'isso que dos versos que compunhas. . .

PAULA, chorando, e abraçando-o

Perdoae-me, meu pae; perdoae-me, que não sei ora o que digo. Devanea-me ésta pobre cabeça de tanto padecer e soffrer.

GIL-VICENTE

Pois que tens tu, minha filha, minha querida filha?—Tudo está perdoado. Eu sei quanto te devo; e nunca me esqueço, Paula, nunca.—Mas hasde representar logo. Não?

PAULA

Sim, meu pae.

GIL-VICENTE

Hasde-me entrar por aquella sala dentro, de sceptro na mão, coroa na cabeça — a tunica roçagante — a cauda sobraçada. — E os italianos imbásbacados — corridos, mettidos n'um chinello de mouro. — E tu bella — mais bella de teu espirito e formosura de expressão e alma que . . . *(abaixando a voz)* — que essas condessas — princezas e infantas todas. — E quando tu dizes *(Declama com emphase)*

Jupiter hade fazer
 Côrtes logo em um momento;
 Porque Deus me deu a mim
 Que o fizesse rei do mar
 E dos ventos outrosi,
 E dos signos. Venha aqui
 Para logo começar.

(Fallando)— Bravo, bravo! Que o façam melhor em Florença ou em casa do Papa.

SCENA IV

GIL-VICENTE, PAULA-VICENTE, PERO-ÇA-FÍO, E BERNARDIM-RIBEIRO *que entra imbuçado e de chapéu desabado, como no 1.º acto.*— Paula estremece, Gil-Vicente impacienta-se: observam-se todos alguns segundos.

GIL-VICENTE, indo para elle como quem descobriu alguma coisa

Meu amigo, ja adivinhei o que querieis. Ver o auto: hem? Andaes arredio da côrte — não sei porquê: tanto vos querem todos — e a nossa infante, a nossa querida infante, que isso era por demais! — Princeza e trovador . . . É o que vale,

que não fica mal, senão tinham que fallar linguarudos. — Mas em fim é geito que tomastes, fugis de todos. — Ora pois, quereis ver o auto, e não quereis que vos vejam. Sou o vosso homem. Proprio tenho um logar d'amigo para um escudeiro imbuçado e incapellado, que póde ver tudo, e não o ver ninguem a elle. — Va por sancto Apollo e suas manas. — Vós sois quasi do officio, que tambem rhymaes, senhor cavalleiro: *(Canta)*

Trovador por minha dama
 Me fiz, trovador.
 Que não fará quem ama
 Por seu amor

Rhymaes, e como os mestres. Assim, a proposito, vêde-me éstas coplas, este romance da partida da infante, que logo se hade cantar . . .

PAULA, significadamente para Bernardim

E chorar; que . . .

GIL-VICENTE

E são para isso as coplas. Por menos tenho visto mais. *(Repette com animação)*

Niña era la infanta,
Doña Beatriz se decia,
Nieta del buen rey Hernando,
El mejor rey de Castilla,
Hija del rey Don Manuel
Y reyna Doña Maria,
Reyes de tanta bondad
Que tales dos no habia.
Niña la casó su padre
Mui hermosa a maravilla
Con el duque de Saboya
Que bien le pertenecia,
Señor de muchos señores,
Mas que rey es su valia . . .

PAULA, com impaciencia e olhando para Bernardim

Basta, meu pae: logo nos fartaremos d'isso.
Agora vejo que *infadam* e estão *mortificando* es-
sas vossas coplas.

GIL-VICENTE, áparte a Paula

Porque não são tuas éstas, Paula. — Valha-te
não sei quê, rapariga.

PAULA, a Gil-Vicente

Sim: n'isso pensava eu agora; é o que me dá cuidado. (*A Bernardim*) Já vêdes que tendes logar para ver o auto,

BERNARDIM, desimbuçando-se e levantando o chapéu

Não é ver o auto que eu quero, é entrar n'elle.

GIL-VICENTE

Como assim!

PAULA

Praz-lhe ao senhor Bernardim-Ribeiro zombar de nós e de nossa humilde profissão.

BERNARDIM

Não sei d'ella mais nobre, meus amigos. Sois criados d'el-rei, d'um principe que sabe a valia das artes, que estima e cultiva as lettras...

PERO

E premeia como vemos aos seus cultivadores...

BERNARDIM

Mesquinhas de ruins conselheiros e de su-

berbos invejosos. El-rei é liberal, e o será comvosco. Cultivaes uma gentil arte . . .

PERO

Ja é gentil!

BERNARDIM

Sempre e quando quer que se não prostitue, como todas as artes, como todas as coisas d'este mundo. — Vós, digo, cultivaes uma gentil arte, honraes e aformoseaes a lingua; sereis a glória dos nossos e a inveja de estranhos: que mais é preciso para ser nobre e grande—maior que ninguem na sua terra?

PAULA

Adular os grandes e opprimir os pequenos. . .

BERNARDIM

Paula, a bella e desdenhosa Paula está de uma severidade,—que lhe fica bem de certo—que lhe dá expressão . . .

PERO

Satanica . . .

BERNARDIM

Energica . . .

PAULA

Dá-lhe a que me praz dar a boa ou má cara que Deus me deu, e de cujas feições se não tracta agora.

BERNARDIM, a Paula, galanteando, — que lhe volta a cara

Mil perdões se . . . — Amigo Gil-Vicente, peço-vos um papel no vosso auto. Alguns tendes com máscara, dae-me um d'esses. Verei assim tudo, sem me verem ou me conhecerem; e tenho o gôsto, porque sempre suspirei, de vos ajudar em vossa bella impreza. Dae-mê ja o papel e o vestido.

GIL-VICENTE

Que capricho é esse? Estais devéras?

BERNARDIM, ao ouvido de Paula

Á fé que estou. Não tenho outro modo de a ver, de lhe fallar. Juraste ajudar-me, prometteste ainda hontem ser fiel a ambos. É preciso que me dem o papel da moura, que seja eu quem lhe intregue o anel . . .

PAULA, afastando-se um pouco, áparte
e com impaciencia

E quer a sorte mofina que seja eu quem por
minhas proprias mãos me esteja dilacerando as-
sim! — (*A Bernardim*) Farei como quereis. (*Alto*)
Meu pae, temos um bom achado. Joanna do
Taco vos perderia o auto: daremos o papel a este
cavalheiro que o fará á maravilha.

GIL-VICENTE

Oh! se elle quizesse!

BERNARDIM

Como vos heide dizer que quero? — Venha
máscara e vestido.

GIL-VICENTE

E o papel? Inda o não vistes. (*Pero-Cafio lhe
traz uma especie de opa larga, um turbante e uma
máscara.*)

BERNARDIM, inflando a opa e cingindo-se

Ja sei tudo o que heide dizer.

GIL-VICENTE

Quem vo'-lo insinou?

BERNARDIM, ainda vestindo-se e distrahido

Não se ensina, não se aprende — sente-se . . .
 Louco que eu sou! (*Olha para Gil-Vicente que
 está pasmado*) — Insinou-m'ô Paula.

PAULA

Estais inganado: reflecti no que dizeis . . .
 Não é commigo.

BERNARDIM

Pois então foi Pero. — Pero foi, Pero-Çafío.
 Por signal que tem muito *xe*, *xe* mourisco, muito
 tregeito. — Farei tudo.

GIL-VICENTE

Optimo! Assim é, assim é. Vesti-vos pois, que
 é tarde. — E vamos. Oh lá dentro! Insaio ge-
 ral.

SCENA V

Os MESMOS e os ACTORES todos entrando

GIL-VICENTE

Cada um a seu logar. Acolá está el-rei, a rainha,
 os infantes — os embaixadores — alli a côrte. —

Tocam os charameis. — Silencio geral. — Vamos. — Porte, dignidade, — um ar magestoso e grande. *As Côrtes de Jupiter* é o titulo da nossa comedia. Deuses e deusas: não ha d'outra gente aqui. — Paula, tu sabes que es a *Providencia*, que vais ordenar a Jupiter que chame a côrtes os regidores de todas as coisas, o deus do mar, o dos ventos, da guerra, sol, lua, estrellas.

BERNARDIM

Providencia! De molde lhe vai a ésta altiveza natural e genio sobranceiro. — Dizia-me Pero que ereis a lua.

PAULA

Não me contento de luz imprestada, senhor cavalleiro.

BERNARDIM

Porque da propria sabeis quanto brilha.

PERO, áparte

Em quarto minguante me sahiu a tal lua. — (*Alto*) Juraria que esse era o papel da senhora Paula. Nos primeiros insaios em Cintra . . .

BERNARDIM

Fostes Diana em Cintra? . . .

PAULA

Para castigar Acteon.

BERNARDIM

E sois a Providencia em Lisboa? . . .

PAULA

Para o salvar de seus proprios mastins.

BERNARDIM

Sempre bella e discreta!

PAULA

Deixemos este tom de galanteria, senhor cavalleiro. Não vos fica bem a vós, e sabeis que me não agrada a mim.

BERNARDIM, áparte

Porque não havia de eu amar ésta mulher!

PAULA, áparte

Meu Deus! se este homem me amasse!

GIL-VICENTE

Assim foi, Pero; dizes bem. Mas em Cintra ainda eu não tinha pensado no prologo. O prologo—vês tu—é a exposição e clareza de tudo. Para éstas grandes entradas quer-se majestade, desimbaraço, um não sei quê solemne na voz e no gesto. Só a minha Paula. Paula, minha filha, vamos pois. *(Tomando attitude e declamando.)*

Eu Providencia chamada
Sou por Deus ora enviada . . .

PAULA

O meu papel todo agora! Oh! isso é impossivel. Tirava-me o ânimo de o repettir logo. Demais o tendes ouvido todos. Fazei de conta que está ditto.

GIL-VICENTE

Bem, bem: como quizeres.—Jupiter? venha Jupiter . . . Ah! sou eu mesmo. *(Em attitude como quem entra na scena.)*

Eis-me aqui, alta senhora;
Que quer vossa majestade?

PAULA

Que passemos ávante. De vós estamos certos
-- O mar?

GIL-VICENTE

Mar, ventos, Norte e Nordeste? (*Acodem va-
rios actores.*)

PRIMEIRO ACTOR

Aqui estou.

SEGUNDO ACTOR

E eu.

TERCEIRO ACTOR

Prompto.

GIL-VICENTE

Sol?

QUARTO ACTOR

Aqui nasço, ou aqui me ponho, segundo man-
dardes.

GIL-VICENTE

Nascei, homem. — Nada de occasos. — Lua,
Venus?

PRIMEIRA ACTRIZ

Eis-me.

SEGUNDA ACTRIZ

Prompta.

GIL-VICENTE

Excelente! — Bellas, galantes estais. Que viva toda a côrte celestial! Como veem guapos! — Marte? — Oh! Marte, o nosso Pero-Çafio.

PERO, entrando em scena e declamando

Humilho-me a vós, sagrado
Jupiter. Que me mandaes?

GIL-VICENTE, do mesmo modo

Vós sejaes mui bem chegado
A éstas côrtes Reaes.
Manda el-rei de Portugal,
Senhor do mar Oceano,
Sua filha natural
Per conjunção divinal
Pelo mar Meio-Terrano.

PERO, como acima

E mais eu tenho cuidado
D'este reino lusitano:
Deus me tem ditto e mandado
Que lh'ó tenha bem guardado
Porque o quer fazer Romano . . .

PAULA, interrompendo-os e parodiando o tom
da declamação

E a Providencia divina, que está seccadissima
de ouvir as conversas semsabores d'estes deuses
pagãos, ordena que vos calleis ja, e guardeis isso
para logo.

PERO

Pois nem siquer heide repetir o meu romance :

Niña era la Infanta,
Niña la casó su padre
Con el duque de Saboya? . . .

PAULA

Não.

PERO

É que no fim d'elle é que entra a moura.

PAULA

A moura que estude o seu papel. O papel é
curto: vêde, são duas palavras. (*Busca no bu-
fete um papel, e o dá a Bernardim*) E que o diga

o melhor que podér. Vamos; e acabemos com isto antes que nos acabe a paciencia a todos.

SCENA VI

UM PAGEM D'EL-REI, *os MESMOS*

Bernardim-Ribeiro põe a máscara em vendo o pagem

PAGEM

El-rei meu senhor entra para a sala do docel.
Manda o mordomo-mor que se appromptem as figuras, e que sáia o auto.

GIL-VICENTE

Vamos.

Sahem todos alvoroçados, precedidos de Gil-Vicente e do pagem. Paula depois de todos. Bernardim-Ribeiro fica como suspenso

SCENA VII

BERNARDIM-RIBEIRO, *depois* PAULA-VICENTE

BERNARDIM, tirando a mascara

Incrível! incrível o que está passando por

PAULA, tornando a apparecer

Se vos arrependeis, ainda é tempo.

BERNARDIM

Nunca. Se de outro modo a não posso ver!—
Oh querida Paula, tu es decerto a minha Pro-
videncia. Bem te acertaram o nome n'esta noite.
Que seria de mim sem a tua protecção!

PAULA

O mesmo que com ella. Amanhan parte a frota
ao romper d'alva. E que fareis?

BERNARDIM

Que me importa ámanhan? Eu vivo para hoje,
vivo para ésta hora. Que se me dá a mim que
acabe o mundo depois!

PAULA, áparte

Muito a ama!

BERNARDIM

Paula, minha Paula, tu assististe á fatal cere-
monia?

PAULA

Fomos todos á sé. Casou-os o arcebispo. El-rei estava muito commovido . . .

BERNARDIM

E ella? Não viste se? . . . Não pareceu sentir? . . . Não observaste? . . .

PAULA

Observo que perdemos aqui o tempo. Vamos, vêde o que fazeis, vêde a quanto me arrisco por . . .

SCENA VIII

BERNARDIM-RIBEIRO, PAULA-VICENTE,
PERO-ÇAFÍO

PERO

Providencia, Providencia? Paula! Meus peccados! ainda de conversa!—(*Aparte*) Se não soubera o que sei, era capaz de ter ciumes da moura—e como um mouro.

PAULA

Ahi vou. — (*A Bernardim-Ribeiro*) Lembrae-vos do que vos disse.

SCENA IX

BERNARDIM RIBEIRO só, depois UM ACTOR

Passava lendo o papel que tem na mão; depois de consideravel silencio :

E eu heide dizer isto! — Fazer estes tregeitos . . . Eu, deante de tanta gente! — E para estudar isto de cór? Impossivel. Quem me deu cabeça agora? . . .

ACTOR

Senhora moura, senhora moura Taes — depressa, depressa, que estais a entrar por instantes.

BERNARDIM

Vamos. Animo; e succeda o que succeder. ávante com a impreza.

SCENA X

Apenas sai Bernardim-Ribeiro, levanta-se o panno do fundo e apparece a sala do throno riccamente adereçada e illuminada

EL-REI DOM MANUEL á direita sentado em cadeira alta de espaldar, sôbre um estrado; **SAINT-GERMAIN, JOFRE-PASSERIO** e **CHATEL** á direita d'el-rei; á sua esquerda o **MORDOMO-MOR, O BISPO DE TARGA, CONDE DE VILLA-NOVA, GARCIA DE REZENDE** e mais senhores da côrte. — No fundo e quasi tocando na esquerda da scena a infante **DONA BEATRIZ** em outro estrado e em cadeira alta; á esquerda do estrado da infante, em almofadas, **IGNEZ DE MELLO** e todas as damas da côrte. Onde convier **PAGENS, MENESTREIS, ARAUTOS, REIS-D'ARMAS** e **PASSAVANTES**. Os **ARCHEIROS** estão distribuidos pela sala. Á esquerda da scena defronte d'el-rei, e ao pé do estrado da infante, está estendido um tapete, e sôbre elle em semicirculo as figuras todas do auto que está quasi no fim. — **PERO-ÇAFIO** vestido de Marte no meio do tapete em attitude de representar. — No momento que corre o panno el-rei applaude; toda a côrte o imita.

DOM MANUEL

Gentil romance! E bem cantado. Não dirás que não deixas saudades, Beatriz: todos estão como eu, co'as lagrymas nos olhos, só de ouvir n'este romance o que ámanhan, minha querida filha, hade ser realidade. — Mas não são para

agora tristezas. Animo e alegria, senhores! Continue o auto.

MORDOMO-MOR, chama um pagem e diz:

Manda el-rei meu senhor que continue o auto.

PAGEM, indo para Gil-Vicente, repete

Manda el-rei meu senhor que continue o auto.

GIL-VICENTE, áparte

Só falta a moura. Teremos alguma?—Capaz é elle de fazer das suas.—Não: ei-lo ahí vem.

SCENA XI

BERNARDIM-RIBEIRO e outros

BERNARDIM, em trajo de moura, entrando gravemente, incara com a infante, fica suspenso algum tempo, põe a mão na fronte, depois no coração, e logo começa:

**Quebrado está meu incanto
Por outro podêr mais forte;
Tórno outra vez á vida
Para mais sentir a morte.**

GIL-VICENTE

Perdeu-se, perdeu-se: não é aquillo. (*Chega-se a Bernardim, e aponta-lhe baixo.*)

Mi no saber que exto estar

Mi no saber que exto xer.

Que diabo de versos são aquelles?

BERNARDIM, *sem o attender, e enthusiasmando-se*

Viver que não era vida,

Sempre o mesmo, sem mudança,

Os desejos vivos sempre,

E sempre morta a esperança...

GIL-VICENTE, *áparte a Pero-Çaffo*

Indoudeceu. Estou perdido. E o meu auto, o meu nome! — E os italianos! Deus se compadeça de mim. — Vou impurrá-lo d'alli para fóra.

PERO

Deixá-lo ja'gora: não vos deis por achado. Vejamos em que isto pára.

Dona Beatriz parece inquieta, e olha significativamente para Paula, que incolhe os hombros

BERNARDIM, depois de estar algum tempo como
quem reflecte

**Cuidei que maior tormento
Não mandava á terra o ceu:
Ha mais, ha peor ainda,
E em sorte me coube: é meu.
— D'este annel, que o talisman
De minha fortuna incerra,
Ja que eu gosar não podia,
Não gosava outrem na terra.
— E agora, intregá-lo assim,
Agora obrigar-me o fado . . .**

GIL-VICENTE

**Ja não ha remedio: estou perdido. Pero, Pero,
ve com que cara está el-rei!**

PERO

**Animo, mestre Gil, que n'estes casos aeobar-
dar é o peor. — Interrompei-o com vossa auctor
ridade de Jupiter, e acabae ja com ésta come-
dia, que me cheira que trezanda a ir desaba-
em tragedia.**

GIL-VICENTE

Dizes bem : deixa-o commigo. (*Adianta-se, em character e estendendo o raio a Bernardim*)

Presentae isso á senhora
Infanta e nova duqueza.

BERNARDIM, como cahindo em si

Á duqueza!

PAULA, baixo a Bernardim

Á infante. Ide ja, ou tudo está perdido, e nos todos.

BERNARDIM, ajoelha deante da infante, que está ao pé, e tomando o anel, diz baixo :

Duqueza de Saboya, este anel deu a infante D. Beatriz de esmolla a um desgraçado. O pobre queria-lhe mais que á vida ; mas desde hoje lhe não pertence ja. — cuidava ter n'elle uma promessa, uma esperanza . . . — A duqueza de Saboya que lhe leva tudo, — tome-lhe tambem o anel. (*Mette-lhe o anel no dedo. — Toca a musica ; dão palmas ao auto ; os actores retiram-se.*)

DONA BEATRIZ, interdicta, e baixo

Desgraçado, não ves que me mattas?

BERNARDIM, do mesmo modo

Que disseste, Beatriz?

DONA BEATRIZ, do mesmo modo

Que me mattas, — que te não mereço — que te . . . (*Desfallece.*)

Bernardim-Ribeiro levanta-se sem perceber que Beatriz está desfallecida. Pero-Çafio trava-lhe do braço e o leva para dentro. — El-rei com ar infadado levanta-se. Todos o imitam. — Parece haver alguma confusão: mas ninguem se apercebe do estado da infante.

DOM MANUEL

O nosso Gil-Vicente não foi feliz d'esta vez na conclusão do seu auto. Costuma acabar mais alegre e gracioso. — Passemos á outra sala; e alegrem-nos danças e folgares, ja que nos deixou tam triste a comedia. Barão de Saint-Germain, a duqueza minha filha espera o braço de seu noivo para a conduzir ao baile — em quanto eu lhe não dou a mão para o rompermos ambos.

Tocam os menestreis. El-rei sai precedido dos reis d'armas, etc. O barão de Saint-Germain fica ao pé de Dona Beatriz. Chatel em distancia. — Paula entra, ja em traje ordinario, pela mesma porta por que sahira o auto. Chatel se approxima d'ella cortejando. Paula corresponde friamente. Vão continuando a sahir as damas e senhores da córte.

SCENA XII

DONA BEATRIZ, SAINT-GERMAIN, CHATEL,
PAULA, IGNEZ DE MELLO, DAMAS, etc.

SAINT-GERMAIN

El-rei, que ja está na outra sala, me concede a honra de conduzir a Vossa Alteza . . .

DONA BEATRIZ, accordando

Para onde? Ja embarcar? oh! não, por piedade! Ainda não.

SAINT-GERMAIN

Embarcaremos quando mandar Vossa Alteza . . . Agora só tomo a liberdade de lhe lembrar que el-rei a espera.

DONA BEATRIZ, cahindo em si

Tendes razão: vamos. — Paula, vinde comigo. (*Paula inclina-se duvidando.*) Vinde, que mando eu.

Paula, inclinando-se com respeito, obedece. Olham uma para a outra significativamente, e proseguem

CHATEL, áparte

Aqui ha mysterio! E eu heide descobri-lo.

ACTO TERCEIRO

Recamera do galeão Sancta-Catharina, riccamente tapeçada de velludo carmezim com franjas de ouro. No fundo as varandas de poppa abertas. — A um lado a porta que leva ao camarim da infante com reposteiro igual á tapeçaria, e n'elle as armas partidas de Portugal e Saboya. — Do outro lado ve-se o principio da ponte ou comunicação de pranchas que une o galeão ao caes. — A um canto almofadas com a tapeçaria formando uma especie de divan.

SCENA I

BISPO DE TARGA, CONDE DE VILLA-NOVA, GARCIA DE REZENDE, SAINT-GERMAIN, JOFRE-PASSERIO, CHATEL. *Os REIS D'ARMAS e ARAUTOS postados á porta do camarim da infante; ARCHEIROS no principio da ponte. Os SENHORES DA CÔRTE formam grupos e conversam entre si.*

CONDE DE VILLA-NOVA

Sabereis, senhores, que lbe obedecem os astros ao nosso Gil-Vicente, como se fôra a Pedro-

Nunes que se intendia com elles. — A lua cumpriu a palavra que inda agora nos deu, lá no auto. Ella ahi está bella e radiante para acompanhar a armada. E Jupiter quasi que não brilha menos. Como elle bate n'estas aguas do Tejo com seu raio de prata! — Deliciosa noite! (*Entra para dentro*) E a alvorada não promette ser menos.

PASSERIO

E é de servir o vento, senhor conde almirante?

CONDE DE VILLA-NOVA

Optimo. Teremos uma monção de rosas. — Ora deixe-me ver: a maré da uma ás quatro. Isto é meia noite. — D'aqui a tres horas começarei a manobrar... não mandando Sua Alteza Ducal o contrario; que o meu pendão de almirante não se alla senão por baixo do estendarte partido de Portugal e Saboya.

GARCIA DE REZENDE, fallando com o bispo de Targa

Quando el-rei Dom João — o principe Dom João que então era — foi á jornada de Africa, levava...

CONDE DE VILLA-NOVA

Eram fortes viagens essas ! Agora vamos a Malaca como então se ia a Ceuta, e bordejámos alli no Mar-Vermelho como então se bordejava aqui no Restello.

GARCIA DE REZENDE

Sois para muito, e muito se faz agora, senhor conde: mas de lá vem, de lá vem. — Lembraevos que foi el-rei Dom João quem vós pôs a caminho da India; e se lá chegastes, a elle o deveis. Fostes mais felizes, elle trabalhou mais.

CONDE DE VILLA-NOVA

Não me parece isso de leal vassallo, senhor Garcia de Rezende: desmerecer assim na glória d'el-rei nosso senhor ! tam criado sois d'elle como fostes d'el-rei Dom João.

GARCIA DE REZENDE

Perdoareis, senhor conde de Villa-nova: sou mais criado d'el-rei que Deus guarde do que fui de quem está em glória. — Lá creio firmemente que descança aquella grande alma ! — Esse chamava-me *seu amigo*. — Mas nem a memória do

defuncto nem a presença do que reina me farão dizer o que não é. — O felice reinado do senhor Dom Manuel é o tempo da colheita; seu primo gastou a vida a semear. Vamos, senhor conde, que a ambos devemos muito. — Isto é achaque de velhos estar sempre com o passado. Não sei se fazem melhor . . . os moços que se esquecem d'elle.

CONDE DE VILLA-NOVA, olha com desdem para Garcia de Rezende e vai para Saint-Germain que está intertido com Chatel

El-rei demora-se bastante, senhor barão. Ha mais de uma hora que alli está fechado com a senhora infante no seu camarim. É natural. A ambos lhes custará separarem-se. Mas faz-se tarde e . . .

SAINT-GERMAIN

Dizeis bem: é uma longa entrevista, senhor conde; mas devemos respeitar o motivo.

CONDE DE VILLA-NOVA

Certamente.

UM ARAUTO

El-rei!

Levantam-se todos e se compõem em attitude de respeito

SCENA II

Os MESMOS, DOM MANUEL, *sahindo do camarim*, DONA BEATRIZ, *que fica á porta*, IGNEZ DE MELLO, *etc.*

DOM MANUEL

Basta, não venhas ca fóra, minha filha. — Outro abraço, (*abraça-a*) minha Beatriz. — Não saias da tua camara, que está muito fresco aqui. — Filha! (*Volta para traz outra vez, e falla-lhe ao ouvido*) (*Alto*) Toma sentido, lembra-te do que me prometteste. — Ve se t'ó mereço, Beatriz...

DONA BEATRIZ, *soluçando*

Meu querido pae!...

DOM MANUEL

Bem, bem: estou satisfeito: não fallemos mais n'isso. — Se poder ainda te irei ver ao Restello... Nossa Senhora de Belem quero que lhe chamem agora. — Verás que bella figura ja fazem do mar as arcadas da minha igreja — a memoria que levantei a este grande feito em que Deus foi servido que eu tivesse minha pequena

parte. — De ha muitos seculos é o maior acontecimento do mundo, senhor barão. — É o monumento da descoberta da India, a nossa igreja de Belem — que ja vistes, mas que vos parecerá melhor do mar. — Hade ser o nosso jazigo, meu e de meus filhos. — A Batalha é de outra magnificencia: não ha dúvida. Mas deixei-me das capellas que alli comecei, porque me quero aqui ao pé do mar. Somos gentes do mar nós agora.

SAINT-GERMAIN

Reinam vossos pendões sôbre elle, senhor: justo é que Vossa Alteza esteja perto para receber a vassallagem.

DOM MANUEL

Adeus, minha filha!

DONA BEATRIZ

Meu pae!

DOM MANUEL, abraçando-a

Não é a última despedida, filha. Até logo. — Senhores, os que somos de terra deixemos repousar os navegantes; que ja pouco lhes fica

para isso. — Conde de Villa-nova, escuso incomendar-vos cuidado: sempre fostes bom servidor. — Vamos, senhores. — Minha filha, adeus!

Dona Beatriz beija a mão a el-rei: o mesmo faz o conde de Villa-nova, bispo de Targa, damas e senhores da casa da infante.

SCENA III

DONA BEATRIZ, CONDE DE VILLA-NOVA, SAINT-GERMAIN, JOFRE-PASSERIO, BISPO DE TARGA, CHATEL, IGNEZ DE MELLO, DAMAS, etc.

Dona Beatriz deixa cahir-se sôbre as almofadas que estão a um canto da recamara, e fica como absorvida em seus pensamentos.

CONDE DE VILLA-NOVA

As ordens de Vossa Alteza Ducal são?

DONA BEATRIZ

Que ordens, conde?

CONDE DE VILLA-NOVA

Para a partida, para levarmos ferro.

DONA BEATRIZ

Que se cumpram as ordens d'el-rei meu senhor.

CONDE DE VILLA-NOVA

Então começaremos a suspender á volta das tres; e ás quatro desceremos com a maré.

DONA BEATRIZ

Sim, sim: o que el-rei mandou. — E ide descansar, que o haveis mister. — Esperae, conde. **Mandar-me-heis ésta carta ja para o paço.**

Saint-Germain e Chatel deitam olhos suspeitosos á carta. O conde a mette nas pregas do saio; beija a mão á infante e parte

SCENA IV

Os MESMOS, menos o CONDE DE VILLA-NOVA

CHATEL, áparte a Saint-Germain

Vistes, senhor barão?

SAINT-GERMAIN, áparte a Chatel

É uma carta: não se segue que . . .

CHATEL, fallando consigo

Para mim segue-se muito. — Parece-me que

ainda temos grande tormenta antes de começar viagem. — Estarei alerta.

DONA BEATRIZ

Podeis retirar-vos. — Estais dispensados de todo o serviço por agora.

Beijam-lhe todos a mão e sahem, menos Ignez de Mello

SCENA V

DONA BEATRIZ, IGNEZ DE MELLO

DONA BEATRIZ

Ide repousar, que é tarde. — Ignez de Mello, incostae-vos ahí no meu camarim, para se eu chamar; que n'estas almofadas fico por ora, quero respirar este ar puro — é da minha terra ainda. Esperae, Ignez: dae-me d'aquelle cofre que ahí hade estar dentro, aquelle que me trouxe da China Fernão Pires, a viagem passada — um livro que lá heisde achar. Não o desabrocheis, que tem papeis dentro. (*Ignez de Mello sai, e volta com um livro de quarto, grosso, com broches de prata*) Esse é: acertastes.

IGNEZ


Vossa Alteza não lê por outro: tinha-o á mão para lh'o dar.

DONA BEATRIZ

Bem está. — Ide descansar.

SCENA VI

DONA BEATRIZ

 Este livro! . . . São nossos tristes amores contados por um modo que os não entenderá ninguém. E aqui está a verdade, toda — mas posta por elle com aquella alma que sabe dar a tudo! — E de tudo o que me fica é este livro. — Nada é ja do que foi: está em historia como as coisas passadas! — Se vierem a eserevélo por ésta invenção que agora veiu de Allemanha, e que chegue ás mãos de todos, quantos não chorarão sobre nossas desgraças! — Eu sei! Carpi-lo-hão talvez a elle, accusar-me-hão a mim. — A mim não, ^q ~~que~~ bem delicadamente incobertos deixou os nomes todos — menos o seu. — Generoso coração de homem! (*Levanta-se*) Oh! que tem o mundo para me dar que me compense o que perco aqui!

— Ah meu pae e meu senhor, o soldado que por vós vai morrer nas arêas d’Africa, ou nos palmares da India, não vos faz tammanho sacrificio. — (*Torna a recostar-se*) — SAUDADES! Que titulo lhe pôs! — Adivinhava que d’ellas haviamos de morrer. (*Lé*) « Sôbre um verde ramo, que por « cima da agua se estendia, veio pousar um rou- « xinol; começou a cantar tão docemente que de « todo me levou após si o meu sentido de ouvir; « e elle cada vez crescia mais em seus queixu- « mes, que parecia que como cançado queria « acabar; senão quando, tornava como que come- « çava; então — triste da avezinha! — que estan- « do-se assim queixando, não sei como se cahiu « morta sôbre aquella agua . . . »

SCENA VII

DONA BEATRIZ, CHATEL

DONA BEATRIZ, erguendo os olhos de repente do livro, dá com Chatel que a estava espreitando e que não pôde fugir sem ser visto. Levanta-se com dignidade

Que fazeis ahi, senhor secretario? Não *man- dei eu* a todos que fossem repousar?

CHATEL

Tinha sahido alli — a tomar ar . . . Pareceu-me ouvir que Vossa Alteza chamava.

DONA BEATRIZ

Quando o fizer, não será por vós. — Não chamei ninguem agora. — Obrigaes-me a ir fechar-me no meu camarim para estar livre de . . . — Bem. — Ficae pois ahi. — Alguem virá do paço em minha procura: chamae logo Ignez de Mello . . . Mandae-a chamar. — (*À parte*) Importuno de italiano!

SCENA VIII

CHATEL, só

Offendeu-se minha augusta ama. — Poh! — Mas aquella historia do auto tem segredo que é preciso penetrar. E se eu chego a ser bem senhor d'elle . . . que farei? — Deitar a perder a infante, declarar tudo ao duque? — Tam louco sou eu! Nada. — Basta que a duqueza saiba que eu sei o que ella não quer que se saiba: está feita a minha fortuna. — Quem temos? — Oh! a bella Paula. — Ésta é do conselho íntimo, como dizem os

tudescos. E fina como um flamengo de Carlos V.
— Mas vejamos sempre se pesco alguma coisa
n'estes máres.

SCENA IX

CHATEL, PAULA-VICENTE

CHATEL

Por aqui, formosa e discreta Paula?— Não vi
o vosso nome na lista: de que muito me pèza.
— Mas sabeis que foi el-rei de Portugal quem
nomeou os officiaes, damas, cavalleiros e todos
os que hão ser da viagem. — Para mim ja ella
será triste com a falta de uma pessoa . . .

PAULA

Sei muito bem que não tenho a honra de ser
da viagem da senhora infante-duqueza. Nem
aqui venho a éstas horas, senão porque me or-
denou que lhe viesse beijar a mão, de última
despedida.

CHATEL

Póde ser . . .

PAULA

E é.

CHATEL

É certamente: basta affirmá-lo bôcca tam formosa. — Mas é muito mais de meia noite. El-rei ja se retirou. A senhora duqueza fechou-se no seu camarim. Não tardará a começar a manobra da nau. E não sei, bella Paula, se é possível...

PAULA

Nem eu. Mas sei que ha um quarto de hora, e ja depois de el-rei estar de volta no paço, me mandou a senhora infante recado, por letra de sua mão, para que viesse logo e sem detença — Eu obedeci: vós fazei como quizerdes. — Mas... não me irei d'aqui sem que Sua Alteza me mande. (*Sentando-se nas almofadas.*)

CHATEL

O meu desejo é servir-vos como mereceis...
— Vou mandar ver se a senhora Dona Ignez...

PAULA

Avisae a quem quizerdes. O nosso costume das que somos criadas é entrar sem essas formalidades. — Eu, ainda que humilde, sou criada de Sua Alteza, e sempre mereci a minha ama...

CHATEL

Bem, bem; tudo mereceis. — E porque não haveis de ser d'esta viagem, bella Paula? Queria que as nossas italianas, tam presumidas de seus olhos pretos, vissem uns olhos portuguezes que as mattassem d'inveja.

PAULA, seccamente

Sois galante.

CHATEL

De galantes vos verieis vós perséguida em Turim. Sabeis lá que terra é Italia para galantes!

PAULA

Inda bem que não vou: é raça que muito me injoa, a dos galantes.

CHATEL

Como assim! tam bella e tam discreta, e galantes vos infadam! — Percebo. (*Com finura*) — A *Providencia* dispoz ja talvez de seu coração . . . Lá me pareceu que n'aquellas «côrtes de Jupiter», n'aquelle parlamento celeste havia orado-

res inspirados por um sentimento mais vivo . . .
 Eram tam poderosos, tam irresistiveis os feitiços
 e esconjuros d'aquella moura . . .

PAULA, áparte

Confirmemo-lo n'este ingano: duvida ainda.
 Oh meu Deus, quem me diria! Até a verdade
 precisa fingida, e se ingana com ella! (*Alto*) Vejo
 que sois penetrante, senhor secretario. E ben
 dizem que não ha esconder nada da finura de
 vossa nação. — (*Áparte*) Com italiano, italiano e
 meio. — (*Alto*) Pois bem; confessar-vos-hei tudo,
 ja que sabeis tanto. — Estou em grande ância e
 appertura. Era um homem o que fez de moura no
 auto; um homem que me amou, que . . . indou-
 deceu de puro amor. — Ia-nos perdendo hoje a
 meu pae e a mim . . . fez um estranho alvorôto
 na côrte. Misturou os seus loucos amores com o
 papel do auto . . . — Verdadeiramente ainda não
 estou em mim com o susto que tive. — Mas se eu
 o amo; se apezar de tudo, não posso deixar de
 amá-lo! (*Com enthusiasmo*) — Se para o adorar e
 servir — nem a morte nem a infamia deante de
 mim . . . Oh meu Deus!

CHATEL, áparte

Não era com a outra, — esta visto: assim não se finge, vem-lhe do coração.

PAULA

A senhora infante que me protege — (*Áparte*) — ou eu a ella; horrorosa situação a minha! (*Alto*) quer . . .

CHATEL

Interessar-se por vossas coisas . . . Intendo: negocio de casamento, é a madrinha . . .

PAULA, áparte

Sou eu, eu é que sou a madrinha . . .

CHATEL

Coisa tam natural, tam louvavel. — É um anjo a senhora infante. — Vou ja fazer chamar Dona Ignez . . . — (*Áparte*) e tranquillizar de todo os escrupulos do barão. — Enganei-me com effeito; perdi o meu tempo: vou ver se o reparo, dormindo um pouco antes que comece a maldita algazarra da manobra.

SCENA X

PAULA-VICENTE, IGNEZ DE MELLO

PAULA, apenas Chatel se retira, corre com os olhos rapidamente a camara, palpa as tapeçarias, — sente que uma do lado opposto ao camarim da infante está em vão, levanta-a. Immediatamente chega ao lado com que communica á ponte do caes, e faz signal com um lenço. — Bernardim-Ribeiro acode. — Paula, sem lhe dizer uma palavra, o toma pelo braço, e impurra violentamente para o vão da tapeçaria, que deixa cahir; e diz pondo o dedo na bôcca.

Silencio!

No mesmo instante se abre a porta da infante, e sai

IGNEZ

Manda a senhora infante-duqueza que aguardeis um instante, e ja vos fallará.

SCENA XI

PAULA-VICENTE

E eu . . . eu é que assim arrisco a minha vida, minha fama para lhes valer em seus amores! — Todas as delicias d'este adeus derradeiro — a mim m'as devem! A mim que o amo, — que a detesto . . . Oh, não detesto, não. — Pobre Beatriz,

tam boa, tam innocente, tam timida!... Tu
 amas, desgraçada, e muito! D'elle te apartam,
 para longe te levam aos braços de outrem! —
 Reclinada no peito do estrangeiro, mesquinha!
 — tu estremecerás com as abhorrecidas caricias
 de um espôso indifferente; e o asco dos beijos de
 um marido que não amas, que em teu coração
 trahiste ja — te arripiará os cabellos, te ingulhará
 como peçonha! — Mas vais... E vives! E aca-
 barás por te acostumar. — Cintra e suas árvores
 tam verdes, Collares e suas relvas tam viçosas,
 tam estrelladas de flores — te parecerão como um
 sonho de infancia — singello de mais, innocente
 que infada, para quem passeia pelos recortados
 florões de teu magnifico jardim italiano... Cos-
 tumar-te-has á natureza affectada e facticia; e a
 natureza verdadeira te parecerá impossivel. —
 E que importa! — As grandezas, o poder, a for-
 tuna, a ambição, ahi estão para compensar o
 perdido. — Mas aquelle infeliz, que não tem ou-
 tra glória, outros desejos, outra existencia, ou-
 tra vida mais que esse funesto amor que o matta
 — desgraçado! — oh, para esse é que todo vai o
 dó do meu coração. — Inexplicavel martyrio que

é o meu! — Amo-o; e ja não é possível que eu ame outro homem senão elle. Amo-o; e assim me impenho em seus amores com outra, — com uma rival que devia detestar, e não detesto — quero-lhe antes, sirvo-a, deixo calumniar a minha para salvar a sua honra! . . . (*Longo silencio*) E se alguém disser: — « Paula-Vicente, filha do comediante, tu fizeste como os chocarreiros do palacio; serviste os amores de tua ama — e pelo pão com que mattavas a fome, vendeste a uma princeza o teu amante. » — Di-lo-hão, meu Deus! — di-lo-hão: — e eu ficarei infame . . . (*Reflete; e ja resoluta*) — Que o digam. Vil sería eu a meus olhos, se, para servir a este ciume que me ralla as intranhas, que me confrange os ossos — negasse a dois infelizes o amparo que só eu posso dar-lhes . . . (*Fica por muito tempo com os braços cruzados, olhando fita para o sitio em que está escondido Bernardim-Ribeiro*) Ei-lo alli está, alli que, escondido e protegido por mim, conta os instantes que espera . . . — E não é por mim que elle espera. — Oíço-lhe quasi as pulsações impacientes do coração que lhe bate d'ância . . . E não é por mim que elle bate. — Ve-la-ha, e a

mim m'ò deve. — Protestar-lhe-ha de seu amor eterno . . . e eu sejei testimunha do juramento que todas minhas esperanças destroe. — Ouvirá que é amado . . . saberá . . . receberá . . . — E eu, eu . . . — *(Com amarga alegria)* Mas em poucas horas este pavimento hade começar a mover-se, estes lenhos tomarão azas e fugirão por máres a fóra com todos esses votos de fidelidade e ternura . . . Oh! quem não suspiraria pelo dia de ámanhan! — Eu. — Eu que sei que elle hade ser mais negro ainda que o de hoje. — Eu, a orgulhosa filha do comediante, eu, que de frente ou-saria lutar com minha poderosa rival, eu não heide valer-me da sua ausencia — não me aproveitarei de seus despojos — O mundo que falle. A filha do comediante é grande a seus olhos.

SCENA XII

PAULA-VICENTE, DONA BEATRIZ

DONA BEATRIZ, abrindo a porta do camarim

Paula, minha boa Paula, venho eu mesma abrir-te, que não quero ninguem entre nós n'es-

tas horas derradeiras de nossa despedida — Meu Deus, eu não tinha senão ésta amiga: mandam-me desterrada, e até d'ella me privam! — Entra, Paula, que se me arromba o peito se não desabafo contigo de tanta mágoa que aqui está. Vem: tenho muito que te dizer.

PAULA

A mim, senhora! — a mim tendes que dizer! Se fosse a . . .

DONA BEATRIZ

Não, Paula; ja agora não! Depois do que meu pae me disse, depois do que lhe eu prometti . . .

PAULA

Pois el-rei? . . .

DONA BEATRIZ

Sabe tudo: — não que m'ó dissesse, Paula; mas fallou-me d'um modo . . . deu-me uns conselhos . . . Oh que se me partia a alma de o ouvir! Não me reprehendeu, não me quiz invergonhar; chorou commigo . . . Tam bom pae! — Oh que mocidade a minha! — Não, não quero ver mais aquelle homem. E que lhe havia de eu dizer se o visse! Que lhe havia de eu dizer áquelle in-

feliz que me ama tanto, e que eu . . . que eu devo esquecer para sempre . . . (*Ouve-se ruido detraz da tapeçaria. Beatriz estremece*) Que seria isto? — Não estamos bem aqui, Paula: — Entra. São decerto boas duas horas. Às quatro dizem que sahiremos: Ai! d'aqui a duas horas começará a mover-se isto tudo; — e a minha terra a fugir para sempre — a minha terra, e quanto n'ella me prendia a ésta vida . . . vida que ja' agora não sei para que me serve. — Oh Paula, Paula, que noite a de hontem para ser a última! — Que terrivel surpresa aquella do auto! E o anel, o fatal anel . . . — Pois não m'o intregou o insensato! Não me restituiu o anel que lhe eu dera! — Não me disse! . . . Oh! queimam-me ainda aqui no ouvido as terriveis, as desdenhosas palavras que me disse aquelle louco. — E eu que me sentia morrer! — E meu pae alli, e todos . . . Tremo ainda quando me lembro que o podiam descobrir.

PAULA

Certo que maior imprudencia se não fez ainda. Accuso-me a mim mesma de ter concorrido para vos pôr em tammanho perigo.

DONA BEATRIZ

O meu perigo! — Bem pensava eu em mim n'aquelle instante. Ai! por elle é que eu tremia, Paula. Se o descobrissem, meu Deus! — Mas que amor, que força de amor não é necessaria para commetter ousadia tal! — Dir-lhe-has, Paula, tu que o hasde ver ainda, tu que es tam affortunada . . .

PAULA

Eu!

DONA BEATRIZ

Que has de tornar a vê-lo — dir-lhe-has que . . .

PAULA

Que muito lhe estranhaes seu atrevimento?

DONA BEATRIZ

Estranhar-lh'o! — Se prazer como eu tive então — misturado, é verdade, de pena tam cruel! — Se eu nunca senti o que senti então — se aquelle transe . . .

PAULA

Grande appertura seria, senhora: não a quizeréis tornar a passar . . .

DONA BEATRIZ

Oh Paula, a minha vida por outro instante
como aquelle.

SCENA XIII

DONA BEATRIZ, PAULA-VICENTE, BERNARDIM-
RIBEIRO *aparecendo*

DONA BEATRIZ

Ai! (*Desfallece: acode-lhe Paula.*)

BERNARDIM

E eu que não soube morrer n'aquelle instante!
Fui um covarde: não merecia viver até este:
não merecia ouvir de teus labios que morro ama-
do, que morro ditoso. Beatriz, Beatriz, eu venho
morrer a teus pés. (*Ajoelha e toma-lhe as mãos*) —
Tenho padecido o que nenhum homem soffreu
ainda; tenho levado uma vida . . . que, — se eu
fôra amaldiçoado de Deus . . . se n'este mundo
me começára o inferno por meus crimes — não
a podia ter peor nem outra . . . — Oh Beatriz,
foi dura a provança, longa a expiação. — Mas
este ceu, mas ésta hemaventurança não tinham
preço. — Oh Beatriz, deixa-me que te beije éstas

mãos, que te adore aqui, que de joelhos diante do anjo que me vem buscar, que me despena — que me remiu — eu viva estes minutos de extasi, de felicidade que não é, não pôde ser, não é da terra. — Tu es princesa, — eu sou um pobre trovador. Mas ésta coroa de gloria, não a têm os reis. De donde a houveste? — Do ceu, anjo, do ceu que te manda a este baixo mundo confortar uma alma que se perdia, que descreia ja de Deus, — que ia quasi blasphemar! — Estive, estive a ponto de blasphemar de ti! — Oh Beatriz, eu sou um monstro, eu não te mereço. — E mais, olha, se não for eu, nenhum outro homem te merece. — Tu es uma princeza; bem sei; eu sou um triste menestrel; já t'o disse. Mas, sabes tu? Aquella formosa rainha de Inglaterra beijou o trovador que dormia . . . — Meu Deus, dormirei eu, sonharei eu? — Oh deixem-me morrer antes de acordar. — Deixa-me aqui morrer a teus pés, Beatriz. — Beatriz, não te peço senão que me deixes morrer aqui a teus pés.

DONA BEATRIZ

E qual outra esperança ha para nós, Bernar-

dim?—Era piedade da sorte que nos mattasse aqui a ambos.

PAULA, áparte

Não posso ouvir isto. Parte-se-me alma: e ja não sei que sentimento é o que tenho no coração, se é paixão, se é dó, — ou se ainda tenho zelos! (*Vai precipitadamente para a varanda.*)

BERNARDIM

Ouve: a flor dos meus annos murchou-se na tristeza e no desconsólo, — myrrhou-se na esterilidade; sacudiu-lhe o vento do deserto as folhas desbotadas e séccas. — Que a hástea espere pelas aguas do hynverno que a apodreçam, — ou que a cegue ja a foice do ceifeiro . . . importa alguma coisa? — Nunca vivi atégora: tive estes instantes para avaliar a mercê do Creador em me dar o ser. — Morrer, para mim, é necessidade. Não sou eu que o quero, que o desejo; é que por força hade ser assim. — Poeta, dizes tu agora, — perdeste o juizo a phantasiar, — inlouqueceste. — Não, Beatriz, nunca me subiu a phantasia tam alto.

(*Ouve-se o apito de bordo*)

DONA BEATRIZ

Que será isto?...

PAULA, friamente, entrando da varanda

O apito do mestre. — É mais tarde do que supunhamos: vai começar a manobra. — Senhora, eu tive dó d'este homem: prometti-lhe de fazer com que vos visse um instante. — Deve a mim, a si proprio, e a Vossa Alteza sôbre tudo, não abusar agora. — Se nos demorâmos um momento mais, estamos perdidos todos...

(Segundo apito prolongado. Sente-se grande ruido de manobra, e vozeria da tripulação que trabalha)

DONA BEATRIZ

Sanctos do ceu! que já o galeão se move.

PAULA

Ainda não; ainda é possível escapar. (*Olha para o lado respectivo*) Ainda está fixa a ponte que toca do galeão no caes. — Senhora, adeus! Não sabereis nunca tudo o que fiz por vós. Adeus, lembrae-vos alguma vez da pobre Paula.

(O ruido cessa: Paula vai a beijar a mão da infante.)

BERNARDIM, em desvario afastando-a com violencia
e pondo-se em pé

Desgraçado do que tocar n'esta mão. — São duques, são reis, são principes? — Eu sou Bernardim-Ribeiro, o trovador, o poeta, que tenho maior coroa que a sua. — O sceptro com que reino aqui, ganhei-o, não o herdei como elles. —
Beatriz é minha.

(Ouve-se musica de charameis)

PAULA

Nossa é a deshonra e a morte.

DONA BEATRIZ

Paula, Paula, que é?

PAULA

El-rei que chega. — Já não ha remedio. —
(*Vai ver*) Já lá vem ao principio da ponte.

BERNARDIM

Quem?

PAULA

El-rei, que vem achar a infante sua filha com um homem escondido em sua camera. — Deva-

neae agora á vontade: já completastes a vossa obra.

BERNARDIM, cahindo em si, e com tranquillidade

Não tenhaes receio. Estou perfeitamente em meus sentidos. — Beatriz, um derradeiro adeus, um adeus até ao ceu! — A rôlla que perdeu o companheiro, deixa-se morrer de míngua sôbre o ramo lascado da árvore em que lh'o mattaram. . . — Éstas águas, em que ja haloíça o navio em que te levam — Beatriz! . . . (*Ajoelha e esconde o rosto entre as mãos da infante*) éstas águas que me roubam tudo. . .

(Ouve-se grande alarido)

PAULA

El-rei que entra. . .

BERNARDIM

Que tomem tambem a minha vida. (*Arremeça-se pela varanda do galeão, ao mar.*)

DONA BEATRIZ

Ai! (*Cai sem sentidos.*)

PAULA, olha para o rio, e volta em desespero

Ja vai seguido o galeão!

SCENA ÚLTIMA

DONA BEATRIZ, PAULA-VICENTE, EL-REI DOM MANUEL e SEQUITO. *Paula ajoelha juncto á infante estendida no chão, e lhe beija a mão muitas vezes, leva-a ao coração, e levanta-se precipitadamente. — N'este mesmo instante entra el-rei.*

DOM MANUEL

O último adeus, minha filha, um abraço ainda! *(Todos rodeiam a infante)* Ja o galeão vai navegado! Tomou-a o susto. — Filha! *(Á parte)* Eu constrangi sua vontade. — Meu Deus, se eu mattei a minha filha!

NOTAS

Nota A

Mattaram-lhe o Garção n'uma enxovia por escrever uma carta em inglêz..... pag. 139

Contam que certo Lovelace alfacinha da amizade do Garção, querendo escrever a uma menina ingleza a quem galanteava, pedira ao poeta que lhe trasladasse para a lingua da bella insular os seus « lusos namorados requebros ». Pamella não era para graças, ou não ingraçou com o auctor da missiva, e foi mostrá-la ão papá, que a foi mos-

trar ao marquez de Pombal, que mandou prender o pobre eremita de Aguas-sanctas cuja lettra conheceu ou lh'a denunciou alguem. Não faltou quem esclarecesse o caso e mostrasse a innocencia do poeta; mas o supposto delicto era pretexto e a causa verdadeira o odio do Pombal pela famosa «falla do duque de Coimbra, recusando a estátua» que o Garção compuzera para fustigar a vaidade com que o marquez se esculpíra em bronze no pedestal do Terreiro-do-paço.

Foi prêso em 9 d'Abril de 1771, sem processo; oito mezes esteve no segredo: e só expediram, pela secretaria d'estado dos negocios do reino, a ordem de soltura, muito d'antes promettida por el-rei á desconsolada esposa, em 10 de Novembro de 1772, algumas horas depois de o saberem morto.

Morreu no Limoeiro, nem o deixaram vir expirar em sua casa e pôr os últimos olhos moribundos na luzidia calva do padre Delphim! — Do mais que se passou na prisão não pude sabê-lo. Acaba-nos a historia do Garção na sua entrada para os ferros d'el-rei. Se elle era homem de bem, de ingenho e portuguez! — Elle e a sua historia deviam ter este remate.

Nota B

Para fazer um repertorio, a isso posso eu ajudar pag. 149

A formação de um repertorio nacional é a mais urgente das tres grandes necessidades do nosso theatro, e cuja satisfação mais hade facilitar a das outras duas. A experiencia de todas as nações — todas, todas sem excepção alguma — tem mostrado que, por mais e melhor que se traduza, não se consegue formar com traducções o theatro de um paiz onde o não ha, nem siquer additar o que ja exista. Não ha um só drama inglez que se sustente nas scenas de París. Os inglezes traduziram todo o repertorio francez de Luiz XIV; e não foram quaesquer traductores, até Dryden metteu mãos á obra; e de nem um só d'esses ricos trabalhos hoje ha memoria em Drury-Lane ou em Convent-garden. O mesmo se está vendo em Hispanha

Intendi, e estou firme, que formar o repertorio nacional era uma grande missão civilisadora,

que todos, que a Nação, que o govêrno — onde ha govêrno — deviam, não só auxiliar e proteger, mas promover e estimular. Ésta convicção me fez provocar o decreto de 12 de Outubro de 1838 que facilitou os premios do Conservatorio Real para as pçças originaes, e me fez aturar com paciencia os despeitos e malquerenças que d'essa instituição resultaram. Todos os que, levados do impulso que effectivamente se tem dado a este genero de litteratura, abi têm escripto para o theatro, experimentaram a desinteressada vontade, e quasi abnegação propria com que procurei auxiliá-los.

Para os animar e proteger, propuz, e consegui fazer passar, na Camara dos Deputados, a lei da propriedade litteraria que lhes segurava o razoado premio de seus trabalhos; e se passar na outra camara, estou crente que basta ella para nos dar um theatro nacional. Infelizmente a lei tem-se demorado quatro annos. Quiz suprir a sua falta formando uma especie de associação de *seguro-mútuo* entre os auctores para se protegerem contra as duras e *proverbias* tyrannias dos imprezarios. E communicando o plano aos meus amigos,

os Srs. A. Herculano e A. F. de Castilho, que por tantos motivos eu desejava se pozessem á frente da associação, chegou ella a estar, se póde dizer, formada; e por duas vezes, em 1838 e 1839, tive quasi arranjadas com a impreza do theatro as estipulações necessarias.

Não só falharam as minhas diligencias e esforços; mas d'ellas quiz tirar pretexto a ma-fe acintosa e baixa para me arguir do espantoso crime de querer tirar grossos proveitos de minhas composições theatraes. E se eu tivesse essa pretensão, forte peccado! — Mas não tive. Estão vivos e são os distinctos litteratos que sabiam, approvavam e cooperavam nos meus projectos, que sabem e testemunham o desinterêsse (quasi ridiculo n'estas eras utilitarias em que vivemos) com que os imprehendi e promovi. — Levei o meu louco escrupulo — certamente louco — ao ponto de intregar na caixa do Conservatorio Real, para se applicar ás despezas das escholas, o producto dos honorarios que recebêra do theatro o meu drama «O auto de Gil-Vicente»¹.

¹ Do que tenho em meu poder recibo em fórma, do thesoureiro.

Digo escrupulo louco, porque é falsa e viciosa vergonha em um homem de letras, o não querer tirar proveito d'ellas. É assim, é mau exemplo. dá ares de uma especie de fidalguice tola; mas eu tinha tomado a minha posição de mais alto, e intendi que descia, se fizesse de outro modo. E o que eu chamo *posição* aqui e chamei inda agora *missão*, não cuide alguém que era o tal cargo de Inspector geral dos theatros, de que me fizeram tanto favor em me aliviar; era uma coisa que eu sinto melhor do que sei explicar, e que desde que me intendo me fez sempre olhar para a restauração, ou antes fundação, do nosso theatro como para um objecto sancto e sublime, uma questão de independencia nacional, um ponto de honra para este paiz em que nasci.

Póde haver pois fanatismo, não ha affectação no meu desinterêsse. Algum proveito tenho tirado da publicação pela imprensa de meus trabalhos litterarios; e não me peja nem pèza d'isso.

Amigos, que eu sei que o são, exigem ha muito tempo que eu desse ao publico éstas explicações. Repugna-me occupar as columnas dos jornaes com coisas minhas tam pessoaes e particulares;

mas aqui não são tam mal cabidas. Cedo pois e faço-lhes a vontade, por lhes fazer a vontade : não que eu creia em que a mais clara verdade impeça de mentir quem faz gôsto ou tem interêsse em mentir ou em crer mentiras.

A calúmnia é como as trevas, quanto mais grossas são, *menos se vê*.

Nota C

Um factó notavel, cujas circumstancias exteriores minuciosamente nos deixou escriptas uma testimunha respeitavel pag. 151

É um dos opusculos de Garcia de Rezende, por titulo « Hida da infanta Dona Beatriz pera Saboya » que anda com as suas obras. Ahi se verá que o sarau do paço, o auto, o galeão Sancta Catharina e tudo o mais de que me servi, são perfeitamente historicos.

Nota D

A tragicomedia que n'aquella occasião compós e foi representada na côrte pag. 151

Veja a nota antecedente: Garcia de Rezende,

log. cit., fol. 99, ed. de 1752; Gil-Vicente, tom. 2.º, pag. 295 e seg., ed. de 1834.

Nota E

E talvez ainda se invergonhem..... pag. 154

No momento que se escreveu isto, ainda me eu affligia com destemperos: agora paraquê? Ou rir-se a gente, ou olhar com indiferença para tudo o que por ahi vai por essa terra, é o que se póde e deve fazer sómente.

Nota F

É boa, mas talvez imperfeita ésta figura, pag. 163

A razão por que se não desinvolveu mais amplamente o character de Gil-Vicente ja se deu no prologo.

Nota G

A desfeita de o collocar (André de Rezende) entre as pessoas mudas.... O historiador (Garcia de Rezende) apenas falla, o antiquario e moralista nem abre a bôcca, etc. pag. 164

Se o auctor fosse a fazer a vontade ao elegante

e urbano censor, era preciso fazer uma comedia maior que as de Jorge-Ferreira. É evidente porque se não fez.

Nota H

O auctor deve ao seu estabelecido credito de purista da lingua o fazê-las (certas phrases) justificar pag. 163

Não diz o censor quaes fossem: alguem quiz adivinhar que a principal d'estas phrases suspectas era — «que o fará á maravilha» porque este *á maravilha* se parece com o *à merveille* francez. E assim é que se parece, mas é legítimo portuguez comtudo.

Agora accrescentarei, por ésta occasião, que não creio em puritanismos exaltados de nenhuma especie. Em linguagem, em tudo, a sinceridade é indulgente e franca e inimiga de affectados rigorismos.

Nota I

Niña la casò su padre pag. 183

Estes versos, os das pag. 170, 215, 224, 225, 226, 227, 234, 236, 237 e 246 são textualmente

do drama «*Côrtes de Jupiter*» de Gil-Vicente, que n'esta occasião se representou, como aqui se diz.

Nota J

Este livro!... São nossos tristes amores contados por um motlo que os não intenderá ninguém pag. 278

No rigor historico é certamente anachronismo suppor já na mão da infante o livro das *Saudades de Bernardim-Ribeiro*, cujas primeiras linhas logo indicam ter sido composto depois de sua partida. — «Menina e môça a longes terras me levaram» diz o inamorado trovador. Mas não se fazia aqui uma história, senão um drama. Nem é absolutamente impossivel que, desde que se tractou definitivamente da partida de D. Beatriz, o apaixonado romancista a desse por ida e perdida para elle, em suas lastimadas queixas.

Em vez das poucas linhas que do mesmo livro lê a infante n'esta scena, podéra-se ter pôsto alguma coisa que imitasse os perdidos Echos de Bernardim-Ribeiro, um dos quaes começava — «Echo, pois pelo meu mal.» Assim o aconselham ao auctor; mas elle imaginou, porventura

com razão, que valia mais a prosa original de Bernardim-Ribeiro, do que os versos imitados seus, — que só imitados podiam ser.

Nota K

Arremeça-se pela varanda do galeão, ao mar (rúbrica) pag. 298

Em a nota E ao canto nono do poema « Camões » no 1.º vol. d'esta collecção, pag. 275, se promette illustrar o ponto d'estes amores de Bernardim-Ribeiro e de sua romanesca vida. Mas não me atrevo por ora a cumprir tal promessa. Aqui atirei com elle ao mar porque me era preciso: e o público disse que era bem atirado. É o que me importa. Se elle foi ou não a Saboya depois, como eu ja cuidei averiguado, se andou doido pela serra de Cintra, tambem me não atrevo a certificar. — O que parece mais certo é que *não morreu de paixão*, porque depois foi feito commendador da ordem de Christo, e governador de San-Jorge da Mina, onde talvez morresse de alguma carneirada: materialissimo e mui prosaico fim de tam romantica, saudosa e poetica vida.

Apprendei aqui, ó Beatrizes d'este mundo!

INDICE

	Pag.
Merope (advertencia)	7
Merope, tragedia	21
Gil-Vicente (introducção do auctor)	133
Prefacio dos editores	155
Gil-Vicente, drama	181
Notas	301





3 2044 048 707 756



Goog

